André Pires

Velhos em revista

envelhecimento e velhice nas páginas de Claudia e Playboy (anos 80 e 90)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da Profa. Dra. Guita Grin Debert.

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em _/_/_ .

Banca:

Prof.(a) Dr.(a)____________________

Prof.(a) Dr.(a)____________________

Prof.(a) Dr.(a)____________________

Dezembro/1998

UNIDADE BC
N.º CHAMADA:
V. Ex.
TOMBO BC/ 36442
PROC 229/99
C D X
PREÇO R$ 11,00
DATA 03/02/99
N.º CPD

CM-00120661-1

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

Pires, André
P665v Velhos em revista : envelhecimento e velhice nas páginas de Claudia e Playboy (anos 80 e 90) / André Pires . - - Campinas, SP: [s.n.], 1998.

Orientador: Guita Grin Debert.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Velhice. 2. Envelhecimento. 3. Antropologia social. 4. Comunicação de massa. 5. Comunicação e cultura. I. Debert, Guita Grin. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

ÍNDICE

Agradecimentos 4

Introdução 5

Capítulo 1: A Velhice como Construção Social 11

Capítulo 2: As Imagens do Envelhecimento e as Revistas 31

Capítulo 3:

Aqui entre nós. A revista Claudia 47

Panteras, gatas e coelhinhas. A revista Playboy 61

Perfil da redação das revistas 78

Capítulo 4: A Análise das Revistas 81

A batalha contra o tempo: relações com o corpo tendo em vista o processo de envelhecimento 86

Chegou a vez das amigas de mamãe: relações entre casais em faixas etárias diferentes 115

Mãe, a senhora sabe que dia é hoje?: relações entre pais e filhos adultos 128

A velhice e o trabalho 141

Conclusão 158

Bibliografia 170

Anexos 173

A pesquisa de que se originou esta dissertação teve o apoio financeiro das seguintes instituições:

- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (**CNPq**)
- Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (**CAPES**)
- Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (**ANPOCS**), através do "Programa de Dotações para Pesquisa da ANPOCS", com recursos da **Fundação FORD**

AGRADECIMENTOS

Dizem que a sensação de produzir uma dissertação de mestrado é comparável ao nascimento de uma filha. Pois bem, eu tive a sorte de ter produzido duas. Uma, cujo o processo de gestação supera em muito os noves meses e a outra, adorável, que só me traz alegrias. Não poderia deixar de registrar, logo no primeiro parágrafo, minha felicidade por ter contribuído para o nascimento de ambas, sobretudo, da Maria Luíza.

Minha esposa, Mariana, também merece um destaque especial. Afinal foi ela quem agüentou um pai por vezes ausente, cheio de vontades e esquisitices próprios dos gestantes. Mariana, esta dissertação é para você!

À profa. Guita Debert, minha orientadora, que sempre me incentivou a continuar o trabalho, mesmo nos momentos em que estava disposto a abandoná-lo. Devo a ela todas as eventuais qualidades desta dissertação, pois sempre esteve ao meu lado desde a escolha do tema até a redação final. Guita, valeu!

Devo, também, um agradecimento especial às duas profa. que participaram do meu exame de qualificação sugerindo importantes correções de rota da pesquisa e novas bibliografias. São elas profa. Dra. Anita Liberalesso Neri e profa. Dra. Heloísa André Pontes.

Aos professores do Departamento de Antropologia, especialmente, ao prof. Dr. Antonio A. Arantes pelas contribuições dadas em nossas conversas informais. Ao Antonio, um carinho especial pela força e incentivo dados durante o decorrer do mestrado.

Aos funcionários do IFCH, especialmente os da Secretaria de Pós-Graduação e Secretaria de Pesquisa, que nos auxiliaram em todos os trâmites burocráticos.

Gostaria de agradecer, também, Célia Pardi e Ricardo A. Setti pela gentileza com que me receberam.

Aos amigos que participaram diretamente através de suas leituras de textos meus ou mesmo de conversas informais, em especial, Pedro Meira Monteiro, Rafael Chambouleyron, Álvaro D'Antona, Igor Rennó Machado, Henrique José Domiciano, Júlio Assis Simões, Deborah Stucchi, Adriana Calabi, Marko Monteiro e Heloísa Buarque de Almeida.

Outros amigos, mesmo que indiretamente, também contribuíram, sobretudo, nos momentos de descontração. São eles: Ralph T. Sttetinger, Marcelo e Eduardo C. Andrade, Paulo Erbolato, Jorge A. Carreta, Paulo P. Burian, Mateus Bernardes, André Pereira César, Luis Marcelo e Guilherme Rangel.

Minha família não poderia ficar de fora. Octávio que, mesmo não sabendo, é um grande incentivador da minha carreira. Luzia que sei que está e estará sempre ao meu lado. Seu Paulo e Lú Graciano a quem tenho um carinho muito especial. Dona Marília, que odeia ser chamada assim, mas que sempre me incentivou a continuar a jornada. Pimpa, Beto, Karina, Talita, Tavinho e Márcio pelos momentos felizes. Francisca (Cristiana) Graciano pela força logística. Daniela, Felipe e Clara (?). Liminha, quase ia me esquecendo de você.

Ao CNPq e CAPES pela bolsa de mestrado dada durante a vigência da pesquisa. À ANPOCS, que através de um programa de dotações orçamentárias da Fundação Ford, deu-nos um auxílio fundamental para a finalização desta dissertação.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo da pesquisa que apresento nesta dissertação é analisar o modo como a velhice, o envelhecimento e os velhos são construídos por duas revistas brasileiras contemporâneas de circulação nacional. As revistas cujas matérias, artigos e reportagens (exceto o material publicitário) constituem-se a base desta investigação são *Claudia* e *Playboy*, respectivamente, revista voltada ao público feminino e ao masculino. Foram lidos e classificados (a partir de critérios que serão apresentados) todos os exemplares das duas revistas em dois intervalos de tempo: o primeiro, na década de oitenta (agosto de 1985 a julho de 1986) e o segundo na década de noventa (agosto de 1995 a julho de 1996).

Refletir sobre a velhice, o envelhecimento e velhos a partir de revistas cujo público leitor não é composto, preferencialmente, por pessoas de mais idade parece ser uma empreita, à primeira vista, um pouco esquisita. Afinal, se intencionamos trabalhar com a mídia, por que não escolher revistas voltadas ao público mais velho?

Essas perguntas, obviamente, nos molestaram durante o transcorrer de nossa investigação. Mas, à medida que enveredávamos no material de pesquisa mais acreditávamos que estávamos no rumo certo. As imagens sobre a velhice e o envelhecimento, de fato, não se restringem somente aos contextos em que as pessoas mais velhas são apresentadas. É possível, através de uma análise que considere as etapas da vida como construções sociais, perceber que mudanças observadas em faixas de idade mais jovens relacionam-se (e muito) com as concepções e significados atribuídos aos mais velhos. Uma jovem de 20 anos que vai ao geriatra ou compra cremes para evitar rugas no rosto pode dizer mais sobre

as formas como a vida adulta se desdobra e dos significados atribuídos ao envelhecimento do que várias entrevistas com pessoas idosas.

O entendimento de que as etapas da vida são construções sociais e que se relacionam constitui o ponto de partida de nossa reflexão e está logo presente no capítulo 1 desta dissertação. Nesta parte, tivemos a intenção em fazer uma breve apresentação teórica sobre esta concepção e discutir algumas questões relacionadas. Tratar a velhice como uma construção social significa, também, discutir trabalhos que procuraram estabelecer atributos universais a esta etapa da vida, a relação que se estabelece entre processos biológicos e processos culturais, a utilização da idade cronológica como o marcador para definir as etapas da vida e a classificação dos significados atribuídos à velhice como negativos ou positivos.

Se, por um lado, considerar as etapas da vida como *constructos* sociais nos oferece um instrumental teórico privilegiado, por outro, como tratá-lo a partir de uma análise focada em matérias produzidas pela mídia? É possível estabelecer uma ponte que ligue diretamente o que é veiculado pela imprensa com os valores e comportamentos de uma sociedade? Em nosso entendimento, esta parece ser uma questão bastante complexa que procuramos tratar, de forma breve, no capítulo 2.

Em primeiro lugar, estamos falando de imagens ou de representações sobre a velhice e o envelhecimento quando analisamos o material divulgado por *Claudia* e *Playboy*. Além disso, nosso pressuposto, quando analisamos o material produzido pelas revistas, é que os meios de comunicação não são meramente divulgadores de valores e comportamentos da sociedade. Antes, temos uma relação bastante complexa que envolve os criadores das mensagens, a mensagem em si e o público consumidor.

As revistas, ademais, constituem um recurso privilegiado na divulgação de saberes especializados que são apropriados pelos leitores dentro de um processo descrito como reflexividade do conhecimento. Nesse sentido, elas oferecem um porto seguro dentro do "mar de incertezas" (para usar uma expressão de Giddens) que caracteriza a vida contemporânea, indicando formas de consumo e de estilos de vida adequados aos seus leitores.

Uma vez que não se fará um estudo sobre as recepções das mensagens, nosso próximo passo foi descrever as revistas analisadas. A escolha das revistas *Claudia* e *Playboy* não foi acidental. Nosso interesse ao processar essa escolha foi analisar as diferenças entre as imagens da velhice e do envelhecimento tendo em vista o público leitor preferencial das revistas. Além da perspectiva comparativa, intencionamos, também, avaliar quais as mudanças internas observadas nas revistas nos últimos dez anos.

O capítulo 3 inicia com a descrição das duas revistas e das mudanças visuais mais significativas entre os anos analisados, além da comparação entre os dados sobre o perfil dos leitores das duas revistas na última década. Encerrando esta parte, apresentamos dados sobre a composição das pessoas que produzem as revistas fruto de uma investigação, encabeçada por nós, junto à redação de *Claudia* e *Playboy*.

Uma vez estabelecido nosso referencial teórico, nossa metodologia de análise, a descrição do material de pesquisa e da redação das revistas, nosso próximo passo foi analisar o material selecionado. Essa análise foi feita a partir da seleção de alguns sub-temas que mereceram atenção especial, a saber: a) *Relações com o corpo que tratam do processo de envelhecimento*; b) *Relação entre*

casais em faixas etárias diferentes; c) *Relação entre pais e filhos adultos* e e) *Relações de Trabalho*. Embora tenhamos dado atenção especial a estes sub-temas, não deixamos de relacioná-los dentro do conjunto no qual se inserem. Matérias classificadas em *Relação entre casais em faixas etárias diferentes,* por exemplo, fazem parte de um conjunto que tem também *Relação entre casais na mesma faixa etária*. Da mesma forma, *Relações com o corpo que tratam do processo de envelhecimento* faz parte de um outro grupo no qual foram classificadas matérias sobre *Relações com o corpo sem referência ao processo de envelhecimento.* Nossa intenção, ao propor uma análise deste tipo, foi a de dar uma característica menos absoluta e mais relacional aos números que serão apresentados.

Nas matérias que tratam da Relação com o corpo tendo em vista o processo de envelhecimento, pudemos notar, em primeiro lugar, que elas aparecem somente na revista feminina. Além disso, as rugas (e demais sinais físicos associados ao avanço da idade) são considerados como *sinais de maus tratos com o corpo das mulheres* resultado de estilos de vida e formas de consumo inadequados adotados em outras etapas da vida. Por outro lado, quando se trata da aparência de homens famosos apresentados pela revista, as rugas podem ser um sinal de charme e de beleza do homem maduro. Nossas observações, além disso, permitiram traçar dois conceitos de beleza que são propagados pelas revistas, um presente na revista feminina e outro na masculina. Na revista *Claudia*, quando se trata da aparência das mulheres o envelhecimento é uma referência quase que obrigatória e torna-se o mal a ser evitado às custas de muito esforço: comer direito, exercícios e visitas ao médico. A beleza da mulher deixa de ser algo que diz respeito somente à beleza externa e interioriza-se, fazendo parte de um conceito mais amplo, a saúde da mulher, que é conquistada através de muito sacrifício pessoal, controle do corpo e

em meio a dificuldades como doenças e problemas estéticos ligados ao avanço da idade. Na *Playboy*, a beleza não precisa ser conquistada, ela já se faz presente no homem e precisa ser somente mantida.

Em matérias sobre casais em faixas etárias diferentes, notamos que o avanço da idade pode se constituir de forma bastante diversa. Quando se trata apenas do prazer sexual, sobretudo, das mulheres, a idade mais avançada pode se constituir num benefício para a boa relação sexual. Mulheres mais velhas, libertadas de padrões e éticas de comportamento presentes em outras etapas da vida, podem desfrutar o prazer sexual através de um relacionamento com um parceiro mais novo. Por outro lado, quando o assunto envolve o mercado de casamento, ou relações mais duradouras em que não apenas a satisfação sexual esteja envolvida, a diferença de idade é algo que complica a boa relação entre o casal. Nesses casos, a diferença de idade é vista como fruto de interesses suspeitos por parte do mais jovem. Além disso, notamos um terceiro aspecto quando pessoas famosas que se relacionam com mais jovens. As pessoas famosas, nessa situação, têm o direito de juntar duas coisas que aparecem em separado nas matérias que tratam de pessoas "normais": a satisfação sexual e o relacionamento que envolve aquilo que chamaremos de companheirismo.

No conjunto de matérias classificadas em *Relação entre pais e filhos adultos*, igualmente, encontramos diferenças acerca da significação da idade avançada. Quando a idade avançada dos pais não se associa aos declínios físicos e mentais do envelhecimento, a relação estabelecida entre pais e filhos é cercada por carinho, compreensão e admirações mútuas. Por outro lado, se esta relação envolve perdas (como declínios físicos e mentais), ela torna-se problemática a ponto de filhos não saberem como lidar com pais, pais não saberem como lidar com filhos e a própria

revista ter dificuldades em expor esta situação. Além disso, é dentro dessa temática que a velhice aparece como uma situação marcada por perdas, em que as pessoas que vivem esta fase padecem da dependência dos filhos, doenças, abandono, morte, sofrimento, dificuldades de locomoção etc.

Em relação ao trabalho, podemos notar que há um esforço de ambas as revistas em dissociar a velhice do fim do trabalho. Encontramos vários exemplos de pessoas mais velhas que continuam com suas atividades profissionais. A aposentadoria é um tema pouco tratado e quando o é emergem problemas em relação à dependência dos filhos. No entanto, esses problemas podem ser facilmente superáveis para quem sabe se prevenir (através dos planos de aposentadoria privados). Se, por um lado, o exemplo de pessoas mais velhas desenvolvendo suas atividades é uma característica comum nas duas revistas, a maneira como homens e mulheres de mais idade são tratados é diferente. As relações de trabalho envolvendo homens e mulheres mais velhos são tidas como diferentes nas duas revistas.

O exame do material publicado em Claudia e Playboy mostra que a relação gênero e avanço da idade é distinta em função do público alvo destas revista. Iremos tratar disso em nossa Conclusão. Procuraremos, também, realizar uma síntese do que foi visto nessas páginas e, para fazê-la, recorreremos a algumas reflexões desenvolvidas no terreno dos estudos de identidade, especialmente, das relações raciais.

CAPÍTULO 1 - A VELHICE COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL

O entendimento de que etapas da vida representam investimentos culturais dados ao processo de nascimento, crescimento, maturação e morte constitui o ponto de partida de nossa pesquisa. Quatro questões, inter-relacionadas, devem ser levadas em conta a partir de nossa compreensão de que a velhice é uma construção social: o estabelecimento de universais, a relação entre processos biológicos e processos culturais, a utilização da idade cronológica como o marcador para definir as etapas da vida e a classificação dos significados atribuídos à velhice como negativos ou positivos.

Formação de universais

O estabelecimento de atributos universais presentes na velhice tem no livro *The Role of Aged in Primitive Society*, de Leo Simmons, um exemplo vigoroso. Segundo San Roman (1990), *The Role...*, publicado em 1945, representa um marco nos estudos sobre a velhice, pois, pela primeira vez, um autor propõe um estudo transcultural sobre o tema. Simmons trabalhou com 71 sociedades ditas primitivas e a partir de seleção de traços culturais, de caracterização de status e tratamentos dos velhos nestas sociedades formulou indutivamente fatores constantes que, segundo ele, estariam presentes na última fase da vida, os chamados "universais de Simmons". De acordo com o autor, os objetivos comuns aos velhos em todas as sociedades seriam: viver o maior tempo possível e terminar a vida de forma digna e sem sofrimento; encontrar ajuda e proteção em face da progressiva diminuição das capacidades e da auto-suficiência; manter o maior tempo possível uma vida ativa no que diz respeito aos assuntos e decisões em torno de seu âmbito de relações e

procurar manter o maior tempo possível seus proveitos e suas prerrogativas sociais (desde propriedade até autoridade, ou deferência por parte dos outros).

A partir de um outro contexto, Geertz (1978) propõe uma ruptura com algumas concepções iluministas presentes na Antropologia Clássica, como a tentativa de estabelecer leis universais que governariam a cultura (à maneira das leis que governariam a natureza, proposta por Newton), ou a concepção de que o homem seria um animal hierarquicamente estratificado, uma espécie de depósito evolutivo, composto de vários níveis, a saber, o orgânico, o psicológico, o social e o cultural. De acordo com o autor, as tentativas de buscar generalizações da humanidade se mostraram ineficazes porque os universais propostos tornaram-se categorias vazias. Não se trata de dizer que os universais são falsos ou sem importância, mas que auxiliam pouco na tentativa de se entender a vida social.

"O fato de que em todos os lugares as pessoas se juntam e procriam filhos têm algum sentido do que é meu e do que é teu, e se protegerem, de alguma forma contra a chuva e o sol não é nem falso nem sem importância, sob alguns pontos de vista. Todavia, isso pouco ajuda no traçar um retrato do homem que seja uma parecença verdadeira e honesta e não uma espécie de 'João Universal', sem crenças e credos." (Geertz, 1978:52)

Geertz sugere que o caminho para se aprender mais sobre o Homem pode não estar na tentativa de buscar universais, mas no estudo de suas particularidades.

"(...) pode ser que nas particularidades culturais dos povos - nas suas esquisitices - sejam encontradas algumas das revelações mais instrutivas sobre o que é genericamente humano. E a principal contribuição da ciência da antropologia à construção - ou reconstrução - de um conceito do homem pode então repousar no fato de nos mostrar como encontrá-las." (Geertz, 1978:55)

Os estudos sobre como o envelhecimento é vivido em diferentes contextos são importantes porque mostram que o avanço da idade pode ser vivido de maneiras muito distintas por diferentes culturas e menos pelo fato de existirem conteúdos universais invariantes. Os conteúdos universais existentes, exatamente

por serem genéricos demais, acabam revelando muito pouco da riqueza e diversidade da vida social. Viver o maior tempo possível e terminar a vida de forma digna e sem sofrimento, como diz Simmons, não é falso, tampouco, sem importância. Entretanto, nos ajuda pouco a entender que querer viver mais de maneira digna e sem sofrimento pode, em certos contextos, implicar numa negociação de valores e comportamentos que envolvem várias etapas da vida. A expressão "viver bem é ter uma pele jovem", tão comum nos guias de beleza de nossas revistas, indica que o avanço da idade pode pressupor uma série de cuidados com o corpo. Nessa situação, ter uma "pele jovem" deixa de ser um atributo de pessoas de determinada faixa etária para se tornar algo passível de ser conquistado, às custas de muito sacrifício, por indivíduos em diferentes idades.

O estabelecimento de universais, além de esclarecerem muito pouco sobre a riqueza pela qual a vida social se processa, torna-se, muitas vezes, um caminho privilegiado para a separação da existência humana em reinos naturais e culturais.

Processos biológicos versus processos culturais

A velhice é um fenômeno biológico ou cultural? Há sentido numa análise que considere a existência humana separada em um reino natural e outro cultural em que cada um seria governado, ou o espaço privilegiado, de determinadas relações, sejam elas tidas como naturais ou sociais?

Em algumas pesquisas que têm por tema a velhice, a separação entre *domínios naturais* e *culturais* leva, normalmente, a uma naturalização dos conceitos: as etapas da vida são vistas como pertencentes ao domínio biológico. Esse é o caso de Sônia Mascaro (1991) que trabalhou com imagens sobre a velhice nas páginas do jornal *O Estado de São Paulo*.

"A idade em que um indivíduo pode ser considerado idoso variou no tempo e no espaço. Numa determinada sociedade e em diferentes situações sociais, uma pessoa pode ser considerada velha aos quarenta, aos sessenta e até aos 30 anos. Com certeza a velhice é um fenômeno biológico, mas tempo, espaço, situação social, saúde, são variáveis importantes para sua conceituação."(Mascaro, 1991:25)

A autora considera a velhice como um fenômeno biológico e universal, portanto, uma etapa que está presente independentemente das formas de organização social. As diferenças existentes são diferenças de conteúdo: a história ou determinadas condições sociais, entendidas como variáveis, preenchem, dão particularidades e diferenças de significados a esta etapa, tida de antemão como natural.

A visão de que as etapas da vida não são marcações naturais presentes em todas as sociedades, mas investimentos culturais dados aos processos de nascimento, crescimento e morte tem na obra de Margaret Mead um dos exemplos mais famosos. Em seu estudo sobre os jovens em Samoa (Cf. Mead, 1973), a autora mostra que adolescência, entendida como um momento conflituoso e cheio de dificuldade, é uma construção das sociedades modernas, sobretudo a norte-americana, e não uma categoria natural, um estágio pelo qual todos os indivíduos devem passar[1].

No livro *Organização Social dos Tupinambá*, Florestan Fernandes (1963) destaca tanto a importância do meio social na definição dos diversos estágios da vida a ponto de rechaçar o próprio conceito de "ciclo de vida", segundo ele, em

---

[1] Podemos encontrar, também, na obra *História Social da Criança e da Família* do historiador Philippe Ariès um exemplo de como a adolescência é uma criação recente na história das sociedades ocidentais. "Não se possuía a idéia (*no séc. XVIII*) do que hoje chamamos de adolescência, e essa idéia demoraria a se formar (...) A consciência da juventude começou como um sentimento comum dos ex-combatentes (*após a 1° Guerra*), e esse sentimento podia ser encontrado em todos os países beligerantes, até mesmo na América de Dos Passos. Daí em diante, a adolescência se expandiria, empurrando a infância para trás e a maturidade para a frente (...) Assim,

virtude da forte conotação naturalista que o termo sugere. Para Fernandes, o ciclo de vida em si tem uma importância secundária uma vez que, ao etnólogo, não interessa saber que em todas as sociedades as pessoas nascem, crescem, se desenvolvem, envelhecem e morrem mas como, a partir do ciclo de desenvolvimento biológico, se constróem agrupamentos e quais os comportamentos esperados dos indivíduos que compõem esses grupos. Florestan sugere o termo "categorias de idade" para dar conta da dimensão cultural que é elaborada a partir do ciclo de desenvolvimento biológico.

No estudo das categorias de idade, acrescenta Florestan, o etnólogo tem que se reportar ao processo de desenvolvimento biológico, no entanto, dele deve extrair um esquema cuja validade não depende da coincidência com aquele fornecido pelo crescimento vegetativo (Cf. Fernandes, 1963:263). Tal como argumenta Malinowski, em um trecho citado por Florestan, o interesse do estudioso é perceber como os categorias de idade (grupos, classes etc.) se *transformam em categorias culturais.*

"(...) a função dos grupos de idade consiste na coordenação das características fisiológicas e anatômicas, como elas se desenvolvem no processo de crescimento, e a sua transformação em categorias culturais." (Fernandes, 1963:264)

Entre os Tupinambá, por exemplo, havia doze categorias de idade, sendo duas comuns aos recém-nascidos de ambos os sexos e as dez restantes distribuídas em cinco pares simétricos de acordo com o sexo dos indivíduos. As fontes utilizadas por Florestan indicam que o surgimento da menstruação é algo fundamental na passagem das pessoas do sexo feminino de uma categoria chamada *Kugnatin-miry* (traduzida como rapariga) para uma outra chamada *Kugnatin* (que reúne as mulheres antes do casamento). Uma primeira apreciação

---

passamos de uma época sem adolescência a uma época em que a adolescência é a idade favorita. Deseja-se chegar a ela cedo e nela permanecer por muito tempo." (ARIÈS, 1981:45-47).

poderia concluir que, entre as mulheres Tupinambá, o componente biológico determina a passagem para a nova categoria de idade (*Kugnatin*). Entretanto, argumenta Florestan, as transformações biológicas devem vir acompanhadas por um reconhecimento social, o que implica na atribuição de um status diferenciado à essas mulheres e, por conseguinte, na expectativa de comportamento tidos como adequados aos membros de uma mesma categoria de idade.

"(...) a moça perdia os antigos atributos e adquiria novos, sendo essa transformação marcada pelo reconhecimento social de sua maturidade biológica e pela atribuição de um status diferente na comunidade" (Fernandes, 1963:273)

Para os indivíduos do sexo masculino a referência ao ciclo de desenvolvimento biológico parece ser algo distante. Entre os homens, o casamento representa uma espécie de ápice do reconhecimento da maturidade social pois ele condensa três coisas fundamentais na vida de um tupinambá: torna-se um guerreiro; obtém o reconhecimento tribal da sua maturidade e contrai núpcias. Florestan mostra que a guerra tinha um papel fundamental na atribuição do status de um indivíduo e, consequentemente, na passagem para uma nova categoria de idade.

"Sem ela (guerra) a maioria dos jovens não poderia mudar de categoria. O sucesso alcançado nas provas a que se submetia determinava se o indivíduo poderia ou não contrair matrimônio. Com o casamento, o homem iniciava então a etapa de sua vida que culminava no reconhecimento de sua maturidade social" (Fernandes, 1963:286)

Na passagem da vida adulta para a mais velha não foi descrito um procedimento ritual tal como observado entre as categorias mais jovens. De acordo com Florestan, os mais velhos (tanto homens como mulheres) gozavam de prestígio e certas prerrogativas sociais em termos rituais e de alimentação, no entanto, algumas diferenças são expostas no convívio entre homens e mulheres de mais idade

"Apesar de seu grande poder e prestígio, as velhas eram poucos pranteadas e lamentadas. A mesma fonte explica esse comportamento pelo tipo ideal de beleza feminina dos Tupinambá. Eles gostavam `muito de ter mulheres moças´. De fato, o gênero de vida que levavam transformava-as, muito cedo, em verdadeiras ruínas humanas. Os homens, ao contrário, conservavam o garbor e o vigor físico da mocidade. `Entre os velhos e velhas nota-se a diferença de serem os velhos, veneráveis e apresentarem gravidade e autoridade, e as velhas encolhidas e enrugadas como o pergaminho exposto ao fogo´ " (Fernandes,1963:288)

As diferenças no comportamento entre homens e mulheres mais velhos são frutos da cosmologia Tupinambá em que os valores predominantes são os valores masculinos[2]. Não deixa de ser interessante, entretanto, relacionar as profundas diferenças entre a imagem quinhentista da pele da mulher mais velha "enrugada como o pergaminho exposto ao fogo" que indicava a "verdadeira ruína humana" na qual ela se transformou com a idade (oriunda das fontes de Florestan) com a significação das rugas que aparecem nas revistas contemporâneas. A pele enrugada, no primeiro caso, parece ser apenas uma expressão estética indesejável e não vem acompanhada, como veremos nas revistas atuais, de um sentimento de responsabilidade individual do corpo e das emoções. No contexto mais recente, as rugas passam a ser sinais de maus tratos do corpo e, portanto, os sinais físicos do envelhecimento são vistos como responsabilidade individual. Voltaremos a esta questão mais tarde.

O que nos parece essencial reter das colocações de Florestan é que a periodização da vida implica em investimentos simbólicos específicos. Os períodos

---

[2] "(...) as ocupações e o ideal de vida do homem e da mulher exprimiam fundamentalmente a diferença de posição social relativa de cada um na hierarquia tribal. As ocupações femininas eram apreciadas pelos Tupinambá, de acordo com sua escala de valores sociais, como ocupações secundárias, impróprias senão para as mulheres. Além disso, os homens gozavam de prerrogativas exclusivas como seres humanos. Segundo a cosmologia dos Tupinambá, via de regra somente os homens – e nem todos – atingiam o tipo de personalidade considerado ideal. As mulheres e as crianças, bem como os homens covardes e pusilânimes, dificilmente o conseguiam. Assim se explicava a exclusão desses indivíduos da sociedade sobrenatural dos antepassados. As diferenças de personalidade ligadas ao sexo eram, pois, muito importantes na determinação da conduta dos

em que a vida se desdobra, os comportamentos esperados dos indivíduos em cada um desses períodos, o modo como se dá a passagem de uma etapa para a outra varia de acordo com os contextos socioculturais. O componente biológico, nesses casos, somente se torna relevante na definição das etapas da vida quando é transformado em uma categoria cultural. Além disso, relações muito complexas entre as categorias de idade são estabelecidas sem o recurso da idade cronológica.

A idade cronológica e a psicologia do desenvolvimento

Como observa Meyer Fortes, muitos dos estudos transculturais sobre as idades acabam sendo etnocentristas pois, ao estudarem sociedades diferentes das sociedades ocidentais, acabam impondo a idade cronológica como critério de diferenciação que, muitas vezes, não corresponde à maneira pela qual as sociedades estudadas se organizam.

"A idéia de que o status (como a maioridade legal, por exemplo), as regras ocupacionais (...), as demandas sociais (como os benefícios da aposentadoria, por exemplo) e outras tantas ocorrências na vida pessoal e social devem ser reguladas por um cálculo correspondendo ao nosso esquema de regras ligados à idade cronológica é totalmente ausente em culturas tribais pré-letradas." (Fortes, 1984:99)

Nas sociedades ocidentais modernas, entretanto, o Estado com todo seu aparato político-econômico-jurídico tem nas idades cronológicas um mecanismo fundamental de classificação dos indivíduos e de imposição de políticas sociais. A idade cronológica passa a ser um recurso fundamental do Estado para o estabelecimento de leis que definem e determinam os direitos e deveres daquilo que se entende por cidadania. Em outras sociedades, os direitos e deveres podem

---

Tupinambá, sendo os atributos considerados masculinos encarados como atributos supremos e ideais." (Fernandes, 1963:293)

depender das posições que os indivíduos ocupam na família e no sistema de parentesco.

A idade cronológica aciona um sistema de datação que opera atomisticamente isolando o indivíduo enquanto unidade de referência. Nesse sentido, a idade cronológica como forma de organização social depende da existência do indivíduo como valor (Dumont, 1985).

As idades como construções sociais exigem a revisão dos pressupostos da psicologia do desenvolvimento que concebem o curso da vida como uma seqüência unilinear de etapas evolutivas, pelas quais todos indivíduos passariam, *apesar* das diferenças socioculturais. Essa revisão tem levado os psicólogos do desenvolvimento a complexificar a visão dos estágios seqüenciais.

Klaus Riegel (Kimmel, 1990), por exemplo, considera que existem quatro grandes elementos do desenvolvimento: o biológico; individual-psicológico; cultural-sociológico e fatores externos[3]. O desenvolvimento é representado como uma relação complexa, por vezes contraditória, entre esses elementos. Uma pessoa, por exemplo, tem capacidade biológica para se casar mas não possui maturidade individual-psicológica. Outros, por exemplo, têm as duas mas não possui condições econômico-sociais.

O modelo de desenvolvimento, proposto por Riegel, nos parece interessante pois complexifica a noção do desenvolvimento humano fugindo dos determinismos próprios de uma noção de desenvolvimento seqüencial. No entanto, o fator biológico é sempre social uma vez que não há sentido em tratá-lo de maneira separada e, como nos ensina Florestan, ele só ganha importância quando

relacionado com os chamados "fatores sociais", ou seja, quando é transformado em uma categoria cultural. Além disso, uma teoria desse tipo sugere a elaboração de um modelo perfeito de desenvolvimento que emergiria a partir da confluência ideal entre os quatro fatores em todas as idades. Não significa que o autor tenha proposto tal modelo ideal, mas sua teoria propicia um desdobramento como esse.

O modelo de desenvolvimento proposto por Baltes (Cf. Kimmel, 1990:21) também rompe com a idéia de um desenvolvimento linear e seqüencial da vida. Quatro fatores estão presentes em seu entendimento sobre o processo de desenvolvimento. Em primeiro lugar, o desenvolvimento pode começar em qualquer período da vida, ou seja, ele não necessariamente começa na infância, passa pela vida adulta e estende-se até a velhice. Nem todo processo de atividade humana, ademais, segue uma linha reta, alguns tendem a ser a ser curvilíneos[4]. Vários processos de desenvolvimento podem ocorrer em diferentes idades e há consideráveis variações entre o indivíduos em seus processos de desenvolvimento.

O desenvolvimento é pluralista porque pode começar em diferentes pontos e seguir diferentes cursos dependendo do aspecto do desenvolvimento em questão. Além disso, ele é pluralista pois as influências no desenvolvimento podem assumir diferentes formas. De acordo com o modelo proposto por Baltes, há três tipos de influências gerais que podem ser identificadas e que afetam o desenvolvimento: as grades de idade normativas; grades históricas normativas e as não normativas[5]. O

---

[3] No original *outer-physical* (KIMMEL, 1990:18). Esses elementos podem ser a ocorrência de determinadas condições econômicas, como a crise de 29, ou guerras.

[4] Atividades de lazer, por exemplo, podem ser mais potencializadas na infância e na velhice. Na meia-idade, as obrigações de trabalho e cuidado com os filhos reduziriam o tempo disponível para tal atividade.

[5] *Grades de idade normativas*: influências sociocultural e biológicas que são ligadas às idades, tais como o processo de maturação durante a infância e eventos que ocorrem na vida adulta e envolvem a família, educação e as ocupações. *Grades históricas normativas*: influências do meio ambiente, cataclismos e mudanças sociais que afetam a maioria dos membros de uma cultura. Os efeitos

impacto desses três tipos gerais de influências varia de acordo com os indivíduos e seus comportamentos, entretanto, Baltes propõe que cada tipo geral de influência tem um significado especial em cada momento da vida. Assim sendo, as influências da grade etária normativa têm maior impacto no começo e no fim da vida, as influências das grades históricas exercem maior impacto durante a adolescência e as influências não normativas aumentam regularmente da infância até a vida mais velha.

A partir do pressuposto de que os acontecimentos históricos afetam de maneira diferenciada as pessoas durante o decorrer de suas vidas, alguns estudiosos do desenvolvimento tendem a pensá-lo através do estudo das coortes.

Uma coorte corresponde a um grupo de pessoas que nasceu durante um mesmo período de tempo. Por exemplo, a coorte dos nascidos em 1920 ou dos nascidos entre 1920 a 1930. As pessoas que compõem uma determinada coorte nascem, crescem e envelhecem em conjunto e, por isso, vivem e são expostas a certos tipos de influências e experiências comuns, tais como serviços do Estado (educação, benefícios sociais: seguro desemprego, aposentadorias etc.), guerras, crises econômicas, movimentos culturais etc.[6]

---

atingem de maneira diferenciada as pessoas de acordo com a idade em que ela está no momento do evento. Exemplos: guerras, depressões econômicas, epidemias ou a modernização de uma sociedade. *Não normativos*: eventos que afetam o curso da vida de um indivíduo, em particular. Exemplo: acidentes, desemprego, ganhar na loteria, conversões religiosas e divórcio. (KIMMEL, 1990:22).

[6] O trabalho de Tamara Haraven (HARAVEN, 1986), por exemplo, segue nesta direção e oferece interessantes possibilidades de estabelecer ligações entre biografias individuais e comportamentos coletivos. Em sua pesquisa com trabalhadores de moinhos de Manchester, Estados Unidos, Haraven mostra como diferentes coortes de idade têm maneiras peculiares de periodizar o curso da vida e expectativas distintas quanto ao ingresso na velhice. Para aqueles que compõem a primeira coorte, ou seja, para os nascidos antes de 1910, a percepção sobre a vida tende a ser mais unificada e não segmentada em diferentes etapas, tais como adolescência ou meia-idade. Por outro lado, a imigração, crises econômicas, greves, a decadência dos moinhos, por exemplo, são eventos citados como referenciais importantes para a marcação da vida destas pessoas. Aqueles que compõem a coorte mais jovem, nascidos entre 1910 e 1929, entendem a vida de maneira mais descontínua, formada por etapas, e utilizam termos populares como "crise da meia-idade", "adolescência como a

A presença de normas etárias em nossa sociedade, ou seja, a expectativa de comportamentos vinculados a determinadas faixas etárias é uma questão central nos trabalhos de Neugarten. Num livro que reúne vários escritos da autora ao longo de sua carreira intelectual podemos observar um desenvolvimento em seu raciocínio a respeito das normas etárias que, passo a passo, tendem a se desvincular da associação com a idade cronológica e, ao longo desse processo, perdem sua importância enquanto mecanismo de controle social.

Uma pesquisa encabeçada pela autora nos anos sessenta mostrou que, na sociedade norte-americana daquela época, havia uma forte associação entre determinados comportamentos e faixas etárias.[7] Pesquisa semelhante, realizada nos anos 80, indicava uma realidade totalmente diferenciada, ou seja, a falta de uma associação clara entre vários comportamentos com faixas etárias e, portanto, um enfraquecimento das normas etárias enquanto mecanismo de controle social. O que teria ocorrido? A idade cronológica teria se tornado irrelevante?

Seus escritos caminham nessa direção. As recentes transformações sociais e econômicas teriam ocasionado um enfraquecimento das normas etárias enquanto mecanismo de controle social. No entanto, para entender a abordagem de

---

idade crucial da vida", para rotular as etapas e suas descontinuidades. Enquanto que as pessoas da coorte mais velha têm uma certa aversão à assistência pública e esperam que a família, sobretudo os filhos, dêem suporte a eles na velhice, as pessoas da coorte mais nova não esperam este tipo de comportamento, por parte de seus filhos, e se prepararam para a velhice através de planos de aposentadoria privados, economizando dinheiro, bens e esperando seguridade social do Estado.

[7] Um questionário, aplicado a pessoas de diferentes idades e sexo, trazia questões como, por exemplo, "um casal gosta de dançar o *twist*" e pedia para o entrevistado responder se esse era um comportamento adequado para pessoas de 55, 30 ou 20 anos. Além da opinião pessoal, era pedido a opinião que o entrevistado tinha da possibilidade de que os outros se comportassem assim. Neugarten concluiu, além da forte associação de certos comportamentos às idades, que a percepção das pessoas sobre as normas etárias, ou o grau de constrangimento que ela representa, varia de acordo com as idades dos entrevistados. Entre os mais velhos, há uma certa simetria da opinião pessoal com aquela que podemos chamar de pública sobre as normas etárias. Entre os mais jovens, a opinião pessoal tende a ser mais marcada pela presença de constrangimentos impostos pela idade do que a pública. Neugarten discute essa assimetria a partir da idéia de que os mais jovens estariam

Neugarten sobre este assunto precisamos discutir um aspecto importante em seu raciocínio que á a emergência de um novo grupo social, os chamados "young-old".

Em artigos mais antigos - como o de 1974 – (Neugarten, 1996), a autora, com várias restrições, ainda chegava a identificar os "young-old" a uma determinada faixa de idade cronológica (entre 55 a 75 anos), no entanto, cinco anos mais tarde essa vinculação desaparece.

"De acordo com nossa perspectiva, o surgimento dos young-old, por si só, é um bom exemplo de como a idade está perdendo relevância. Não é a idade, mas a ocorrência da aposentadoria que diferencia os *young-old* das pessoas de meia idade (*middle-aged*). Uma vez que a aposentadoria ocorre para diferentes pessoas em diferentes idades, os *young-old* não podem ser identificados como aqueles que atingem os 55, ou 65 anos. A idade da aposentadoria vem caindo dramaticamente nos Estados Unidos, a maior parte das pessoas que começam a receber benefícios da seguridade social está com 62 e não com 65 anos; vem crescendo o número daqueles que começam a se aposentar após um certo número de anos trabalhados; está crescendo o número daqueles que se aposentam aos 55 anos" (Neugarten, 1996:49)

A aposentadoria é um critério fundamental para o ingresso nos chamados young-old, mas mesmo ela torna-se, segundo Neugarten, um evento difícil de ser precisado dada a crescente importância das ocupações temporárias e de meio período.

Os *young-old* são um grupo importante nesse processo de apagamento da importância das idades pois, em primeiro lugar, o critério de formação desse grupo independe da idade cronológica. Além disso, formam uma massa (estimada em 15% da população americana em 1974) que dispõe de recursos (promovidos pelo Estado, através de benefícios sociais, ou de planos de aposentadoria privados) e que tem uma vantagem sobre os outros grupos (como os middle-aged ou dos old-

---

no auge do processo de socialização e, portanto, mais sujeitos aos constrangimentos impostos pela idade. (NEUGARTEN, 1996.)

old): para eles é aceitável não trabalhar. Formam um contingente de população que redefine estilos de vida e criam novos mercados de consumo.[8]

O raciocínio de Neugarten torna-se cada vez mais interessante quando ela relaciona os *young-old* no processo de políticas públicas. Para a autora, os *young-old* são tidos como os principais agentes de mudança social da nova sociedade que se forma, ou seja da *age-irrelevant society* (Neugarten, 1996:46). Entretanto, Neugarten identifica um problema nascente na dimensão política da sociedade norte-americana do final dos setenta. Quando organizados, os *young-old* exercem um papel de grande influência na política oficial, pressionando as esferas políticas para o surgimento de leis ou mesmo formando associações que defendam seus interesses. Para Neugarten, desse processo político resulta quase uma contradição, ou seja, o governo ao ceder às pressões dos young-old organizados (por exemplo, promulgando leis que impeçam a discriminação no trabalho a partir dos 65 anos) acaba fazendo com que um fator irrelevante, a idade cronológica, crie ou faça vigorar grupos sociais com iniciativas políticas. A formação de leis contra, por exemplo, a discriminação por idade, reforça algo que a própria expressão *young-old* dissolveu, ou seja, a importância da idade cronológica na vida social contemporânea.

Não pretendemos, aqui, esgotar o debate em torno dessa importância. Nosso objetivo, ao expor várias abordagens que relacionam a formação de grupos etários na vida social foi a de mostrar que a realidade social contemporânea é altamente

---

[8] Seria, talvez, um pouco arriscado relacionar os *baby-boomers* com os *young-old*. A referência à aposentadoria é uma característica marcante entre os *young-old* e não parece ser entre os boomers. Além disso, quando Neugarten escreve, anos 70, os *boomers* ainda não estavam na meia-idade. No entanto, apesar dessas diferenças, entendemos que Neugarten lança algumas questões fundamentais que estão presentes nas discussões atuais sobre os *baby-boomers*. Os young-old, por

diferenciada. Nossa intenção não é afirmar que a idade cronológica é importante ou perdeu sua relevância, mas mostrar como as revistas reconstroem as etapas da vida e dão conteúdos específicos as idades como um princípio de diferenciação social muitas vezes a partir da idade cronológica, critério de diferenciação que pode ser discutido.

Aspectos positivos e negativos ligados ao envelhecimento

A separação entre aspectos positivos e negativos ligados ao envelhecimento é uma característica de muitos trabalhos que tratam da vida mais velha.

Mascaro (1991), como vimos, considera a velhice como um fato objetivo presente em todas as sociedades. Ao considerar que todas as sociedades, de antemão, identificam uma fase da vida como sendo a velhice e que as variações, dadas pela história ou pelo lugar, são em termos de conteúdo desta fase, a autora passa a classificar a velhice, de épocas e culturas distintas. Através de um mapeamento dos significados tidos como positivos e negativos atribuídos à velhice, Mascaro traça uma comparação que tornou possível estabelecer relações de continuidade e descontinuidade conferidas à velhice desde a antigüidade até as sociedades atuais.

A separação da velhice em dois pólos, negativo e o positivo, em regra, constitui uma verdadeira armadilha para a reflexão. Em primeiro lugar, abre caminho

---

exemplo, também redefiniram espaços de sociabilidade entre os mais velhos e sua atuação nas políticas públicas parece indicar desdobramentos bastante fecundos.

para comparações, como as processadas por Mascaro, que são feitas a partir de situações totalmente diferenciadas tendo por base um critério valorativo.[9]

Além disso, corre-se o risco de se destacar apenas um dos lados da questão, seja ele o negativo ou o positivo. Ao invés de pensar o processo de envelhecimento a partir da relação entre os dois aspectos, valoriza-se apenas um deles.

Contra essa visão dualista, que separa o envelhecimento em dois pólos, Thomas Cole mostra as razões históricas que fundamentam a formação dessa visão dentro da sociedade americana, visão que acompanha a constituição da velhice em um problema social.

Para o autor, a percepção social da velhice, na cultura americana recente, dá-se em termos de separar aspectos positivos e negativos. Cole demonstra que as atitudes positivas e negativas com relação à velhice são frutos de uma história social e cultural comum. Seu livro, entre outras coisas, pretende estabelecer uma genealogia que traça a longa transição entre o que ele considera uma visão existencial, em que não havia esta separação, para uma científica que a divide em aspectos positivos e negativos.

Não se trata de uma análise que identifica uma superação de uma visão pela outra, mas através de uma abordagem histórica Cole procura mapear os períodos em que a visão existencial ou científica torna-se hegemônica.

Visão existencial

De acordo com Cole, os calvinistas do século XVIII foram responsáveis pela formação de uma visão integrada da velhice, regulada por princípios religiosos,

---

[9] Aquilo que hoje pode ser considerado um aspecto positivo, há mil anos atrás poderia ser encarado de outra maneira. Uma comparação nesses termos deve, em princípio, respeitar o fato de que os valores de uma sociedade se relacionam e são a expressão de seu período histórico.

sociais, de hierarquia, de dependência e de obrigações recíprocas, em que a percepção dos irreparáveis sofrimentos e as enfermidades da idade permaneciam culturalmente aceitáveis[10]. De acordo com os velhos ideais calvinistas (que persistiram em algumas áreas até a metade do século XIX) a velhice normalmente envolvia deteriorações físicas, mentais e morais. O sofrimento e as doenças crônicas desta etapa eram consideradas como parte do castigo do homem pelo pecado de Adão. O prolongamento da vida e a atividade na velhice eram considerados um "favor distintivo", uma rara exceção dos males da irreparável natureza humana garantido por um misterioso Deus. Na visão de Cole, os calvinistas formaram uma visão integrada da velhice que abrangia tanto as vicissitudes físicas do envelhecimento como o prolongamento saudável da vida. O primeiro era tido como um castigo e o segundo como uma graça de Deus.

Enquanto os "velhos" calvinistas tinham essa visão integrada os seus sucessores, os revivalistas [*revivalists*], criaram uma visão dualística da velhice. Cole mostra como esta visão dualística da velhice, oriunda do universo religioso, se desenvolve a partir do século XIX.

Entre 1830 e 1870 começou a haver, sobretudo nas escolas americanas, orientações sexuais, higiênicas e da fisiologia humana que produziram uma exaltação da a saúde individual tendo por base um conhecimento médico. Este tipo de movimento ficou conhecido como a reforma da saúde.

Segundo Cole, os reformadores da saúde misturaram algumas virtudes do calvinismo (como o auto-controle, a racionalidade, a disciplina e a frugalidade), com a noção de higiene pessoal e fundaram um método de autoridade baseado na

---

[10] As decadências físicas expressavam a quebra da natureza humana e a passagem para a

independência individual. Os reformadores dividiram a velhice entre saúde e auto-confiança, por um lado, e a decadência e a dependência, por outro, sendo que disciplina individual poderia garantir a conquista de um lado e manter-se afastado do outro. O prolongamento de uma vida humana saudável foi uma das principais intenções dos reformadores da saúde, uma vez que a longevidade era um emblema e uma recompensa de uma vida correta.

"Cada um nasce com um determinado fundo de vitalidade, que constitui um estoque de capital de vida. Ele pode ser consumido de forma rápida ou vagarosa, mas nunca acrescido. A saúde e a longevidade dependem deste julgamento de consumo" (Cole, 1992:99)[11]

O trabalho dos reformadores acabou gerando uma legitimação e um interesse pela longevidade, desde que saudável, e atitudes evasivas, hostis e de vergonha em relação aos declínios físicos do envelhecimento. Cole identifica nesta nova "moralidade civilizada" o início daquilo que irá caracterizar o significado da velhice a partir do final do século XIX e grande parte do século XX: a separação da velhice em dois pólos, um positivo e outro negativo, e o "tratamento científico" da velhice.

Tratamento científico da velhice

No final do século XIX, segundo Cole, a velhice já era tratada como um período da vida distinto do ponto de vista clínico. Entre 1909 e 1935, reformadores sociais, acadêmicos e assistentes profissionais americanos ofereceram um estereótipo do velho como doente, pobre, e incapaz de manter-se sozinho. Este tipo

---

dependência em Deus.

[11] A metáfora do corpo como um capital permaneceu mesmo após o enfraquecimento da reforma da saúde. O interesse em adquirir dividendos corporais implicava em abolir hábitos imoderados na velhice, como tabaco, café, chá, álcool, abusos sexuais e uma dieta a base de vegetais e que excluía carnes. Os problemas emocionais e as doenças da velhice eram vistas como uma falha moral, de responsabilidade do indivíduo. Esta visão difere-se de sua predecessora - calvinista puritana- em que a enfermidade, na velhice, reflete uma limitação humana inata em relação ao poder do Todo Poderoso. Entre os velhos calvinistas, não havia esta idéia de que o indivíduo é responsável pelo seu corpo porque detém o controle sobre ele.

de apreciação sobre a velhice implicou na criação de novos programas de assistência social, custeados pelo Estado e de especialistas que começam a se formar tendo como referência o fato de que os mais velhos eram realmente necessitados e incapazes de viver sem assistência.

O tratamento científico da velhice gerou um saber especializado. Os fundadores da moderna gerontologia e da geriatria baseavam-se na idéia de que a descoberta de leis da normalidade e da patologia podiam eram passíveis de aplicação na velhice. A biologia da velhice era tratada como "cientificamente neutra", como uma esfera que pode ser separada de percepções culturais ou de valores.[12] A formação de uma literatura especializada em gerontologia e geriatria ajudou, segundo Cole, a completar uma mudança de longo prazo entre uma abordagem que encarava a velhice como um mistério, ou como um problema existencial, para uma que a trata como um problema científico e técnico.

A quebra da velhice em dois pólos aparece no texto de Cole como sendo o produto de uma determinada situação histórica. Não se pode, portanto, naturalizar a velhice ou criar um modelo histórico do que seria a velhice positiva ou negativa. Cole mostra que a constituição da velhice numa categoria de classificação científica das populações ou como um período da vida distinto do ponto de vista clínico é muito recente. Nesse sentido, nosso interesse é ver como essa categoria é trabalhada nas revistas e como nelas a velhice positiva ou negativa é caracterizada.

***

[12] Cole mostra como novos termos aparecem no começo do século XX, como "gerontologia", cunhado em 1904, por Elie Metchnikoff, e "geriatria", em 1909 por I. L. Nascher (Cf. Cole, 1992:195). O termo "senilidade", que no século XIX era utilizado como um termo geral para a idade avançada, passa, no século XX, a ser utilizado para expressar as debilidades da velhice.

A utilização de autores tão diferenciados tem uma explicação. Ciente dos riscos das simplificações, nossa intenção foi apresentar a complexidade que envolve o debate sobre as idades.

Iniciamos com os universais de Simmos que, exatamente por serem genéricos demais, acabam dizendo muito pouco da vida social e tornam-se uma ponte privilegiada para a separação em reinos naturais e culturais. Florestan nos mostrou que os fatores biológicos não são, necessariamente, determinantes na definição das etapas da vida. Eles somente o são quando se transformam em categorias culturais.

Em relação à idade cronológica, vimos com Fortes que a utilização deste marcador em sociedades diferentes das ocidentais implica, em regra, num procedimento etnocentrista. Nas sociedades ocidentais há um debate rico e variado a respeito da importância da idade cronológica. Para os afazeres do Estado e no estudo de determinados comportamentos coletivos (coortes) a idade cronológica tem um papel fundamental. Por outro lado, a diversidade da vida social contemporânea implica em novos estilos de vida e formas de consumo que tendem a apagar ou minimizar a importância das idades.

Por último, mas não menos importante, vimos que a separação entre pólos negativos e positivos da velhice, embora presente em muitos trabalhos, podem ser pensados através de uma história social comum. Além disso, é na transformação da velhice em uma questão "científica" que iremos observar a importância do comportamento individual (do corpo e das emoções) na definição da última etapa da vida.

Todas estas questões, em maior ou menor grau, estarão presentes em nossa análise das revistas ou constituem como pressupostos de nossa investigação.

CAPÍTULO 2 - AS IMAGENS DO ENVELHECIMENTO E AS REVISTAS.

Imagem ou representação?

O termo imagem é utilizado neste trabalho com o intuito de caracterizar o processo dinâmico através do qual a velhice e o envelhecimento aparecem nas revistas.

A noção de representações poderia ter sido utilizada e, em certo sentido, nos colocaria em uma posição mais cômoda em relação à *fluidez* de significados que o termo imagem, por vezes, sugere. Não pretendemos, nestas páginas, esgotar a compreensão do conceito de representações, senão, apontar algumas razões que nos levaram a preferir o termo imagem.

O conceito de representação, em Antropologia, está fortemente vinculado ao pensamento de Durkheim, especialmente, em seus estudos sobre religião. Segundo Durkheim, o estudo das manifestações religiosas é importante porque a religião é a primordial matriz através da qual emergem, a partir de processos de diferenciação entre coisas sagradas e coisas profanas, os principais elementos de uma cultura. O estudo da religião torna-se, dentro do pensamento durkheimiano, uma ponte privilegiada para se chegar à consciência coletiva, ou seja, um sistema de crenças e sentimentos comuns partilhados pelos membros de uma sociedade definidor de como devem ser as relações mútuas entre esses membros. Nota-se que a consciência coletiva refere-se ao sistema de crenças e valores de *toda* a sociedade e possui uma exterioridade e coercitividade em relação aos indivíduos.

Durkheim começa seu estudo das religiões a partir das sociedades ditas primitivas. As religiões "primitivas" são casos privilegiados pois são casos mais

simples[1]. Quando as religiões são analisadas, delas emerge uma série de símbolos, tidos como sagrados ou profanos, que relacionam as crenças e os sentimentos religiosos. Aqui, tem-se um passo importante para o estabelecimento das representações. Um totem, por exemplo, é tido como sagrado não pela característica do objeto em si mas, como observa Parsons, "a qualidade de sagrado não reside na propriedade intrínseca do objeto tratado como sagrado, mas na sua propriedade como um símbolo" (Sills, 1968:317). Dito de outro modo, coisas sagradas e coisas profanas são símbolos que formam um sistema de *representações coletivas* que organizam as crenças e os sentimentos de uma sociedade.

"Na base de todos os sistemas de crenças e de todos os cultos deve necessariamente haver um certo número de representações fundamentais e de atitudes rituais que, malgrado a diversidade das formas que umas e outras puderam revestir, em todas as partes têm a mesma significação objetiva e em todas as partes preenchem as mesmas funções. São estes elementos permanentes que constituem o que há de eterno e de humano na religião; eles são todo o conteúdo objetivo da idéia que se exprime quando se fala da *religião* em geral." (Durkheim, 1973:509-510)[2]

Representações coletivas, no sentido durkheimiano, pressupõem algumas características. Em primeiro lugar, a abrangência do conceito: representações coletivas são sistemas simbólicos que articulam valores, crenças e sentimentos de uma sociedade. Em segundo lugar, da coercitividade e exterioridade. Tratar das representações coletivas é também tratar do caminho que nos leva a perceber como

---

[1] O simples é utilizado por Durkheim mais como um recurso metodológico e menos como a base de um sistema evolutivo. O estudo das religiões primitivas é uma nova forma de colocar o problema da origem das religiões, não no sentido de um precisar um marco específico do tempo e do espaço em que a religião começou a existir, mas no sentido de desvendar as causas a partir das quais a maior parte das práticas e do pensamento religioso dependem.

[2] Em um trabalho feito em parceria com seu sobrinho Marcel Mauss, os autores mostram como, em sociedades tribais australianas, a classificação de coisas e de pessoas em referência a um totem (base do que poderíamos chamar de um sistema de representações coletivas destas sociedades) são, na verdade, tributárias de uma lógica social. "O que caracteriza as referidas classificações *(totêmicas)* é que as idéias estão nelas organizadas de acordo com o modelo fornecido pela sociedade (...)." (Durkheim &. Mauss,1988:189)

o comportamento dos indivíduos é tributário de uma lógica social, externa e que produz constrangimentos.

O termo imagem nos desvincula de algumas características contidas no conceito de representação que nos parecem um pouco fortes para pensar as mudanças pelas quais o envelhecimento e a velhice são tratados pelas revistas. A primeira referência seria com relação à abrangência do conceito.

Por se tratar de revistas cujo o público leitor é definido, primordialmente, por um critério de gênero além de ser segmentado em termos de classe, idade, e instrução[3], qualquer tentativa de mapear as representações sobre a velhice ou o processo de envelhecimento a partir da análise desse material nos parece arriscada. Dada a própria característica de estar vinculada a um mercado consumidor segmentado, as revistas escolhidas não são tão boas quanto a religião nas sociedades ditas primitivas para se traçar as representações coletivas de uma sociedade.

Um segundo aspecto que nos levou a preferir o termo imagem refere-se à característica de coercitividade presente no conceito de representações. A coercitividade, segundo Durkheim, seria um dos elementos presentes nas coisas sociais que, por sua vez, têm a característica de serem externas aos indivíduos, de continuar no tempo (mesmo que os indivíduos morram e seja substituídos por outros), e dotadas de um poder coercitivo capaz de impor seus padrões de conduta independente da vontade individual. Em nosso entendimento, é possível sim falar de constrangimentos quando analisamos as imagens do envelhecimento presentes nas revistas. Esses constrangimentos podem ser caracterizados, por exemplo,

---

[3] Ver discussão sobre o perfil dos leitores das revistas.

através da valorização de um corpo jovem e saudável e todas as *"recomendações"* para a aquisição desse ideal de beleza, além de outras no sentido do controle das emoções.[4] Esse constrangimento, entretanto, parece se vincular mais a um sentimento de responsabilidade individual do que à idéia de uma força social sobre os indivíduos.

Por último, observamos mudanças muito recentes, como veremos nos capítulos posteriores, especialmente em relação aos cuidados com o corpo tendo em vista afastar dele os sinais identificados com o envelhecimento. Para dar conta dessas transformações, que se processaram em ritmo acelerado e o empenho das revistas com o aspecto visual do corpo, o termo imagem nos pareceu, também, mais apropriado.

Imagens visuais?

O termo imagem também merece algumas considerações. Em primeiro lugar, não pretendemos, com esta utilização, reduzir imagem somente às imagens visuais, embora estas últimas tenham fundamental importância na composição gráfica das revistas analisadas. Neste sentido, o que entendemos por imagem pode se originar tanto de um texto escrito, de uma imagem visual ou, como na maioria dos casos, da combinação de ambos.

Mesmo considerando a importância das imagens visuais, não temos a pretensão de proceder uma análise iconográfica minuciosa daquelas que aparecem nas revistas.

---

[4] Ver parte em que analisamos as revistas, especialmente, as relações com o corpo.

Baxandall (1991)[5], por exemplo, nos mostra como é possível decifrar traços da vida cotidiana do Renascimento italiano através das pinturas dos florentinos do século XV. Sua tese é de que cada época desenvolve capacidades visuais ao longo da experiência da vida cotidiana e que elas se tornam parte determinante do estilo do pintor. As pinturas do *Quattrocento,* neste sentido, são testemunhas de relações sociais caraterísticas da sociedade italiana do renascimento, como, por exemplo, relações comerciais e econômicas que estão concretamente materializadas nas pinturas. A despeito da variedade e das capacidades individuais dos pintores renascentistas, Baxandall identifica um sistema de representações visuais da Itália da Renascença que lhe possibilita ligar os quadros à vida social cotidiana do *Quattrocento*[6].

Ainda que as iconografias sejam uma ponte privilegiada para o resgate da vida social de uma determinada época, Carlo Ginzburg mostra que, entre os historiadores da arte, há uma discussão intensa sobre a questão de método, especialmente, quando a análise iconográfica se mostra insuficiente para os fins de uma reconstrução histórica geral[7]. Como dissemos, trata-se de uma discussão

---

[5] Agradeço a Profa. Dra Heloísa A. Pontes pela sugestão de leitura dessas obras ligadas à história da arte.

[6] "Uma pintura do século XV é o testemunho de uma relação social. De um lado, o pintor que realizava o quadro ou, ao menos, supervisionava sua execução. De outro, alguém que o encomendava, fornecia fundos para sua realização e, uma vez concluído, decidia de que forma usá-lo (...) A relação da qual a pintura era produto era, entre outras coisas, uma relação comercial, e algumas práticas econômicas daquela época estão muito concretamente materializadas nas pinturas" (Baxandall, 1991:11-12)

[7] " (...) a capacidade de passar dos dados iconográficos para a compreensão histórica geral, que constituía o mérito de ensaios como o de Farnesina ou o Appartamento de Borgia, e muitos outros, começa a falhar quando o dado iconográfico se torna indiferente ou marginal e as questões de estilo ficam em primeiro plano. E ao dizer 'estilo' prescindimos, evidentemente, de qualquer problema valorativo. Simplesmente queremos dizer que, para quem queria considerar as obras de arte e os testemunhos figurativos em geral como fonte histórica *sui generis*, a análise iconográfica em muitos casos pode se mostrar insuficiente; impõem-se então o problema da relação entre dados iconográficos e dados estilísticos, e a relevância destes últimos para os fins de uma reconstrução histórica geral. Tais problemas há várias décadas ocupam o centro das reflexões de um estudiosos, Panofsky, que foi, como se sabe, grande amigo e colaborador de Saxl." (Ginzburg,1989:64).

bastante fecunda, no entanto, ficaremos apenas com as lições preliminares que nos ensinam que as imagens visuais (e também as oriundas de texto) podem dizer mais do que simplesmente nomear ou representar uma pessoa ou um objeto[8].

O papel que as imagens desempenham na vida social contemporânea tem sido muito discutido. Featherstone e Hepworth, por exemplo, mostram que nas sociedades ocidentais contemporâneas, sociedades de consumo por excelência, a construção e disseminação de imagens visuais tornam-se algo central. A relação entre imagens e cultura de consumo estabelece-se a partir do pressuposto de que os bens de consumo não são adquiridos somente para a satisfação de necessidades básicas, mas que eles contém fortes componentes simbólicos (Cf. Sahlins, 1979). Estes componentes, quando explorados por técnicas de publicidade, por exemplo, produzem e reproduzem imagens e relacionam os bens de consumo com estilos de vida, prazeres, desejos, dando outros significados que transcendem a própria materialidade do bem em questão.

A questão da Interpretação

A importância crescente que as imagens desempenham numa cultura de consumo deve ser entendida, vis-à-vis, com o fato de que as imagens operam na

---

[8] A este respeito, Featherstone e Hepworth apontam como uma fotografia pode transcender o objeto, ou a pessoa fotografada. "A fotografia de uma pessoa refere-se tanto a um ponto específico da vida desta pessoa como às suas relações com outras pessoas naquele momento, ela carrega significados escondidos e valores emocionais que alteram-se conforme as vicissitudes da experiência daquela pessoa. Ela é também aberta para mudanças na interpretação da História, como é o caso das recentes análises das fotografias do período vitoriano e, em particular, de análises sociológicas das pessoas mais velhas nas últimas décadas do século XIX" (Featherstone & Hepworth, 1996:745). A imagem da fotografia da Rainha Vitória, por exemplo, oferece a possibilidade de transpor o objeto material a que ela se refere (a corporalidade da Rainha Vitória) e pensar uma realidade imaginada, seja em termos das relações sociais e emocionais que ela condensa ou como as pessoas mais velhas eram retratadas naquele momento. Neste sentido, as imagens da velhice e do envelhecimento, além de retratarem os sinais físicos do avanço do tempo, podem ser vistas, também, como fundamentais na tentativa de compreender a construção do corpo e da auto-identidade em um determinado momento.

vida social de maneiras flexíveis, os seus significados existem em diferentes níveis e estão abertos a um leque variado de interpretações. Desse modo, não há como pensar numa significação inequívoca gerada por uma imagem, mas em imagens assumindo diferentes significações de acordo com diferentes contextos. Através da leitura das revistas selecionadas é possível perceber que as rugas assumem acepções conflitantes em contextos variados. Quando se trata de matérias sobre a prevenção ao envelhecimento, as rugas são tidas como sinais indesejáveis no corpo e carregam significados negativos de decadência e falta de auto-estima. Por outro lado, quando atores famosos de Hollywood são chamados a depor, as rugas passam a ser vistas como sinais de charme, de uma vida bem vivida, longe de serem a expressão indesejável do declínio físico.

Embora entendamos que as imagens operem de maneiras flexíveis na vida social contemporânea, o leque de interpretações que lhe é dado não é infinitamente aberto. Trata-se de uma outra questão que suscita um debate rico e variado entre os estudiosos da comunicação, motivo pelo qual pretendemos expor algumas de suas noções noções fundamentais.

Antonia Rees (1989) faz uma boa resenha dos problemas teóricos e de método sobre estudos de comunicação e mostra que durante muitos anos a abordagem dos meios de comunicação foi marcada por um dilema: os meios de comunicação exercem absoluta influência no comportamento das pessoas, ou são apresentadores de opções para a livre escolha da audiência?

De acordo com a autora, a primeira concepção[9] propõe que os meios de comunicação têm um grande poder sobre os indivíduos, a ponto de injetar idéias, atitudes e predisposições nas pessoas. Este modelo, acrescenta Rees, enfatiza o meio de distribuição das mensagens e as características da audiência, não importando tanto a mensagem em si.

A mídia, deste ponto de vista, é um veículo de difusão da ideologia e dos interesses das classes dominantes sobre o público. Segundo este entendimento, a mídia seria um forte instrumento de padronização cultural e o público um elemento passivo no processo de comunicação. Esta maneira de conceber a mídia pressupõe um modelo linear de comunicação entendido como um processo de transporte de informações de um ponto A (o emissor) para um ponto B (o receptor), em que a mídia é vista apenas como um canal pelo qual estas informações são transportadas.

A idéia de que os meios de comunicação reproduzem valores e comportamentos sociais também pode ser discutida. De uma maneira geral, a visão de que os meios de comunicação apenas reproduzem valores e comportamentos deixa de lado o papel ativo que os homens de imprensa, editores e jornalistas, desempenham no sentido de definir aquilo que é produzido pela mídia. De fato, o que parece existir é uma relação complexa em que, por um lado, os meios de comunicação representam valores da sociedade, ou pelo menos de parte dela, mas, por outro, eles também exercem grande influência na realidade social, por vezes, a modificando e impondo novos recortes nas relações de poder.

---

[9] Segundo Rees, este tipo de abordagem pode ser identificada, na Europa, pela Escola de Frankfurt e, na América do Norte, pela Teoria Hipodérmica. Por se tratar de uma síntese, a proposta de Rees por vezes acaba exagerando em simplificações como a de colocar a escola de Frankfurt como se fosse representativa apenas de um modelo de comunicação (Cf. Rees, 1989:9).

A segunda concepção, chamada de Usos e Gratificações, propõe que a audiência escolhe e faz o que bem entende com as mensagens produzidas, uma vez que existem diferenças significativas de usos dos meios entre os indivíduos. De acordo com Rees, esta abordagem enfatiza o indivíduo e suas escolhas, portanto, pouca ênfase é dada à mensagem e menos ainda ao seu criador, pois é a audiência quem escolhe e decide o que quer.[10]

Rees considera estas duas concepções como "modelos de certo modo simplistas e ingênuos de analisar os meios massivos e a interação destes com a audiência" e destaca as contribuições de autores que desenvolveram uma abordagem conhecida como Estudos Culturais (*Cultural Studies*)[11]. Segundo a autora, estes autores partem do pressuposto de que existem diferentes interpretações das mensagens, e que estas diferenças são fruto da diversidade de grupos, classes sociais, códigos culturais que são partilhados pelas pessoas que compõem a criação e a audiência. Embora existam diferentes interpretações, elas não limitam a possibilidade de pensar num 'sentido preferencial' dado à mensagem.

"Apesar dos leitores se apropriarem de um texto de maneiras diferentes, estas interpretações 'não são arbitrárias' - elas são permitidas através de como o texto é construído, ou seja, existe um parâmetro dentro do qual se pode extrair diferentes interpretações. E isto é realizado através do sentido preferencial ('*preferred meaning*') contido no texto. O sentido preferencial é o meio através do qual o indivíduo é dirigido para interpretar um texto de uma desejada forma" (Rees, 1989:13)

Umberto Eco (1993) *apimenta* o problema da interpretação de um texto, sobretudo, quando ele é pensado nos termos da crítica literária. Segundo o autor, existe uma relação dialética entre a obra e seu intérprete, na qual o último detém uma certa liberdade de interpretação que é determinada pela estrutura da obra em

---

[10] Para entender melhor esta concepção, Rees dá um exemplo, extraído de Wilbur Schramm, de como é vista a televisão segundo esta abordagem: "(...) a televisão é como um cardápio - lá estão todos os tipos de comida e é a pessoa quem seleciona aquilo que quer comer" (Rees, 1989:11).

si e, em alguns casos, pela intenção do próprio autor empírico. Eco coloca que, nos últimos tempos, houve um certo exagero em termos da abertura propiciada pela interpretação e que seria importante destacar outros elementos desta relação.

"Em 1962, escrevi minha *Opera aperta*. Nesse livro eu defendia o papel ativo do intérprete na leitura de textos dotados de valor estético. Quando aquelas páginas foram escritas, meus leitores focalizaram principalmente o lado aberto de toda a questão, subestimando o fato de que a leitura que eu defendia era uma atividade provocada por uma obra (e visando sua interpretação). Em outras palavras, eu estava estudando a dialética entre os direitos dos textos e os direitos de seus intérpretes. Tenho a impressão de que, no decorrer das últimas décadas, os direitos dos intérpretes foram exagerados." (Eco,1993:27)

No decorrer do livro, Eco, que também é autor empírico de dois romances, faz interessantes análises de algumas interpretações dadas ao seu texto que *desrespeitaram* a *intenção da obra*, ou seja, das possibilidades interpretativas oriundas da coerência interna do texto, ou, em alguns casos, da intenção do próprio autor. Sua proposta, ao fazer estas análises, é explorar algumas formas de limitar o alcance de interpretações admissíveis, através da identificações de interpretações ruins ou "superinterpretações" de textos literários.

"Dizer que a interpretação (enquanto característica básica da semiótica) é potencialmente ilimitada não significa que a interpretação não tenha objeto e que corra por conta própria. Dizer que um texto potencialmente não tem fim não significa que todo ato de interpretação possa ter um final feliz." (Eco, 1993:28)

Ao lançar, de maneira tão sucinta, a questão dos limites da interpretação não intencionamos esgotar este assunto ou oferecer uma posição inovadora sobre a maneira de se interpretar textos ou imagens. Antes, pretendemos apresentar o debate e dele retirar algumas inspirações que nortearão a análise do material selecionado. Em primeiro lugar, nos parece interessante pensar que as imagens operam de maneira flexível na vida social contemporânea e que, como veremos a

---

[11] Rees destaca alguns autores do chamado Estudos Culturais, a saber: Stuart Hall, David Morley; Gaye Tuchman; James Carrey e Todd Gitlin. (Cf. Rees, 1989:12).

seguir, elas se tornam algo importante na constituição do corpo e da auto-identidade. Quando se pensa em termos do que é veiculado pelos meios de comunicação, especialmente nas revistas, temos em mente que existe uma relação complexa entre aqueles produzem a informação (os criadores), a informação em si (entendida num sentido ampliado como tudo dentro da revista: imagens, textos, publicidade etc.) e os leitores. Mesmo que esta relação seja complexa, acreditamos que há *sentidos preferenciais* contidos nas informações.

Os sentidos preferenciais, por sua vez, são tributários do contexto social dentro do qual a informação foi criada. Em linhas gerais, esse contexto social pode ser entendido como códigos culturais dominantes (ou não) de uma certa época, ou seja, aquilo que a sociedade (ou segmentos dela como, por exemplo, velhos; homens; mulheres; ricos; pobres etc.) estabelece como permitido ou como transgressão durante um certo momento. Obviamente, estes códigos podem variar dentro de uma mesma sociedade e a idéia de escolher revistas cujo público leitor se diferencia em termos de gênero torna-se um referencial importante para pensar esta questão.

Dito de outro modo, o criador(es) de uma revista a faz(em) inserido(s) num certo tempo e a partir de certos referenciais (grosso modo, chamado de culturais, mas que podem ser também de classe, econômico, político etc.), hegemônicos ou não dentro da sociedade. A sua audiência, por sua vez, deve partilhar de todo ou em parte esses referenciais para que a comunicação possa ser estabelecida. Por estas características, podemos pensar em sentidos preferenciais contidos nas informações. Quando afirmamos que as imagens visuais das rugas podem assumir concepções conflitantes, trata-se de sentidos preferenciais diferentes que foram

estabelecidos em função das características específicas de cada informação e da audiência.

Embora entendamos que a questão da interpretação envolve o criador, a informação e a audiência, não faremos uma análise de como se dá a recepção das imagens pelo público leitor das revistas. Mesmo considerando a escassez de estudos nesta área e da importância que essa análise teria em nosso trabalho, tal tarefa implicaria numa disposição de recursos que não contamos no momento[12].

As Revistas, os Leitores e a Formação da Auto-Identidade

Anthony Giddens, ainda que não possa ser considerado um teórico da comunicação, desenvolve algumas idéias que nos parecem interessantes para pensar a relação entre os meios de comunicação e a vida social. Para o autor, a formação da auto-identidade torna-se um processo especialmente problemático nas sociedades modernas, pois ela passa a ser algo aberto e em permanente construção reflexiva. A formação da auto-identidade não é mais um projeto feito a partir de uma expectativa de reprodução de padrões tradicionais estabelecidos.[13] O

---

[12] Os estudos de recepção, contudo, poderiam nos oferecer um quadro interessante do sentido preferencial, uma vez que estabelece a possibilidade de comparar interpretações dadas pelo leitor com aquelas intencionadas pelos criadores. Entre os poucos trabalhos de que temos conhecimento, podemos destacar o de Dawn Currie sobre como jovens inglesas lêem propagandas de beleza em revistas de moda voltadas para adolescentes. Currie nos mostra, entre outras coisas, que muitas adolescentes consideram as revistas como uma fonte privilegiada de informações úteis para suas vidas, contrariando uma visão que revistas deste tipo serviriam apenas para disseminação de futilidades. Currie, ademais, complexifica o problema da interpretação ao mostrar que a maneira como as adolescentes interpretam as propagandas, por vezes, se mostra muito diferente das análises que os pesquisadores fazem destas matérias. "As evident here adolescent girls, as the intended audience of these texts, did not read in the same manner ways as semioticians (...) In order to explore in greater detail the nature of differences between theoretical analyses of subjectivity and empirical Subject, in the remainder of this paper I explore why adolescent girls - not middle-age researchers - read beauty advertisement and how their motivation is reflected in their readings of adult feminity" (Currie, 1997:14-15).

[13] Stuart Hall (1995) expõe de maneira muito interessante as múltiplas identidades que envolvem o que ele caracteriza como sujeito pós-moderno. Para o autor, o sujeito pós-moderno pode ser conceituado como isento de identidade fixa, permanente ou essencial. A identidade é formada e

passado acaba sendo reflexivamente reinterpretado pelo presente e continuamente transformado tendo em vista o futuro. Por esta característica, a formação da auto-identidade acaba sendo um projeto feito em um mar de incertezas e desafios permeado por alguns recursos que desempenham papel fundamental neste processo como, por exemplo, as revistas.

"Hoje em dia, o eu é para todos um projeto reflexivo - uma interrogação mais ou menos contínua do passado, do presente e do futuro. É um projeto conduzido em meio a uma profusão de recursos reflexivos: terapias e manuais de auto-ajuda de todos os tipos, programas de televisão e artigos de revistas" (Giddens, 1993:41)

Giddens nos mostra que uma das características da modernidade (ou alta-modernidade como prefere o autor) é o que ele qualifica de apropriação reflexiva do conhecimento. Segundo ele, o conhecimento produzido pelas instituições modernas, ou pelos seus especialistas, e divulgado pelos meios de comunicação torna-se parte integrante e constitutivo na sua organização e transformação. O conhecimento sociológico é apontado por Giddens como exemplo mais marcante do processo de reflexividade moderna, isso porque aquilo que é produzido inicialmente para um grupo de estudiosos ou acadêmicos, acaba circulando em outros meios e passa a ser reflexivamente "sociologizado" modificando o seu caráter.

"Qualquer pessoa num país ocidental que decide se casar hoje em dia, por exemplo, sabe que a taxa de divórcios é alta (...). O conhecimento da alta taxa de divórcios pode afetar a própria decisão de se casar, bem como decisões sobre considerações relacionadas - o regime das propriedades etc. A consciência dos níveis de divórcio, além disso, é normalmente muito mais do que simplesmente a

---

transformada continuamente em relação às maneiras pelas quais somos representados e tratados no sistema cultural que nos circunda. Ela é histórica, não biologicamente definida. O sujeito assume identidades diferentes em momentos diversos, identidades que não são unificadas em torno de um "self" coerente. Dentro de nós coexistem identidades contraditórias, pressionando em direções diversas, de modo que novas identificações estão sendo continuamente mudadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada do nascimento à morte, é somente porque construímos uma história reconfortante, uma "narrativa do self" sobre nós mesmos. A identidade totalmente segura, completa, unificada e coerente é uma fantasia. Ao contrário, à medida que os sistemas de significados e de representação cultural multiplicam-se, confrontamo-nos com uma multiplicidade difusa, confusa e

consciência de um fato bruto. Ele é teorizado pelo agente leigo de maneiras impregnadas pelo pensamento sociológico. Desta forma, virtualmente todos que consideram o casamento têm alguma idéia de como as instituições familiares vêm mudando, mudanças na posição social relativa e no poder do homem e da mulher, alterações nos costumes sexuais etc. - tudo isso entrando nos processos de mudança ulterior que reflexivamente informa. O casamento e a família não seriam o que são hoje se não fossem inteiramente 'sociologizados' e 'psicologizados'" (Giddens, 1991:49)

As revistas são um meio importante de estabelecer o contato entre leigos e *experts* na medida em que se apropriam reflexivamente das informações dadas pelos especialistas e as divulgam para seu público de leitores.

As Revistas e o Conhecimento Técnico Especializado

As revistas desempenham um papel importante na vida social contemporânea pois elas são um recurso importante na formação da auto-identidade, entendida como um processo aberto e em permanente construção. Elas, entretanto, não podem ser consideradas como produtoras de um corpo coeso de informações que é divulgado para os leitores. Com efeito, pode-se observar um grande número de informações desencontradas, por vezes ambíguas, informações que, em regra, estão baseadas no discurso técnico especializado. Com o intuito de refletir no uso corrente de especialistas por parte das revistas, e como a informação produzida pode assumir ares contraditórios, novamente, Giddens nos auxilia.

As profundas alterações introduzidas pelo que o autor considera "o seqüestro da experiência" promoveram um certo sentimento de insegurança em relação à vida social. Por outro lado, estas alterações estabeleceram uma relação de confiança entre os indivíduos e as instituições modernas. A confiança, de acordo com seu raciocínio, pode ser investida numa pessoa ou num sistema, sendo o primeiro tipo

---

fluída de identidades possíveis, podendo nos identificar com cada uma delas, mesmo que temporariamente.

entendido na sua dimensão social, ou seja, como a pessoa depositária de um conhecimento técnico especializado, tal como o arquiteto, o engenheiro, e menos como a confiança numa pessoa concreta, ou seja, num comportamento pessoal[14]. A confiança envolve, sobretudo, os sistemas peritos que são caracterizados pelo autor nos seguintes termos:

"Por sistemas peritos quero me referir a sistemas de excelência técnica profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje. A maioria das pessoas leigas consulta "profissionais" - advogados, arquitetos, médicos etc., - apenas de modo periódico ou irregular. Mas os sistemas nos quais está integrado o conhecimento dos peritos influencia muitos aspectos do que fazemos de maneira contínua. Ao estar simplesmente em casa, estou envolvido num sistema perito, ou numa série de tais sistemas, nos quais deposito minha confiança. Não tenho nenhum medo específico de subir as escadas da moradia, mesmo considerando que sei que em princípio a estrutura pode desabar. Conheço muito pouco os códigos de conhecimento usados pelo arquiteto e pelo construtor no projeto de construção da casa, mas não obstante tenho 'fé' no que eles fizeram. Minha 'fé' não é tanto neles, embora eu tenha que confiar na sua competência, como na autenticidade do conhecimento perito que eles aplicam - algo que não posso, em geral, conferir exaustivamente por mim mesmo." (Giddens, 1991:35)

Ou ainda:

"Os sistemas peritos sustentam o tempo e o espaço através de eficientes modos de conhecimento técnico que têm validade, independentemente, da maneira de como as pessoas os utilizam. Em condições de modernidade, tais sistemas penetram virtualmente todos os aspectos da vida social (seja em relação ao alimento que comemos, às construções que habitamos, às formas de transporte que utilizamos e a uma multiplicidade de outros fenômenos). Os sistemas peritos não são confinados às áreas de conhecimento tecnológico. Eles estendem-se para o terreno das relações sociais e para as intimidades do eu. O doutor, advogado ou o terapeuta são tão vitais para os sistemas peritos da modernidade quanto o cientista, o técnico ou o engenheiro." (Giddens, 1991:18)

É curioso notar que exista um desencontro de informações técnicas veiculadas pelas revistas, sobretudo, em se tratando de matérias sobre cuidados com o corpo, e, que estas informações não tenham provocado uma queda na credibilidade tanto de *Claudia* como de *Playboy*. No entanto, se pensarmos em termos do que propõe Giddens, o que parece estar em jogo nesse "*mar de*

---

[14] Para uma definição mais detalhada de confiança, ver: Giddens, 1991:40-42.

incertezas" não é a confiança que se deposita no saber especializado, ou naquilo que ele representa, mas nos operadores que manipulam estas informações. Dito de outro modo, pode-se objetar do tratamento proposto por fulano de tal contra as rugas, mas não se põe em dúvida que o avanço técnico constitui-se como uma "arma" contra o envelhecimento.

A intenção em trabalhar com material produzido pela mídia nos coloca alguns desafios que procuraram ser tratados nas páginas anteriores. Em primeiro lugar, não podemos partir do pressuposto de que os meios de comunicação são a expressão direta da sociedade na qual estão inseridos. O que pretendemos mostrar é que existe uma relação complexa envolvendo a mídia e a sociedade em que a primeira também exerce um papel ativo e constitutivo na vida social.

As imagens que são veiculadas pelos meios de comunicação operam de maneiras flexíveis, todavia, seus significados não são ilimitados. Com efeito, podemos falar em sentidos preferenciais dados às mensagens a partir do contexto cultural partilhado pelos criadores e pelos leitores das revistas.

As revistas são, também, um instrumento importante na formação da auto-identidade, entendida como um processo aberto e em permanente construção. Nesse sentido, elas , por vezes, servem como o porto seguro dentro do "mar de incertezas" que caracteriza a vida social contemporânea. As revistas, entretanto, não devem ser vistas como produtoras de um corpo coeso de informações uma vez que encontramos uma variedade de informações especializadas, muitas vezes, contraditórias. A disputa entre saberes, todavia, parece ser mais em termos dos operadores que manipulam estas informações do que em relação à confiança naquilo que Giddens considera como sistemas peritos.

CAPÍTULO 3

Aqui, entre nós. A Revista *Claudia*

O lançamento da revista *Claudia*, em outubro de 1961, é considerado um marco na história da imprensa feminina. Segundo Bassanezi (1991), *Claudia* introduziu o estilo de "magazine moderno" nas publicações femininas brasileiras, com edições coloridas, formato de 34X27 e conteúdo bastante variado (Cf. Bassanezi, 1991:33-34).

O surgimento da revista *Claudia* tem sido analisado em relação aos acontecimentos sociais e econômicos do Brasil no começo da década de sessenta, sobretudo, em relação ao processo de urbanização e de aumento do poder de consumo das classes médias urbanas. Tanto Bassanezi como Nehring (1981) consideram que o lançamento da revista *Claudia* representa uma sensibilidade dos dirigentes da editora Abril em captar as possibilidades de consumo das mulheres desta classe, e oferecer uma revista que, desde logo, foi planejada para dar lucros e ser uma grande vendedora de bens de consumo.

Durante o período escolhido para ser analisado, a revista *Claudia* passou por algumas mudanças tanto ao nível da forma como do conteúdo. A seguir, serão apresentadas as principais diferenças observadas em termos do formato da revista a partir da comparação entre onze exemplares dos anos 80 e dos anos 90[1] . Por fim, alguns dados do perfil dos leitores da revista serão comentados.

---

[1] Os exemplares dos anos 80 compreendem o período entre agosto de 1985 a julho de 1986, exceto dezembro de 1985. Nos anos 90, analisamos o mesmo período.

Folheando a Claudia

Ao iniciar a leitura pela capa, o leitor que comparar a *Claudia* dos anos 80 com a dos anos 90 já nota algumas diferenças. Primeiro, em relação à qualidade do papel e o tipo da letra. Em segundo lugar, nos anos 80 havia uma preferência por mulheres mais famosas protagonizando as capas.[2]

Capa Anos 80 *Capa Anos 90*

Nas primeiras páginas, nosso hipotético leitor encontrará a seção em que a diretora de redação apresenta as atrações do mês na revista. Nos anos 80 esta seção, intitulada *Aqui, entre nós*, assinada por Maria Cristina Gama Duarte, aparecia junto ao índice da revista e sem a foto da diretora de redação. Era freqüente, também, Duarte tratar somente de alguns assuntos da revista, alguns, que nem sequer apareciam na capa. Nos anos 90, Célia Pardi assina a seção, que

[2] Nos 11 exemplares dos anos 80 analisados, observa-se que mulheres famosas protagonizavam a capa. A modelo Xuxa aparece em 3 capas, a modelo Luiza Brunet em 2 e a atriz Patrícia Pillar em 1. Nota-se, também, uma diferença no tipo de foto. Enquanto nos exemplares dos anos 80 a capa, normalmente, mostrava uma mulher fotografada em close, nos anos 90 há uma preferência por fotos de mulheres com o corpo inteiro, destacando mais o corpo inteiro.

passa a se chamar somente *Entre nós*[3], ocupa uma página inteira, com foto da diretora de redação, e procura tratar dos assuntos principais do mês.

Continuando a leitura, nosso leitor encontra a parte das cartas dos leitores. Na comparação entre as edições houve um aumento significativo do espaço ocupado pelo leitor na revista. A *Claudia* dos anos 80, por exemplo, tinha duas seções permanentes reservada a textos produzidos pelos leitores[4]. A *Claudia* mais recente, possui um caderno especial intitulado *Você, leitora*[5], que compreende 7 seções em que leitores escrevem[6].

Em ambos períodos, encontramos colunas na seção *Claudia Responde* em que leitores perguntam sobre temas variados sobre a vida mais velha. Nos anos 80 essa coluna era intitulada *Velhice.* O termo *Terceira Idade* substitui o anterior *Velhice*, nos anos 90, como título da coluna.

Passando a seção de cartas de leitores, as diferenças entre as revistas começam a se tornar mais evidentes. Na *Claudia* dos anos 80, não havia uma certa rigidez na disposição de matérias em cadernos ou seções. Os cadernos fixos, como *O Assunto é... e Viva Melhor,* destacavam-se visualmente do corpo da revista (ambos impressos em papel tipo jornal) sendo que o primeiro continha normalmente pequenas notas sobre pessoas famosas, especialmente ligadas ao mundo do cinema e da televisão, e o segundo misturava matérias de auto-ajuda, dicas de

---

[3] A seção onde o diretor de redação de *Playboy* escreve chama-se, também, Entre nós.
[4] A seção *Claudia responde*, em que especialistas respondem questões variadas, e a seção *Aqui a palavra é sua*, situada no fim do caderno Viva Melhor, na qual leitores publicavam suas poesias. É interessante observar que ambas seções não tinham referência no índice da revista.
[5] De agosto de 1995 a junho de 1996 o caderno possuía este nome. Em julho de 1996, último exemplar analisado, foi substituído por simplesmente *Leitora* .
[6] Estas seções são: *Sua Opinião*: leitores escrevem comentando matérias de edições passadas; *Minha História*: depoimento de algum leitor, escolhido pela redação, sobre algo que aconteceu em sua vida ou que considera relevante para ser contado; *Claudia Responde*: mesmo formato da seção presente nos anos 80 só que com menor tamanho, ela foi desmembrada nas seguintes seções: *Modos e Maneiras*: especialista responde cartas de leitores sobre etiqueta e comportamento social; *Sexo*: especialistas respondem sobre sexo e *Inter Pessoal*: especialistas respondem questões relativas a comportamento e relação entre parceiros.

alimentação, cuidados com o corpo e, como já foi dito, poesias de leitores. A *Claudia* dos anos 80 contava com poucas seções permanentes, além dos cadernos que já foram citados, as seções que normalmente apareciam em todas edições eram: *Moda, Comer Bem*[7], *Saúde, Comportamento, Gente, Horóscopo, Classificado, Lista de Endereços, Palavras Cruzadas e Humor*[8].

Nosso hipotético leitor, portanto, poderia encontrar na *Claudia* dos anos 80 matérias em vários lugares da revista mesmo que, pelo índice, elas façam parte da mesma seção. Após a seção de cartas, normalmente encontrava-se alguma matéria sobre relação entre pais e filhos, seguida por perfil ou entrevista com gente famosa. Antes do caderno *O Assunto é...*, era normal encontrar alguma matéria sobre comportamento ou da relação homem-mulher. Após o caderno *Assunto é...*, vinham, na seqüência, as seções de Moda, Culinária e Decoração. O final da revista era bastante variado, podia-se encontrar matérias sobre viagens, dicas sobre cuidados com o corpo, matérias sobre comportamento, sobre como se vestir no trabalho, dicas sobre o que se deve ter em casa, enfim, uma gama bastante variada de assuntos. As últimas páginas, entretanto, obedeciam a uma seqüência rígida: o caderno *Viva Melhor*, *Horóscopo, Palavras Cruzadas, Classificado, Lista de Compras* e, na última página, um quadrinho de humor com a personagem Radical Chic de Miguel Paiva.[9]

A *Claudia* dos anos noventa já é bem mais rígida com relação à disposição das matérias na revista. Existe uma separação em cadernos fixos onde cada um tem uma página que marca fortemente a passagem de um para o outro, tornando desnecessária uma diferenciação do corpo da revista. Os cadernos fixos são:

---

[7] Seção de culinária. Na época a parte de culinária não havia se desmembrado do corpo da revista.

Leitora, Mundo, Moda, Corpo, Casa, Filhos, Dinheiro e Emoções; e aparecem nesta ordem na revista.[10]

Dessa forma, nosso hipotético leitor encontra uma disposição mais organizada das matérias nas revistas. Após a seção de cartas de leitores há o caderno Mundo que contém seções fixas, tais como *O assunto é... e Livros*, além de matérias sobre a vida de pessoas famosas, matérias de turismo e de assuntos gerais. Depois de Mundo vem o caderno *Moda*, onde aparecem matérias variadas de moda assim como a seção do tipo *Certo e Errado*. Após *Moda* vem o caderno *Corpo*, que contém matérias sobre cuidados com o corpo em geral: ginásticas, dicas de como manter o cabelo, maquiagem, a seção *Antes e Depois* (onde uma pessoa escolhida pela revista passa por uma transformação que envolve um novo corte de cabelo, maquiagem e roupas novas), matérias sobre doenças, nutrição etc. Passando pelo caderno *Corpo*, nosso leitor depara-se com o caderno *Casa* que contém matérias de decoração, arranjo de móveis, projetos de casa, bichos, plantas, dicas de conservação de aparelhos domésticos, enfim, tudo o que se relacione com a moradia. Em seguida, o caderno *Filhos* que trata de matérias variadas, às vezes contendo matérias de moda, ou sobre a relação pai-filho. O penúltimo caderno, *Dinheiro*, é o local de matérias sobre vida profissional, dicas de como abrir negócio, arrumar emprego etc. Por último, o caderno *Emoções* que trata de todo o tipo de relacionamento emocional envolvendo casais (do mesmo sexo ou de sexos separados), uniões formais e relacionamento entre amigos. Em suma, cada assunto

---

[8] Estes 4 últimos não aparecem mais na *Claudia* atual.
[9] Esta seção de humor passa a fazer parte somente a partir de outubro de 1985.
[10] Entre os exemplares analisados, foi observado somente a inversão na disposição entre os cadernos Mundo e Emoções. Entre agosto de 1995 e Abril de 1996, o caderno Emoções vinha logo após o caderno dos leitores e o caderno Mundo finalizava a revista. Depois de Abril, as posições se inverteram.

no seu lugar, tudo disposto em cadernos separados e com uma ordem preestabelecida.

As mudanças editoriais encontradas entre a *Claudia* dos anos 80 e dos anos 90 são mais perceptíveis, sobretudo, a partir de 1993, ano em que foi feita uma mudança radical no visual da revista. No entanto, o processo de transformação visual da *Claudia* começa em 1988 com a chegada da diretora de redação Célia Pardi que, até então, trabalhava na revista *Capricho*[11]. Vejamos como Pardi define as mudanças que ela encabeçou.

"Eu entrei aqui em 1988 e até 1995 a *Claudia* cresceu 66% na sua venda. E, eu tenho muito orgulho em falar disso, porque fazer crescer uma coisa que já é grande é mais difícil do que você fazer crescer algo pequeno. *Claudia* tem um leque muito variado de assuntos, nós falamos de casa, decoração, moda, beleza, saúde, filhos, trabalho, comportamento, gente, perfil, viagens, enfim, tudo o que passa na vida de uma mulher. Isso é uma receita que poucas revistas têm. Só *Desfile* tem uma receita parecida. Isto é o ponto forte de *Claudia*, ou o fraco, se não for bem feito, porque se dilui demais. Então, pensei o seguinte. Se você olhar umas *Claudia* antigas verá que elas são meio desorganizadas. Então eu disse - Por que a gente não organiza isto em departamentos? Não se trata de organizar a vida da leitora, porque isso quem faz é ela, mas organizar a leitura da revista. O caderno *Emoções*, por exemplo, tem uma capinha abrindo um assunto, e isso foi o máximo porque organizou a cabeça da leitora para ler, e a publicidade vem de acordo. Aí fica tudo no mesmo 'mud', você está lendo sobre casa e o anúncio é lavador de prato, você não está, por exemplo, falando de bebê e o anúncio é de batom. A revista está mais organizada e eu acho que é uma coisa que irá se manter."[12]

A organização da revista em cadernos facilita a vida do leitor e também dos anunciantes que dispõem, agora, de espaços orientados em função do assunto para promover seus produtos na revista. *Claudia*, assim, reforça a sua imagem de ser uma revista com conteúdo bastante variado e uma grande vendedora de produto para as mulheres. Embora as mudanças visuais da revista tenham tido uma

---

[11] Revista do grupo Abril voltada para mulheres mais jovens.
[12] Entrevista com Célia Pardi. São Paulo, maio de 1996.

motivação comercial, Pardi nega que haja qualquer tipo de imposição dos anunciantes em relação às matérias que aparecem nas revistas.

"Não há nenhum tipo de imposição da indústria de cosmético, por exemplo, para que haja matérias sobre prevenção ao envelhecimento. Você sabe o que vende em revista? Cabelo. Faz uma matéria de cabelo que é a coisa que a mulher fica mais enlouquecida por saber, por melhorar e por aprender. Isto não é uma imposição de nenhuma indústria, isto é uma necessidade que vem da própria leitora. Eu faço revista há vinte anos, e eu fiz a *Capricho* antes, e mesmo na *Capricho*, uma revista para mulheres mais jovens, até *Barbara*, para mulheres de sessenta, a maior parte das cartas de leitores será para as seções Saúde e Beleza e Sexo. Eu acho que isso é difícil de mudar."[13]

O trecho acima mostra que *Claudia*, mesmo sendo uma revista que procura tratar de vários assuntos, tem alguns que são considerados "fortes" como, por exemplo, beleza, saúde e sexo. Estes assuntos, ademais, não são somente importantes em *Claudia* mas nas revistas femininas de um maneira geral. Neste sentido, o sucesso de *Claudia* parece estar menos em buscar novos assuntos, senão em tratar dos mesmos assuntos de maneiras diferentes.

"Nossa maior preocupação é com a linguagem da revista, com o estilo, e eu, às vezes, não agüento ler revista que parece anos sessenta, setenta, é muito chato. Tem uma meninada (*da redação*) que vem com uma vontade de procurar um jeito diferente de escrever, de procurar um jeito mais coloquial, porque senão é triste. Nós temos que falar as mesmas coisas de beleza, de moda, pois são sempre as mesmas coisas. Há muita repetição e nós temos que ser craques para inventar um jeito novo. Nós já fizemos oitenta milhões de matérias sobre jeans, por exemplo. Como é que vai ser a octogésima milionésima primeira? Nós temos que botar a cabeça para funcionar, e nós temos pouco tempo para fazer isso."[14]

Bassanezi, ao analisar a revista no começo dos anos sessenta, define a linguagem de *Claudia* da seguinte maneira.

"A linguagem de *Claudia* procura uma proximidade com as leitoras e, desta forma, torna-se bastante persuasiva. Além disso, o tom de muitos textos já não é tão autoritário ou enfático *(se comparado com publicações femininas de épocas anteriores)*, usa-se mais 'psicologia', apela-se mais para a ciência ou os dados de pesquisa (que confirmam ou substituem o recurso mais antigo de apelar para

---

[13] Entrevista com Célia Pardi. São Paulo, maio de 1996.
[14] Entrevista com Célia Pardi. São Paulo, maio de 1996.

o 'senso comum'). Porém, o rigor científico e as afirmações baseadas no prestígio destes conhecimentos algumas vezes desembocam em caminhos duvidosos" (Bassanezi, 1991:37)

Os caminhos duvidosos, a que se refere Bassanezi, correspondem a certas omissões dos acontecimentos políticos da época, sobretudo, ao golpe militar de 1964 e a uma dupla moral com relação ao comportamento das mulheres. Em certos momentos, a mulher era vista como um ser com possibilidades de realização pessoal além das funções de ser mãe e dona de casa, em outros, a reafirmação de papéis sexuais e de comportamentos tradicionais.

A descrição que Bassanezi faz da revista nos anos sessenta pode nos servir para a caracterização da *Claudia* mais recente. A linguagem persuasiva, freqüentemente baseada na utilização de especialistas é uma característica comum entre a *Claudia* mais recente e aquela descrita por Bassanezi, entretanto, não se pode dizer que a linguagem se torna menos autoritária, categórica ou impositiva.

Com efeito, o saber especializado acaba sendo utilizado, também, como uma maneira de afirmar valores e comportamentos tidos como adequados pela revista. Como exemplo, pode-se observar que, entre os anos 80 e 90, houve um aumento significativo de matérias do tipo "certo e errado", na qual a revista opina sobre o que se deve vestir e o que não se deve vestir[15].

A chegada de Pardi, em 1988, com a experiência de ter dirigido uma revista feminina para um público mais jovem, não foi acidental. Ela foi planejada pelos diretores da editora Abril com o intuito de, segundo as palavras de Pardi,

---

[15] Enquanto nas revistas analisadas dos anos 80, a coluna "certo e errado" (que na época chamava-se *Tire Proveito da Moda*) constituía-se de desenhos com sugestão de vestuário, nos anos 90, a coluna "*Certo e Errado da Moda*" passa a ter fotos, tiradas de pessoas comuns em diversos lugares, com roupas que devem ou que não devem ser utilizadas. As fotos, freqüentemente, mostram pessoas de costas ou com o rosto cortado em situações comum das mulheres da classe média das cidades: "shopping centers", calçada na rua e acontecimentos sociais. Neste sentido, as fotografias são uma referência mais concreta para o leitor do que os desenhos de moda, característico dos anos oitenta, e, por isso, a opinião da revista sobre o que se deve vestir passa a ser mais próxima. A revista coloca-se quase como um magistrado da moda, decidindo aquilo que as leitoras devem vestir ou não.

"rejuvenescer" a revista, uma vez que *Claudia* estava tendo um crescimento entre os leitores mais velhos. A missão conferida a Pardi pelos diretores da Abril é descrita pela diretora de redação nos seguintes termos:

"Eu vim da Capricho com a missão de rejuvenescer a revista *Claudia*. Os dados da Marplan indicavam que os leitores de *Claudia* estavam crescendo na faixa de idade entre os cinqüenta e cinco aos sessenta anos. Precisava dar uma mexida na revista, pois não havia nenhum interesse para que ela crescesse na faixa de sessenta anos. Por quê? Porque não é um público consumidor, meu Deus do céu! E nem era essa a imagem que a empresa queria passar para a revista, ela queria uma mulher ativa, mãe de família que trabalha fora. Então, foi um trabalho complicado este de trazer de volta à *Claudia* uma mulher mais moderna, moderna não no sentido de vanguarda, mas uma mulher mais centrada nos dias de hoje. Em 1993, nós fizemos uma reforma editorial grande. Nós ficamos durante um ano pensando nesta reforma até chegar ao que foi implantado."[16]

As declarações de Pardi mostram que o público de mais idade, considerado aqui como aqueles que têm mais de sessenta anos, não é visto como um público que oferece grandes possibilidades de exploração do consumo por parte daqueles que fazem a revista.

"Se você pegar esta faixa de trinta a cinqüenta, quarenta e poucos e cinqüenta, eu acho que é onde você encontra a faixa de mulheres ativas, que ganham dinheiro e que consomem. Consomem loucamente. Consomem muito mais do que as mais jovens e muito mais do que as mais velhas. Por isso uma revista de terceira idade, no Brasil, não é viável, pelo menos por enquanto. Porque a terceira idade não consome. A terceira idade é pobre no Brasil, infelizmente. Não como nos Estados Unidos que a pessoa se aposenta e vai viver a vida. Aqui não tem isso. Aliás, saiu uma matéria na *Veja* há tempos atrás dizendo que a terceira idade está começando a aproveitar melhor a vida porque veio da década do boom do Brasil, e foi uma geração que conseguiu guardar dinheiro, e ter dinheiro é viver melhor. Mas os velhos no Brasil são pobres. Então não tem revista. Você não faz revista se você não tem um público consumidor, porque você não faz revista sem anúncio. A não ser que você tenha uma revista específica, como a do Procom, que é o máximo, mas isso é outra coisa. Mas não se tem revista sem anunciante, e, anunciante, é para o público que consome e, no Brasil, este público consumidor de mais idade não existe."[17]

Pardi considera que uma revista da terceira idade ainda é algo distante da realidade brasileira porque o público de mais idade é pobre. Não deixa de ser

---

[16] Entrevista com Célia Pardi. São Paulo, maio de 1996..
[17] Entrevista com Célia Pardi. São Paulo, maio de 1996..

interessante contrapor as declarações de Pardi com uma pequena matéria publicada na revista *Veja* que trata do aumento no consumo de cosméticos entre as brasileiras. Este aumento, segundo a revista, pode ser explicado, entre outras coisas, pelo consumo de cosméticos entre as mulheres com mais de sessenta anos o que representa uma alteração nos padrões de consumo observados nos últimos anos.

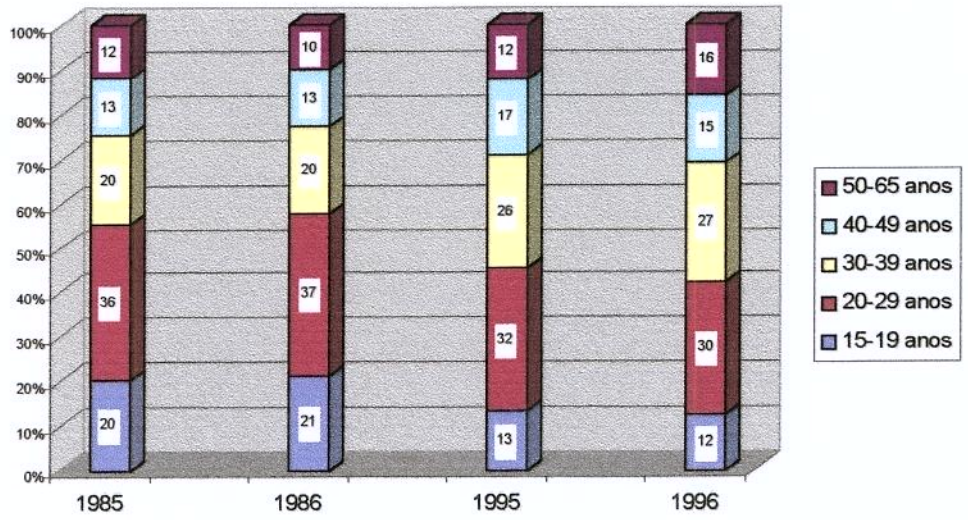
"Os hábitos de consumo dos brasileiros andam mudando muito no item dos cosméticos (...) O Brasil, que era o 18º colocado no ranking da Avon, no ano passado já foi o segundo país em que a marca mais vendeu. Os brasileiros vão gastar 5 bilhões de reais com produtos de beleza neste ano - 35% mais que em 1996. Está se consumindo cosmético por vários motivos (...) as mulheres se permitem ser vaidosas mesmo depois dos 70 anos. Até o início da década de 90, a grande maioria delas já se considerava velha para passar batom e pintar os olhos a partir dos 50 anos." (Veja, 18 junho 1997)

O produto que mais se destaca, neste aumento do consumo de cosméticos, é o creme de beleza. Entre os cremes de beleza, aqueles que previnem o envelhecimento têm uma posição de destaque pois tiveram um aumento de consumo fenomenal nos últimos três anos.

"O primeiro é o creme de beleza. Nesse domínio fazem mais sucesso os cremes de múltiplas funções, aqueles que (segundo a propaganda) hidratam, estimulam as células da pele, retardam o envelhecimento e ainda protegem de raios de sol ou de lâmpada. A venda destes cremes cresceu mais de 500% nos últimos três anos. Só o *Renew* , da Avon, vendeu mais de 7 milhões de potinhos nesse período. A Natura está investindo 2 milhões de dólares para propagandear a sua poção da juventude, o Chronos." (Veja, 18 de junho 1997)

Embora Pardi argumente que era preciso afastar o público de mais idade da revista, pelas razões que foram apontadas, as mudanças editoriais de 1993 encaminharam-se para outra direção. Os dados do perfil dos leitores da revista mostram que, entre os anos observados, houve uma tendência de aumento entre leitoras das classes de idade mais velhas contra uma redução porcentual das classes mais jovens.

Gráfico 1 - Distribuição dos leitores de Claudia por classes de idade



Fonte: Marplan

O público de mais idade, embora no nível do discurso tenha sido desdenhado pelas mudanças editoriais, torna-se cada vez mais importante para a revista. Se compararmos as classes mais velhas consideradas (entre 40-65 anos) e as classes mais novas (entre 15-29 anos), podemos notar que enquanto a primeira cresceu 7%, em média, houve uma redução de 13,5% entre as últimas. O perfil das leitoras de *Claudia* mudou, afastando-se pouco a pouco da faixa mais jovem e concentrando-se nas faixas mais avançadas, especialmente entre 30 a 65 anos.[18]

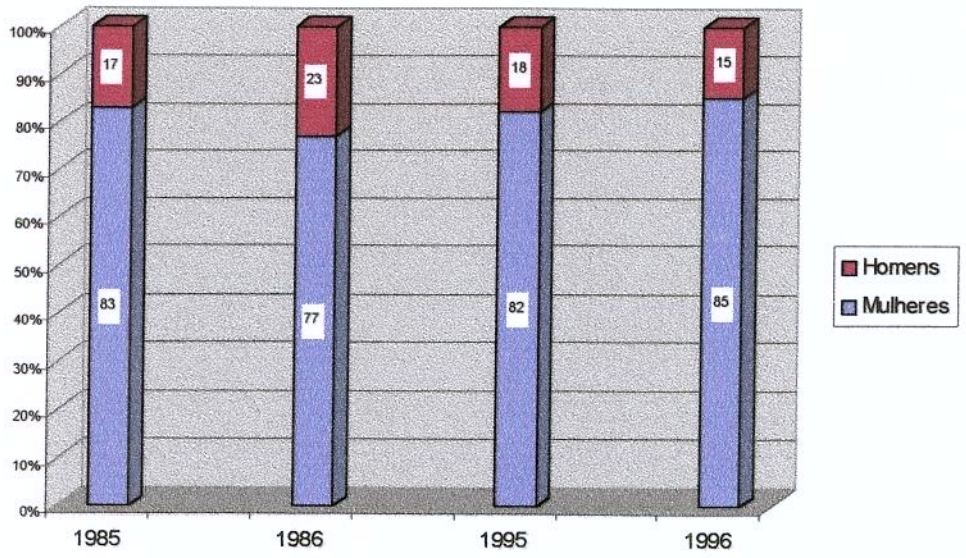
" A revista é feita para uma mulher situada na faixa entre vinte oito a, no máximo, quarenta poucos anos. Este que é o meu alvo, o meu 'target'".[19]

---

[18] A título de comparação, consideramos apenas as três últimas classes de idade, ou seja, leitores situados entre 30 e 65 anos. Nos anos 80, somando essas três classes não obtínhamos mais de 50% (em 1985 45% e 1986 43%). Nos anos 90, nos dois anos analisados, a somatória dessas classes ultrapassa os 50% (em 1995 55% e 1996 58%).

[19] Entrevista com Célia Pardi. São Paulo, maio de 1996.

Gráfico 2 - Distribuição dos leitores de Claudia por sexo



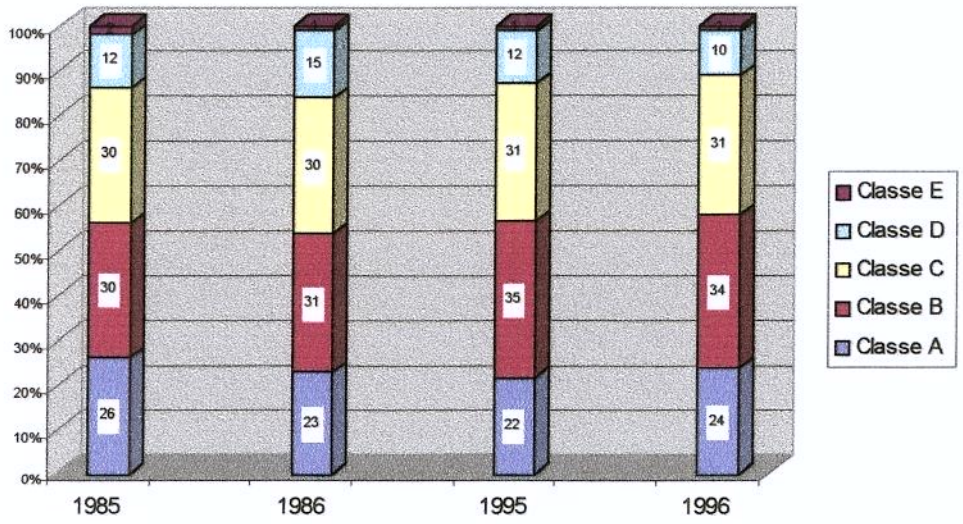
Fonte: Marplan

Em relação à distribuição por sexo, observamos uma certa regularidade na proporção entre homens e mulheres leitores da revista (em média 83% de mulheres e 17% de homens), exceção ao ano de 1986 em que há um crescimento entre os leitores homens. Vejamos como a diretora de redação da revista define as mulheres leitoras de *Claudia*.

"Quando nós fazemos a *Claudia*, nós pensamos numa mulher, eu vou usar a palavra família mas não é, necessariamente, uma mulher casada, mãe, porque mais de cinqüenta por cento das leitoras são solteiras, ou estão sozinhas. É uma mulher que é gregária, que tem a tia, o pai, a irmã, o gato, enfim, uma mulher que gosta de estar em grupo. Mais da metade das mulheres trabalha fora, tem uma renda própria e está preocupada com o mundo. Ela não é uma ativista, ela não vai pegar uma bandeira e sair na rua. Ela está preocupada com a melhora do mundo. Ela não é muito ecológica também, se tiver que usar o ODD que polui usa, porque nós queremos mesmo é que desengordure. (..) Se compararmos profissionalmente, a mulher de *Marie Claire* ou de *Nova* gostaria de morar nos Estados Unidos para fazer um curso e tornar-se vice-presidente da empresa. A leitora de *Claudia* vai abrir uma cadeia de loja de pão de queijo."[20]

[20] Entrevista com Célia Pardi. São Paulo, maio de 1996.

Gráfico 3 - Distribuição dos leitores de Claudia por classes de renda

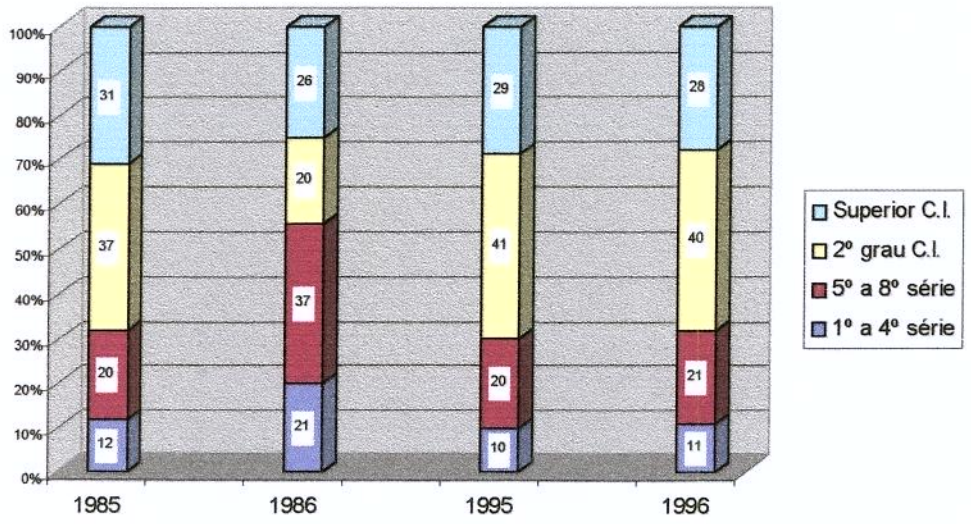


Fonte: Marplan

Se podemos notar algumas diferenças na composição etária dos leitores entre os anos observados, o mesmo não se pode dizer (pelo menos com a mesma intensidade) em relação à distribuição por classes de renda. Com pequenas oscilações, a maioria se encontra a partir da classe C em direção às classes mais ricas (A e B) que, agrupadas, têm em média 86% dos leitores[21].

[21] Entre as três classes mais ricas (A, B e C), podemos observar uma pequena tendência de alargamento entre as classes B e C contra uma pequena redução entre os leitores mais ricos. Em termos percentuais, as classes C e B reuniam 60,5% dos leitores nos anos 80 e passam a agrupar 65,5% dos leitores nos anos 90.

Gráfico 4 - Distribuição dos leitores de Claudia por escolaridade



Fonte: Marplan

A leitora de *Claudia* tem um bom nível de instrução, a maioria tem curso superior ou segundo grau (completo ou incompleto em ambos os casos). A exemplo do que ocorre com a distribuição por sexo, 1986 é um ano *sui generis* em relação à tendência observada. Nele observamos uma redução entre os leitores com mais escolaridade (de forma mais acentuada entre os que têm nível secundário) vis-à-vis com um aumento entre os leitores com menos escolaridade, especialmente, os de 1ª a 4ª série. Para os demais anos, uma média de 69% de leitores com nível secundário ou universitário; entretanto, entre os anos 80 e 90 observamos uma pequena redução entre os leitores com nível universitário acompanhado de um aumento entre os leitores com nível secundário.

Panteras, Gatas e Coelhinhas. A revista Playboy

A revista *Playboy* foi inventada em 1953 pelo jornalista norte-americano, então com 27 anos, Hugh Hefner. Hefner tinha em mente uma revista voltada para os interesses dos homens que não fosse pornográfica, mas que tivesse na nudez da mulher o seu foco principal.

"A *Playboy* cobre muitos aspectos do interesse do homem, e, naturalmente, a mulher e o sexo estão entre eles" (http://www.*Playboy*.com)

A *Home Page* oficial da revista norte-americana a define da seguinte maneira:

"*Playboy* é a revista masculina líder em termos mundiais, com 16 edições internacionais. Ela contém ficções premiadas, artigos investigativos, humor clássico, entrevistas profundas e fotos das mulheres mais bonitas do mundo." (http://www.*Playboy*.com)

A *Playboy* americana dispõe de uma coleção de princípios e de opiniões sobre o mundo chamado de "A Filosofia de *Playboy*".

"A Filosofia de *Playboy* foi uma tentativa de Hugh Hefner mostrar (tanto para amigos como para críticos) os princípios norteadores e editoriais do credo da revista *Playboy*. Ao fazê-lo, ele ajudou a definir aquilo que se tornou conhecido como a nova moralidade, colocando a responsabilidade sobre atividades sociais e sexuais mais no indivíduo e menos no governo. Originalmente, planejada para ser um artigo da edição de dezembro de 1962, ela cresceu e se tornou um conjunto, composto por 25 séries, que provou ser a mais popular e controvertida publicação da revista (a última série foi publicada em julho de 1963). Hefner criou o Fórum de *Playboy* para discutir as questões nascidas da Filosofia de *Playboy*" (http://www.*Playboy*.com)

A Filosofia de *Playboy* começa da seguinte maneira:

"A Filosofia de *Playboy* é atribuída à nossa crença na importância do indivíduo e dos seus direitos enquanto membro de uma sociedade livre. Esta é nossa premissa básica (o ponto de partida que envolve tudo aquilo que pensamos)."(http://www.*Playboy*.com)

O primeiro parágrafo nos mostra a importância visceral que o indivíduo tem na revista. Um indivíduo que é construído de maneira totalmente livre de qualquer

imposição supra-individual, que pode exercer livremente seu pensamento e que vive a vida buscando a sua felicidade.

"Nós sustentamos que o interesse pessoal do homem é natural e bom, e que isso pode ser canalizado, através da razão, para o benefício do indivíduo e da sua sociedade, para a crença de que a moralidade deve-se basear na razão, para a convicção de que a sociedade deve existir como servil ao homem, e não como seu controlador, e para a idéia de que o propósito da vida do homem deve-se basear na existência plena da vida e no propósito individual de felicidade" (http://www.*Playboy*.com)

Há outros elementos marcantes da construção deste indivíduo *Playboy*. Embora, em princípio, ele seja totalmente livre para gozar a vida, norteado apenas por uma idéia de satisfação pessoal, a condição normal é que ele seja heterossexual.

"Nós confessamos um forte preconceito pessoal em favor das variedades de sexo entre homens e mulheres, embora nossa crença numa sociedade livre, racional e mais humana requeira uma tolerância as inclinações sexuais diferentes das nossas (desde que estas atividades sejam limitadas ao consentimento de adultos em lugares privados e que não envolvam nem menores nem o uso de qualquer forma de coerção) ." (http://www.*Playboy*.com)

A condição normal de heterossexualidade não impede que o homem de *Playboy* tenha se envolvido em alguma atividade homossexual durante o decorrer da sua vida.

"Qualquer dimensão da homossexualidade representa uma desordem emocional, e deve ser tratada psiquiatricamente; não se trata, de forma bem sucedida, uma neurose através de leis contra seus sintomas. Ademais, o comportamento homossexual não implica, necessariamente, numa aberração emocional. Uma grande percentagem da nossa população adulta já esteve, no decorrer da vida, envolvida em alguma forma de atividade homossexual sem que isso possa ser definido cientificamente como anormal." (http://www.*Playboy*.com)

O homem *Playboy* também separa sexo do amor e do casamento. Para ele a busca do sexo heterossexual é algo tão sublime que se justifica por si só.

"O simples ato de praticar sexo antes do casamento não aumenta a chance de um casamento bem sucedido. São as atitudes que se desenrolam no ato sexual que irão determinar de que forma a pessoa se ajustará tanto ao sexo como ao casamento. Sexo é também uma experiência emocional profunda. Não há ato mais carinhoso, mais intimo e mais pessoal entre dois seres humanos. O sexo é, na sua melhor forma, uma expressão de amor e de adoração. Isso não quer dizer que o sexo é, ou

deveria ser, limitado apenas ao amor. Amor e sexo não são, certamente, sinônimos; embora possam estar fortemente interrelacionados, um não é, necessariamente, dependente do outro." (http://www.*Playboy*.com)

Talvez esta seja a razão de não vermos em *Playboy* alguns assuntos que aparecem com mais freqüência em *Claudia*, como por exemplo, relacionamento entre pais e filhos. Voltaremos a esta questão mais tarde, por ora, é bom frisar que o homem de *Playboy* é um homem adulto (sem idade específica), heterossexual (mesmo que tenha se envolvido em "alguma atividade homossexual" durante a sua vida), busca a satisfação pessoal, pode ser ou não casado e tem no sexo uma das prioridades da sua vida. Este homem de *Playboy* pode ser entendido como uma abstração ou um modelo ideal de comportamento valorizado pela revista que pode se confundir ou não com a realidade dos seus leitores. Neste sentido, o homem *Playboy* não é, necessariamente, a expressão dos leitores de *Playboy*.

Playboy no Brasil

A revista *Playboy* foi lançada no Brasil em agosto de 1975. Embora tivesse como modelo a revista norte-americana de mesmo nome, no momento do seu lançamento, a revista era intitulada *Homem*, com subtítulo "o melhor de *Playboy*".

"A ditadura militar não aceitava a marca *Playboy*, devido a seu conteúdo erótico e também pela associação que a marca carregava em relação às atividades que a *Playboy* americana tinha na época, como os cassinos. Por outro lado, o nome *Homem* dava mais liberdade para a editora Abril, quem sabe, dissociar-se mais tarde da marca americana. Nasce Homem, 'com o melhor de *Playboy*'" (Histórico Editorial da revista *Playboy*. Circulação interna.)

Em julho de 1978, a editora Abril perde o nome *Homem*, numa decisão judicial, para a editora Três e a revista incorpora definitivamente o nome de *Playboy*. De acordo com o histórico editorial de *Playboy*, os primeiros anos da

revista foram difíceis, sobretudo, em relação à censura e as restrições de "ordem moral".

"Apesar da amenização da censura política sobre a imprensa, com o início do governo do general Ernesto Geisel, e sua progressiva abolição, sofríamos censura prévia e havia muitas restrições de 'ordem moral': o nu frontal era proibido e havia as determinações mais *non sense* possíveis. Permitiam-se fotos de meia bunda, de um único seio por página, ocasionalmente de bunda inteira, ou de mamilos, desde que suavizados... Até que em 1980, já sob o 'prendo e arrebento' da abertura do governo João Fiqueiredo, iniciado em 1979, o nu frontal passa a ser permitido. A mulher de *Playboy* tem pêlos! Os textos, que também eram censurados, deixam de ser." (Histórico Editorial da revista *Playboy*. Circulação interna.)

A partir da liberação de fotos de mulheres nuas pelo governo militar muitas revistas masculinas passaram a seguir a linha da pornografia, no entanto, de acordo com o Histórico Editorial da revista, a *Playboy* se distingue delas pela qualidade dos seus ensaios de nus e dos serviços e matérias que oferece.

"*Playboy* se distingue *(das revistas pornográficas)*, adotando seu padrão de revista estilo de vida, com menos matérias políticas, mais gente badalada e, a seguir, com muitas matérias de serviços, além da excelência de seus ensaios de nus" (Histórico Editorial da revista *Playboy*. Circulação interna.)

O ano de 1985 é considerado um ano em que *Playboy* passa a fortalecer o seu núcleo jornalístico na tentativa de dar maior credibilidade aos ensaios e matérias da revista. Este é o ano que Ricardo Setti entra na revista, então como chefe de redação, vindo de passagens por outras publicações, tal como Veja e Isto É.

Na entrevista com o diretor de redação da *Playboy* brasileira, fica claro a influência da revista americana sobre a brasileira assim como a rigidez no formato de *Playboy*.

"A *Playboy* segue adaptando a condições brasileiras uma fórmula muito específica de revista, inventada pelo Hugh Hefner nos EUA na década de 50, fórmula bastante peculiar que mistura alguns ingredientes de interesse do homem. Não é uma revista erótica, sobre erotismo ou sobre sexo. É

uma revista que coloca o sexo numa posição privilegiada, por constatar que isso é uma verdade entre os leitores homens, mas envolve vários outros aspectos, que eu chamo de 'pilares de credibilidade'. Primeiro, um bom jornalismo, jornalismo sério, que cuide de assuntos importantes envolvendo política, economia, relações internacionais, negócios, até coisas mais leves como vida noturna, moda e festas. O carro chefe deste pilar jornalístico é a famosa entrevista mensal de *Playboy*. *Playboy* foi a primeira publicação, ao nível mundial, a publicar este tipo de entrevista pingue-pongue, vasta, que esgota o assunto, entrevista a pessoa vários dias, e coloca na entrevista o clima em que se desenvolveu a conversa (mais coloquial). Isso a *Playboy* americana fazia 25 anos antes que o Pasquim, por exemplo. Outro pilar importante de *Playboy* é a prestação de serviços. A *Playboy* tem um 'ranking' fantástico das melhores faculdades do Brasil considerado, até pelo atual ministro da educação *(Paulo Renato Costa Souza)* antes do provão, a coisa mais séria sobre assunto. Há também outros 'rankings' e testes, como o de bebidas, charutos e de coisas que dão prazer para o homem. Nós somos, também, a principal referência na imprensa brasileira sobre moda masculina. *Playboy* tem, também, o guia de motéis, guia rigoroso, jornalisticamente falando, sem nenhum interesse comercial. Outro ponto forte da revista é a utilização de ilustração de boa qualidade, da utilização de trabalhos de artista gráficos de alto-nível ou famosos. No Brasil os melhores ilustradores já passaram ou passam por *Playboy*. A ilustração é uma marca diferenciadora de *Playboy*. Finalmente, mais dois pontos que caracterizam esta fórmula que o Hefner concebeu e que nós adaptamos. Um seria o humor, expresso não apenas pelos cartuns, pelas historietas, pelas piadas - nós temos uma página inteira, tradicional, de piadas - como também textos de humor escritos por pessoas famosas como Luís Fernando Veríssimo, Rui Castro entre outros. Como último ponto dessa forma bastante peculiar a ficção, que, ultimamente, desapareceu da imprensa mundial, com exceção de algumas revistas especializadas"[1]

A fórmula de *Playboy*, a que se refere Setti, envolve alguns elementos que devem estar presentes em todas as edições de *Playboy* no mundo. Primeiro, o que a própria revista caracteriza como a "excelência dos seus ensaios de nus", pode ser traduzida como fotos de mulheres nuas, em uma atmosfera sensual, mas com algumas restrições. É muito raro haver fotos de homens nus acompanhando as mulheres, quando eles aparecem nunca o membro sexual masculino é mostrado e não há fotos envolvendo penetração. Nos ensaios fotográficos femininos, não se observa fotos que coloquem a vagina em close ou que a mostre em detalhes.

---

[1] *Entrevista com Ricardo Setti*. São Paulo, fevereiro de 1997.

Há sempre duas entrevistas em cada edição. A maior e principal é a entrevista mensal de *Playboy*, descrita sumariamente por Setti. A outra chama-se *20 perguntas*, em que o entrevistado responde a este número de perguntas formuladas pela revista. Como terceiro elemento, ilustrações abrindo a parte de ficção e algumas matérias. Por último, algumas seções fixas (além das já citadas entrevistas e ficção) como, por exemplo, a de piadas no final de cada exemplar.

Folheando Playboy

Se compararmos a revista *Playboy* dos anos 80 com a dos anos 90, encontramos algumas diferenças significativas, sobretudo no visual da revista. Esta mudanças, entretanto, não são tão profundas como as observadas entre as revistas *Claudia* no mesmo período. Pelo fato da *Playboy* ser uma edição local de uma revista criada nos Estados Unidos, pode-se notar uma rigidez maior das seções e no formato da revista.

Com o intuito de apresentar a revista e apontar algumas diferenças observadas na *Playboy* brasileira dos últimos dez anos, foram lidos doze exemplares dos anos 80 (de agosto de 1985 a julho de 1986) e doze anos 90 (de agosto de 1995 a julho de 1996).

Nos dois períodos analisados, a capa sempre é o local onde aparece a atração do mês da revista, invariavelmente, uma mulher, fotografada em close ou de corpo inteiro. As diferenças encontram-se na textura do papel (a capa atual é invernizada), no tipo da letra utilizada e na utilização de mais cores. Com relação às fotos, na *Playboy* mais recente a mulher que protagoniza a capa aparece,

normalmente, sozinha, ao passo que nos anos 80 era mais comum observar fotos de mulheres (em formato menor) concorrendo com a mulher da capa.[2]

Capa Anos 80 *Capa Anos 90*

Há de se observar, a exemplo do que ocorreu em *Claudia*, que nos anos 80 havia um número maior de mulheres famosas que protagonizavam a capa.[3] Este fato, deve-se, sobretudo, a política de redução de custo implantado na editora abril a partir do segundo semestre de 1992.

---

[2] A título de curiosidade, nos exemplares dos anos 90 analisados há um número maior de mulheres na capa totalmente nuas, 3, contra nenhuma dos anos 80. Ademais, só foi observado 1 capa dos anos 80 com uma mulher mostrando os seios contra 5 das edições analisadas dos anos 90. Nas edições mais recentes (e isso também pode ser observado na revista *Claudia*) a foto da mulher na capa, por vezes, encobre o logotipo da revista, fato que não ocorria nos anos 80. As mudanças visuais da revista *Playboy* acentuaram-se, a partir de 1994, com uma nova proposta gráfica encabeçada pelo americano Jan White. Com relação à capa estas mudanças foram, segundo o Histórico da Revista, as seguintes: "A adoção de uma nova linha de capas, com produção mais esmerada, busca de novos ângulos para a mulher e, pela primeira vez na história de *Playboy*, com a colocação da mulher da capa na frente do logotipo da revista; com isso, a foto da mulher de capa passou a ocupar uma área maior (em certas capas, até 17% maior) da que vinha ocupando, parecendo, assim mais 'próxima' do leito leitor", além disso, à Jan White , passamos a utilizar até quatro cores nas chamadas, de forma a valorizar assuntos e a destacar a presença de celebridades na pauta da revista; finalmente, a partir da edição de maio de 1995, as capas de *Playboy* passam a ser tratadas com o verniz especial UV, importado, o que nos obrigou a antecipar o fechamento da capa, reprocessada graficamente fora da Abril, mas em compensação obteve enorme repercussão positiva entre os leitores" (Histórico Editorial da revista *Playboy*. Circulação interna.)

[3] A título de comparação, dos 12 exemplares dos anos 80 analisados, em sete apareciam mulheres famosas: Maria Zilda, *Claudia* Raia - duas vezes -, Yoná Magalhães, Luiza Brunet, Monique Evans e Sônia Braga. Nos exemplares analisados dos anos 90 encontram-se apenas três: Adriane Galisteu, Paloma Duarte e Paula Burlamaqui.

"Durante os últimos anos *(1991 a 1992)* consagrou-se a idéia de lançar três edições 'mais fortes' por ano, tendo estrelas de muito nome na capa em fevereiro (para tentar alavancar a publicidade num mês tradicionalmente fraco); agosto, edição de aniversário, e novembro, edição de festas. O conceito foi revisto para 1993 em função de que a edição de fevereiro de 1992, com Cristiana Oliveira, não obteve o sucesso publicitário; a recessão e as grandes dificuldades financeiras por que passou o grupo Abril obrigaram a uma política mais cautelosa de cachês. Tal política revelaria seu custo nos meses seguintes: a falta de grandes estrelas diminuiu a repercussão da revista, baixou seu perfil, *Playboy* 'aconteceu' menos do que deveria." (Histórico Editorial da revista *Playboy*. Circulação interna.)

A política de redução de custos, sobretudo em relação ao cachê das mulheres que protagonizam as capas, acaba sendo revista em 1994, já na gestão de Ricardo Setti.

"O problema da administração do Juca Kfouri *(diretor de redação de Playboy entre 1991 e 1994 e antecessor de Setti)* foi que ele administrou a revista num período de escassez de recursos, em função do grupo Abril estar numa situação apertada, investindo em televisão e o Brasil também vivia numa situação de recessão. Assim, ele contou com muito pouco recurso e conseguiu manter o bom padrão da revista, quase que por milagre. Curiosamente, a saída dele até me beneficiou (se ele continuasse na revista ele também se beneficiaria, mas ele foi tocar o projeto novo da revista Placar). Quando eu entrei aqui, a revista já dispunha de um orçamento muito reforçado, a Abril voltando a investir e entendendo, perfeitamente, do ponto de vista de negócios, que o investimento numa mulher de capa famosa, bem feito, tem um retorno espetacular. A capa puxa todo o resto da revista e também as edições seguinte, a revista passa a ser mais procurada, enfim, há um efeito residual muito grande."

Em função da importância que a capa desempenha em *Playboy*, e contando com recursos mais volumosos para contratar as mulheres da capa, Setti acaba sendo o responsável por algumas das edições mais vendidas da *Playboy* brasileira até o momento.

Nosso leitor, ao sair da capa e folhear a revista encontrará, também, algumas diferenças. Nas edições dos anos 80, o primeiro texto encontrado em *Playboy* era a coluna em que o diretor de redação (ou o chefe de redação em alguns exemplares) apresenta as atrações da revista, intitulada *Entre Nós*, seguida pelo índice. Nas revistas recentes, a posição se inverte e o índice passa a ser a primeira produção

da revista. Setti, que trabalhou na revista nos dois momentos analisados, entre 1985 e 1986 e entre 1995 e 1996, tem a seguinte avaliação das transformações visuais pelas quais a revista passou.

"Durante estes anos todos *(de 1985 até 1996)* houve muitas mudanças, mas eu acho que, em linhas gerais, a revista ficou visualmente mais 'clean', com fotos mais estouradas, mais visíveis, com tipologia de texto maior e mais exuberante. O mundo moderno está cada vez mais visual. A revista está mais clara, mais alegre e mais limpa. Nós acabamos com aquelas continuações no final da revista - isso fazia parte daquela fórmula rígida de *Playboy* mas nós conseguimos modificar a partir de uma série de negociações com Chicago *(sede da Playboy americana)*. Outro dado importante é que os ensaios fotográficos aumentaram de tamanho, em 1985 os ensaios tinham 10, 11 páginas, hoje em dia, 25, 26, e é preciso ter este tamanho, pois senão não se vende a revista - é preciso haver uma proporção entre o trabalho e o dinheiro gastos na produção com o resultado -. Aumentamos a tipologia, os textos ficaram mais fáceis de ler. Eu acredito que a revista, como um todo, ficou mais fácil de ler. Antes havia muita seção, sub-seção, tinha seção sobre a vida do homem nas cidades, cadernos do Rio e São Paulo, muitas seções e o leitor não achava as matérias. Hoje, quando se abre a revista, a primeira coisa que se encontra é o índice, com as páginas em número grande para o leitor saber onde encontrar as matérias"[4]

Saindo do *Entre Nós* e do índice, nosso leitor, se estiver folheando a revista dos anos 80, encontra as seções de carta dos leitores que são duas: *Caro Playboy* e *Assessoria.* Na seção *Caro Playboy*, leitores escrevem comentando matérias de edições passadas. Na seção Assessoria, leitores perguntam sobre temas variados[5]. Nas revistas dos anos 80, havia uma sub-seção em *Caro Playboy* intitulada *Converse com as Coelhinhas* em que um leitor fazia uma pergunta para uma mulher que tivesse posado para *Playboy*. Nos anos 90, *Converse com as Coelhinhas* torna-se uma seção de página inteira, muda de nome, passa a se chamar *Mulheres*, a pergunta é feita pela revista e respondida por várias mulheres famosas (que podem ter posado ou não para *Playboy*).

---

[4] *Entrevista com Ricardo Setti.* São Paulo, fevereiro de 1997.

[5] Não foi feito um estudo aprofundado sobre o conteúdo das perguntas da seção Assessoria, no entanto, o que se observa, nos dois períodos analisados, é que há sempre perguntas sobre os mesmos temas, a saber, perguntas sobre sexo, sobre aparelhos eletrônicos, sobre moda e sobre

Nas revistas dos anos 80, as seções de cartas de leitores apareciam juntas, nos anos noventa, diferentemente, pode-se notar algumas seções entre *Caro Playboy* e *Assessoria*. São elas, *Panteras, Gatas e Coelhinhas*, *Mulheres* e *De Mulher para Homem*. *Panteras, Gatas e Coelhinhas* que, nos anos 80, era uma sub-seção de *A Doce Vida de Playboy*, ocupa, nas revistas atuais, duas páginas com fotos de mulheres nuas, geralmente, jovens pouco conhecidas. *De Mulher para Homem* é uma coluna em que a psicanalista Maria Rita Kehl trata de assuntos referente a relação homem mulher. Nos anos noventa, não há uma mulher titular desta coluna, e ela tinha o nome *Mulheres*.

As diferenças mais substanciais entre as duas revistas encontram-se na parte que antecede a entrevista mensal de *Playboy*. Nos anos 80, nosso leitor encontrava antes da entrevista as seções *Doce Vida de Playboy, Humor, Música, Vídeo, Cinema, Leitura, Esporte, Zoom, Mulheres* e *Insiders*. Destas seções, excetuando *Insiders*, cada uma ocupava em média uma página com poucas fotos e muito texto. *Música, Vídeo, Cinema, Esporte* e *Leitura* eram colunas que possuíam titulares e não apenas mostrava os discos, filmes, programas ou os livros do momento, mas comentava-os. *Doce Vida de Playboy* era composto de algumas sub-seções fixas, como *Panteras, Gatas e Coelhinhas*, e de outras menos assíduas como *Teste seu Vocabulário* (com gírias das pessoas jovens) ou *Transas* (dicas de lugares exóticos para se praticar sexo). A seção *Zoom* não tinha um titular fixo e sempre mostrava a opinião de alguma pessoa sobre um determinado assunto (por exemplo, fumo, AIDS, comportamento etc). A seção *Insiders* ocupava, em regra, 3 páginas, em preto e branco, e era composta por pequenas notas em que pessoas famosas davam

---

etiqueta. A título de curiosidade, o subtítulo desta seção nos anos 80 era: *Qual o Problema?*

dicas sobre lugares para viajar, para dançar, para comer (às vezes, com receitas de alimentos) e comentários de festas e acontecimentos sociais.

Nos anos noventa, houve uma reformulação da seção *Insiders* e ela passou a incorporar algumas seções que nos anos 80 apareciam separadas. Primeiramente, ela passa a ter uma diagramação diferente, com muitas fotos em cores e textos mais condensados. Além das dicas de pessoas famosas, o *Insider* atual incorporou a seção de livros, de música e os comentários sobre filmes, no entanto, com um texto bem mais reduzido. Há também sub-seções compostas de pequenos textos sobre bastidores da política em Brasília, sobre objetos de uso de pessoas famosas, sobre tecnologia (especialmente, dicas sobre internet) e fotos de mulheres.

Insiders Anos 80 *Insiders Anos 90*

"A criação da nova seção 'Insiders', a cargo do editor sênior Nirlando Beirão, que tem 8 páginas abriga toda a parte 'cultural' até então burocraticamente conduzida em textos de uma página ('Livros', 'Música', 'Vídeo' etc) e ainda cria uma subseção de multimídia, 'Plug', e mais bastidores da política, dos negócios, da moda, da noite, sacadas visuais, pequenos infográficos, informações em pílula sobre o comportamento amoroso/sexual etc, tudo com um linguagem moderna e agradável,

---

Escreva!. Nos anos noventa não há subtítulo.

textos curtos, muito recurso a vinhetas e outros tipos de pequenas ilustrações" (Histórico Editorial da revista *Playboy*. Circulação interna.)

Se, por um lado, houve uma redução no espaço de texto da revista durante o período analisado, por outro, nosso hipotético leitor não precisa esperar tanto para encontrar a primeira mulher nua da revista. Em relação à *Playboy* dos anos 80, pode-se notar na *Playboy* atual uma proliferação de mulheres nuas em toda a revista. Nos anos 80, nosso leitor iria deparar-se com a primeira mulher nua na revista somente após a entrevista do mês, normalmente na página 50 ou 60. Na *Playboy* atual, pode-se encontrar fotos de mulheres nuas no *índice*, nas seções *Panteras, Gatas e Coelhinhas* , *Mulheres* e no *Insiders*.

A entrevista mensal de *Playboy* teve pouquíssimas alterações. De maneira geral, ela permaneceu com o mesmo formato descrito por Setti, de uma entrevista mais longa, que procura cobrir vários aspectos da vida do entrevistador, feita em tom coloquial e com perguntas e respostas curtas. As mudanças observadas foram em relação ao número médio de páginas da entrevista, que aumentou em uma página (de 11,5 páginas, nos anos 80, para 12,5 nos anos 90) e em relação ao término da continuação da entrevista no final da revista. Este fato, já mencionado por Setti, de resto ocorria com muitas matérias da *Playboy* dos anos 80. No caso da entrevista, por exemplo, ela começava com mais ou menos cinco páginas, cessava, e depois continuava no final da revista. Esta alteração representou o atendimento de uma antiga reivindicação do leitor brasileiro e modificações na fórmula de *Playboy* mundial.

"1993 marca a história de *Playboy* como o ano em que, enfim, o leitor é atendido na antiga reivindicação de acabar com a continuação de matérias no final da revista. E Chicago não chiou!" (Histórico Editorial da revista *Playboy*. Circulação interna)

De maneira geral, pode-se dizer houve poucas alterações na disposição das matérias e ensaios fotográficos de mulheres nuas da revista a partir da entrevista de

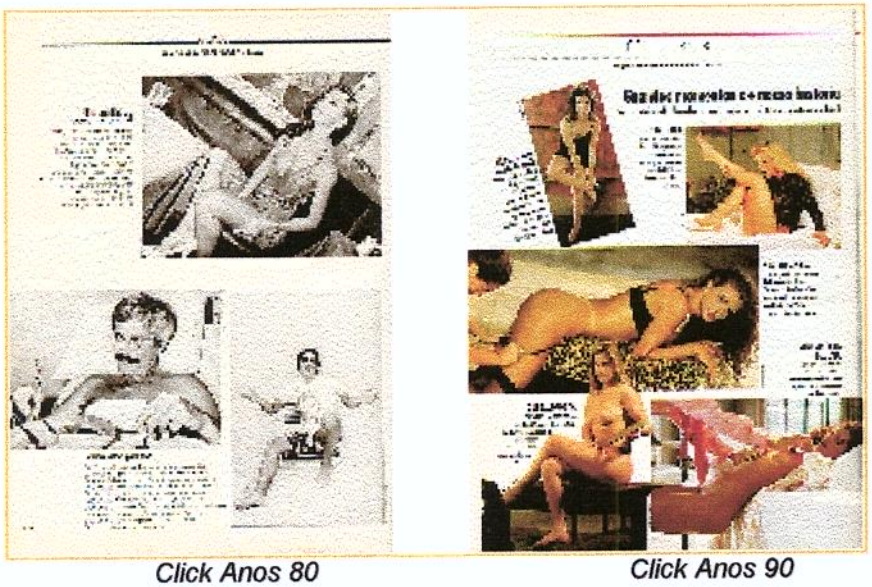
Playboy. Normalmente, as edições de *Playboy* contam com três ensaios que, em certo sentido, balizam as demais matérias da revista. O primeiro ensaio, vem logo após a entrevista mensal e entre este e os demais aparecem as matérias do mês de *Playboy*. Entre o último ensaio e o final da revista, há algumas diferenças.

Nos anos 80, por exemplo, nosso leitor encontrava a seção *20 perguntas para* entre o segundo e o terceiro ensaio. Nos anos 90, a mesma seção encontra-se entre o terceiro ensaio e o final da revista. Ademais, nos anos 80, o final da revista (considerado aqui como todo o texto e imagem da revista a partir do terceiro ensaio) era marcado pelas continuações das matérias. Como elas não existem mais, o final da revista atual ficou menor em número de página.

A seção que sofreu maiores alterações no final da revista foi a seção *Click*. Além do subtítulo que se modificou[6], a seção Click passou de duas páginas, em preto e branco, para seis páginas em cores. Nos anos 80, esta seção, em regra, contava com fotos de pessoas famosas em boates, discotecas, restaurantes ou em eventos sociais. As fotos da seção *Click* sempre tiveram a característica de fotografar as pessoas em momentos inesperados, seja, por exemplo, a fotografar calcinhas de mulheres famosas, ou de namorados se beijando. Nos anos 90, além de fotos deste tipo (envolvendo situações embaraçosas ou de acontecimentos sociais) a seção Click passa a incorporar mais fotos de mulheres nuas, ou seminuas. Esta ampliação do Click deu-se pela constatação de que esta é a seção mais lida da revista. (Cf. Histórico Editorial da revista *Playboy*. Circulação interna.)

---

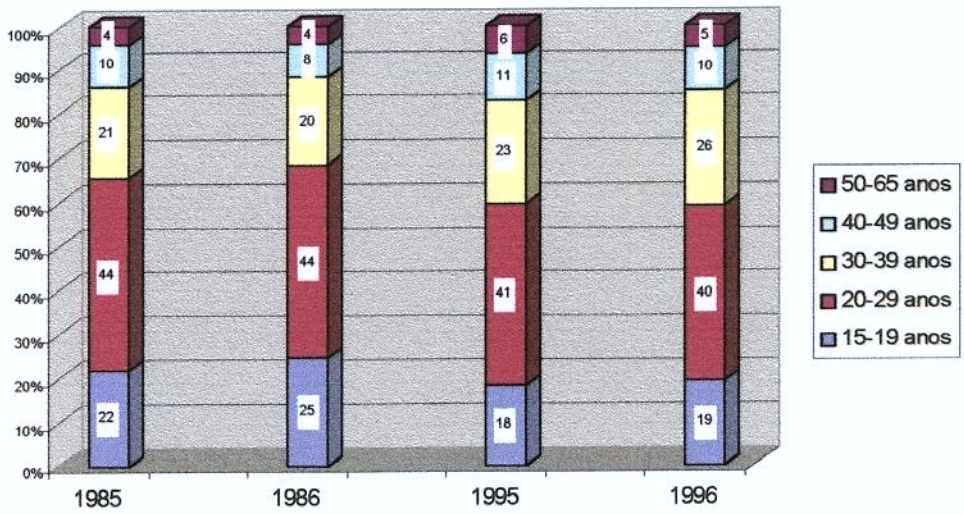
[6] O subtítulo desta seção passou de *flagras indiscretos da fama* para o que acontece no mundo de *Playboy*. Esta modificação permitiu inserir nesta seção eventos que eram promovidos pela revista e que não cabiam no *Click* anterior. Cf. Histórico Editorial da revista *Playboy*. Circulação interna.



Click Anos 80 *Click Anos 90*

A última página da revista permaneceu inalterada. É nela que se encontram as piadas de *Playboy*.

Gráfico 5 - Distribuição dos leitores de Playboy por classes de idade

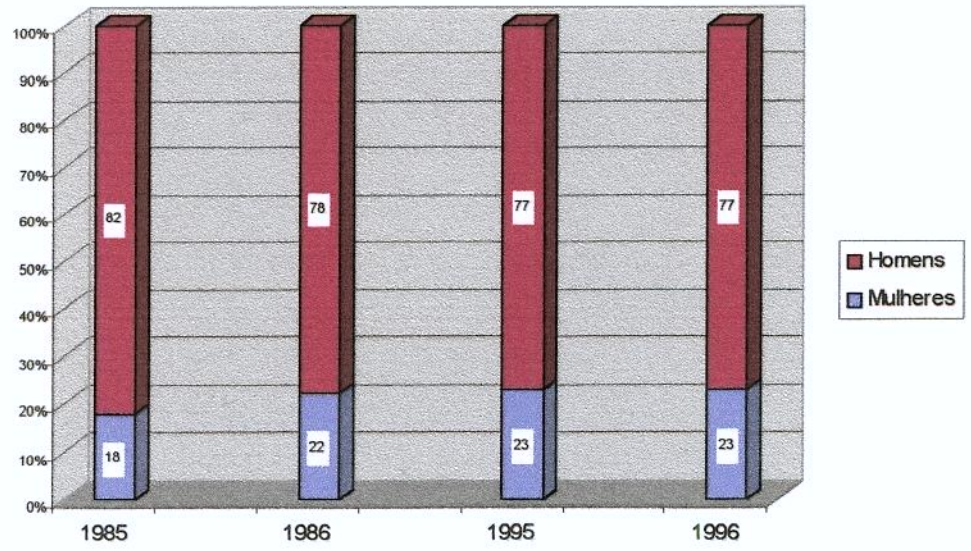


"O leitor de *Playboy* é até jovem demais. O leitor de *Playboy* é mais jovem do que a média das pessoas pensa. Há um número muito grande de leitores jovens que nós não conseguimos sequer medir. Nossas medições são pelo Instituto Marplan que pesquisa sobre leitura declarada. Até pouco tempo atrás, o Marplan não ouvia leitores com menos de 15 anos - e era um problema para *Capricho*, por exemplo, que é uma revista de jovens -. Nosso perfil de leitor não vem aumentando de

idade, pelo contrário, vem diminuindo. Algo em torno de 65% dos leitores de *Playboy* tem menos de 29 anos. A esmagadora maioria dos nossos leitores é jovem, solteiro e tem bom nível de instrução."[7]

As palavras de Setti, embora se refiram a um momento mais recente da revista, não expressam as transformações entre as classes de idade dos leitores durante os anos observados. Se, por um lado, a maioria dos leitores situa-se entre os 15 aos 29 anos (nos quatro anos analisados), por outro, podemos observar uma progressiva diminuição percentual de leitores nessas faixas etárias. Nos anos 80, em média 67,5% dos leitores encontravam-se nas duas primeiras classes de idade ao passo que, nos anos 90, esse número decresceu para 59%[8]. A queda entre os leitores mais jovens não foi acompanhada somente por um crescimento entre os leitores das classes mais velhas (3%, em média), a exemplo do que ocorreu com a revista *Claudia*, mas de um crescimento, também, entre os leitores da classe intermediária (30-39 anos), em média, 4%.

Gráfico 6 - Distribuição dos leitores de Playboy por sexo



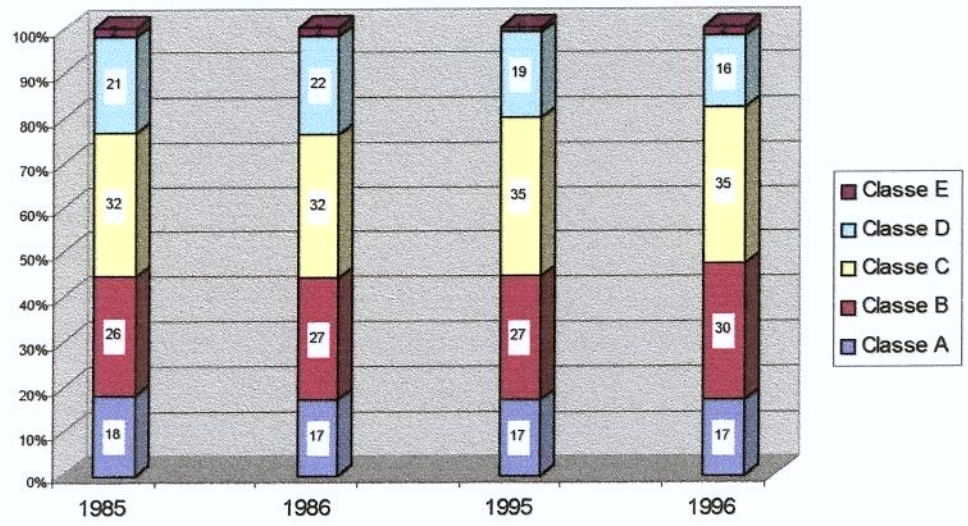
Fonte: Marplan

---

[7] *Entrevista com Ricardo Setti.* São Paulo, fevereiro de 1997.
[8] Decréscimo de 8,5 pontos percentuais. A revista *Claudia* teve uma redução de leitores nessas faixas de 13,5%.

A revista *Playboy* é lida, em média, por 23% de mulheres e por 77% de homens. Estes números tiveram pouca alteração entre os anos observados, a não ser pelo ano de 1985 que contou com um número maior de leitores do sexo masculino: 82%.

Gráfico 7 - Distribuição dos leitores de Playboy por classes de renda

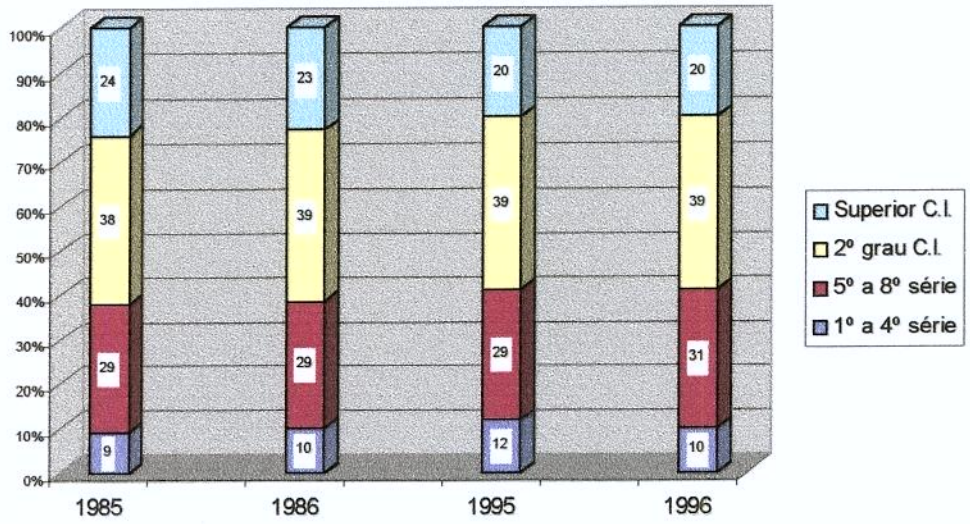


A exemplo do observado na revista feminina, houve poucas alterações em relação à distribuição dos leitores por classe de renda na *Playboy*, sobretudo, entre as classes A, B e C. Os números, entretanto, se diferem um pouco. Enquanto *Claudia* reúne, em média, 86% dos seus leitores entre as classes A, B e C, *Playboy* tem, nessas mesmas faixas de renda, 78,2% dos leitores. Se considerarmos somente os mais ricos (classes A e B), *Claudia* também leva uma ligeira vantagem em relação à *Playboy*, em média 56,2% contra 44,7%.

Entre as classes mais pobres (E e D) há, também, algumas diferenças. Em primeiro lugar, notamos um decréscimo na ordem de 4,5% dos leitores nestas faixas

durante a última década na revista masculina[9]. Além disso, o número de leitores mais pobres em *Playboy* (21,2%) é significativamente maior do que em *Claudia* (13,5%). [10]

Gráfico 8 - Distribuição dos leitores de Playboy por escolaridade



Fonte: Marplan

A leitora de *Claudia*, além de ser mais rica, passou mais anos na escola em relação ao leitor de *Playboy*. Como vimos, descontado o ano de 1986, 69% das leitoras de *Claudia* cursaram o secundário ou a universidade. Em *Playboy*, a média de leitores de nível secundário ou universitário é de 60,5%.[11]

---

[9] Nos anos 80, 23,5% estavam nas classes E e D, ao passo que nos anos 90 este número caiu para 19%.

[10] Assim sendo, em termos da composição por classe de renda dos leitores, podemos afirmar que *Claudia* tem leitores mais ricos do que *Playboy*. Não deixa de ser interessante contrapor esta informação com a composição do homem de *Playboy*, sofisticado e em busca da satisfação pessoal, e de uma certa modéstia em relação à leitora de *Claudia*, preocupada mais em abrir uma loja de pão de queijo do que se tornar vice-presidente da empresa.

[11] Mesmo se considerarmos o ano de 1986, *Claudia* conta com mais leitores com curso secundário ou universitário do que *Playboy*: 63%.

***Perfil da redação das revistas*[1]**

Na parte anterior, procuramos identificar, através de um procedimento descritivo, as mudanças visuais mais significativas em relação ao formato das revistas nos dois períodos analisados. A descrição das revistas, embora tenha se baseado nas entrevistas com os diretores de redação destas publicações, privilegiou a forma com que *Claudia* e *Playboy* se apresentaram durante a última década, ou seja, pouco se falou das pessoas que compõem a redação.

Com o intuito de saber mais sobre quem produz as revistas, realizamos uma pesquisa que visou obter dados gerais sobre a escolaridade, a trajetória profissional e pessoal daqueles que compõem a redação de *Claudia* e *Playboy*[2].

Os dados, apresentados a seguir, foram coletados entre janeiro e fevereiro de 1998, portanto, não coincidem com os períodos de análise dos conteúdos das revistas, entretanto, eles permitem oferecer um quadro aproximado daqueles que produzem as revistas.

O objetivo do trabalho feito com os questionários foi o de caracterizar, em linhas gerais, as pessoas que compõem as redações de *Claudia* e *Playboy*[3]. Com o intuito de apresentar um resumo dos resultados obtidos, propomos o agrupamento em dois conjuntos de tabelas[4].

O primeiro, reunindo as tabelas de 1 a 7, trata da formação pessoal das pessoas da redação. Nesse caso, vimos que a composição da redação e a formação

---

[1] Agradeço à prof.a. Dra. Heloísa Pontes pela sugestão em fazer este perfil da redação das revistas. Não poderia deixar de registrar a valiosa contribuição de Henrique José Domiciano Amorim que, com suas idas à editora Abril, tornou possível a execução desse trabalho.

[2] Ver o questionário que foi aplicado nos Anexos.

[3] Os dados coletados, em muitos casos, sugerem aprofundamentos que não foram possíveis de serem feitos no momento.

intelectual das pessoas seguem o sexo do público preferencial das revistas. Não se trata apenas de constatar que em *Claudia* trabalham mais mulheres e em *Playboy* mais homens, mas, além disso, verificar que as mulheres, em *Claudia*, têm uma formação universitária mais completa, fizeram mais cursos de extensão (ligados ou não às suas áreas) e têm conhecimento em línguas maior do que os homens. O mesmo podemos dizer em relação aos homens de *Playboy*.

Do primeiro conjunto, um dado nos chamou a atenção: encontramos pessoas mais jovens trabalhando em *Claudia* e, na *Playboy*, pessoas mais velhas. Se compararmos os dados da tabela 1 com os da 8a, podemos notar que além de pessoas com mais idade trabalhando, a relação avanço da idade e melhores cargos parece ser mais marcante do que na revista feminina. Este dado torna-se relevante quando pensamos no público consumidor das revistas. Pudemos constatar que mulheres escrevem para mulheres e homens escrevem para homens, entretanto, quando acrescentemos a dimensão por idade essa relação se modifica. Dito de outro modo, *Playboy* que possui uma redação composta por gente mais velha do que *Claudia* tem um público leitor mais jovem. Em *Claudia* ocorre o inverso.[5]

Um segundo bloco, reúne as tabelas de 8 a 12, e trata da carreira profissional das pessoas da redação. Nesse caso, a divisão por sexo continua sendo fundamental[6], mas encontramos algumas características comuns das carreiras profissionais. Em primeiro lugar, a valorização da experiência nos cargos mais elevados das revistas (ver

---

[4] As tabelas e seus respectivos comentários encontram-se em anexo

[5] Ainda não temos uma hipótese explicativa para este dado. Talvez, esta relação pudesse alterar se mais pessoas de Playboy tivessem respondido ao nosso questionário.

tab. 9); da valorização da carreira dentro da editora Abril (tab. 10 e 11) e de valorizar , profissionalmente, passagens em empresas fora da Abril (tab. 12).

[6] As mulheres ocupam os melhores cargos em *Claudia* e os homens em *Playboy*. Dado interessante: as mulheres, nas duas revistas, tendem a ficar mais tempo em suas atividades (Cf. tab. 9)

CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DAS REVISTAS

Na leitura que fizemos dos exemplares de *Claudia* e *Playboy* procuramos classificar em temas todo material produzido pela revista, exceto o material publicitário[1]. Classificamos tudo o que foi produzido e publicado pelas revistas e não apenas artigos, matérias ou reportagens sobre a velhice ou o envelhecimento.

Nossa intenção em classificar todo o material produzido constitui uma vantagem no sentido de processar uma abordagem menos absoluta e mais relacional do material de pesquisa. Entretanto, torna-se importante ressaltar os problemas que se impõem quando se pretende realizar um tipo de classificação que dê conta das revistas em sua totalidade. *Claudia* e *Playboy* são publicações bastante variadas e que cobrem uma vasta gama de assuntos, que muitas vezes, não se encaixam perfeitamente nas classificações adotadas *a priori* pelo pesquisador. A classificação, adotada neste trabalho, não está isenta de falhas, no entanto, procurou-se evitar alguns procedimentos de classificação que agrupassem o conteúdo das informações em grandes blocos.[2]

---

[1] A retirada do material publicitário do nosso corpo de investigação não constitui nenhum desdém por esse tipo de comunicação. Pelo contrário, acreditamos que a análise do material publicitário mereceria uma atenção especial que não nos foi possível dar. Em primeiro lugar, temos noção das refinadas técnicas de comunicação utilizadas pelos publicitários em relação à disposição de textos e imagens. Em segundo lugar, não seria possível entrevistar as pessoas que criam a publicidade, a exemplo do que fizemos com os diretores de redação das revistas analisadas. Por outro lado, percebemos que a propaganda não se restringe somente ao seu espaço tradicional, ou seja, como um corpo de informação desvinculado do texto-imagem produzido pela redação das revistas. Veremos, a seguir, que houve um aumento significativo de artigos classificados como relações de consumo durante o período analisado. Célia Pardi, além disso, nos disse que a reformulação editorial de *Claudia* e sua disposição em cadernos temáticos ajudou, também, os anunciantes da revista. Uma matéria sobre cuidados com o corpo, por exemplo, pode dividir seu espaço dentro da revista com um anúncio de creme hidratante. Apesar de não termos tratado diretamente do material publicitário, consideramos que ele não está totalmente ausente do conjunto de nossa investigação.

[2] Marza Severo (SEVERO, 1996), por exemplo, em um artigo que discute a imagem da mulher em revistas femininas procura identificar o modo como são transmitidos os papéis sexuais na imprensa feminina através da análise dos editoriais das revistas *Claudia* e *Nova* no período entre 1981 a 1990. Severo classificou o conteúdo dos editoriais em três grandes blocos de assunto, a saber, mundo

A seleção do material a ser analisado foi feita a partir de uma leitura que privilegiou recortes temporais de dez anos. O primeiro recorte temporal compreende a leitura e classificação de 23 exemplares (11 de *Claudia* e 12 de *Playboy*) do período entre agosto de 1985 e julho de 1986[3]. O segundo recorte, com doze exemplares de cada revista, compreende o período entre agosto de 1995 e julho de 1996. No total, tem-se um universo de pesquisa de 47 exemplares.

Nossa leitura recebeu dois tipos de classificação. O primeiro, das informações contidas na revista e, o segundo, das pessoas que aparecem e que têm a sua idade revelada. Em cada um, foi feita, também, uma classificação por tema e sub-tema.

A separação dos artigos por tema constitui um procedimento importante para organizar o material pesquisado. Uma vez que o interesse deste trabalho é mostrar como os velhos, a velhice e o envelhecimento são construídos pelas revistas, a definição dos temas deve estabelecer relações entre as intenções da investigação e aquilo que foi encontrado nas páginas das revistas. Neste sentido, a escolha dos temas não reproduz, necessariamente, as seções e classificações de matérias feitas pelas revistas, mas são criações do pesquisador.

---

doméstico, mundo externo, tópicos da própria revista, cada um (exceto o último) com subdivisões. A separação dos três grandes blocos de assunto nos parece uma imposição da visão de mundo da pesquisadora às revistas. A separação entre mundo público e mundo privado, proposta pela autora e tão importante na definição dos papéis das mulheres, aparece de forma ambígua em seu texto. O mundo público é definido como "mundo mais amplo da participação pública", embora em alguns momentos ele seja entendido como sendo somente o espaço da carreira profissional. Neste sentido, a própria separação entre "mundo doméstico" e "mundo externo ao lar" pode ser questionada na medida em que pressupõe que saúde, família e sexualidade, por exemplo, são questões relativas ao mundo doméstico. A autora, ao proceder desta maneira, acaba reproduzindo, ingenuamente, uma das formas mais denunciadas pelo movimento feminista de opressão da mulher que é justamente a separação entre público e privado. Uma vez que a sexualidade, a família e outras questões já estão confinadas ao mundo doméstico, a conclusão possível é de que estas revistas têm uma posição conservadora em relação à mulher.

[3] Não foi possível ter acesso ao exemplar de *Claudia* de dezembro de 1985.

Os temas preferenciais desta pesquisa são: *Relações com o Corpo*; *Relações entre Casais*; *Relações entre Pais e Filhos* e *Relações de Trabalho*. Dentro destes temas, operamos divisões em sub-temas que serão posteriormente discutidas. Dentro dos temas *Relações com o Corpo* e *Relações entre Pais e Filhos* encontramos um número significativo de artigos que recomendavam bens de consumo. Cremes hidratantes para o corpo, creme anti-rugas, brinquedos, viagens para crianças são exemplos de produtos divulgados pelas revistas. Nesse sentido, optamos em subdividir estes temas em *Relações com o Corpo (Bens de Consumo)* e *Relações entre Pais e Filhos (Bens de Consumo)*.

Tabela 1a - Distribuição das revistas segundo classificação por temas preferenciais - Anos 80

	*Claudia**	*Playboy*	*Total*
Relações com o Corpo	**100** 96,2 31,6	**4** 3,8 5,3	**104** 100,0 26,6
Relações com o Corpo (Bens de Consumo)	**89** 76,7 28,2	**27** 23,3 36,0	**116** 100,0 29,7
Relações entre Casais	**63** 67,0 19,9	**31** 33,0 41,3	**94** 100,0 24,0
Relações entre Pais e Filhos	**30** 96,8 9,5	**1** 3,2 1,3	**31** 100,0 7,9
Relações entre Pais e Filhos (Bens de Consumo)	**9** 100,0 2,8		**9** 100,0 2,3
Relações de Trabalho	**25** 67,6 7,9	**12** 32,4 16,0	**37** 100,0 9,5
	316 80,8 100,0	**75** 19,2 100,0	**391** 100,0 100,0

* Exceto *Claudia* dez. 85

Tabela 1b - Distribuição das revistas segundo classificação por temas preferenciais - Anos 90

	Claudia	*Playboy*	*Total*
Relações com o Corpo	**236** 95,2 29,9	**12** 4,8 12,9	**248** 100,0 28,0
Relações com o Corpo (Bens de Consumo)	**239** 84,2 30,3	**45** 15,8 48,4	**284** 100,0 32,1
Relações entre Casais	**92** 73,6 11,6	**33** 26,4 35,5	**125** 100,0 14,1
Relações entre Pais e Filhos	**80** 98,8 10,1	**1** 1,2 1,1	**81** 100,0 9,2
Relações entre Pais e Filhos (Bens de Consumo)	**58** 98,3 7,3	**1** 1,7 1,1	**59** 100,0 6,7
Relações de Trabalho	**85** 98,8 10,8	**1** 1,2 1,1	**86** 100,0 9,7
	790 89,5 100,0	**93** 10,5 100,0	**883** 100,0 100,0

A comparação entre os dados das tabelas[4] 1 e 2 permite-nos dizer, em primeiro lugar, que houve um aumento significativo de ocorrências entre os anos observados. Nos anos 80, 391 artigos foram classificados nos temas preferenciais nas duas revistas ao passo que, nos anos 90, registramos 883, ou seja, um acréscimo de 126%. Este crescimento, além disso, está presente (com maior ou menor intensidade) em todos os temas selecionados[5].

Se o número de artigos aumentou, por outro lado, não podemos dizer o mesmo (pelo menos nesse grau de intensidade) em relação ao número médio de

---

[4] As tabelas 1 e 2 referem-se apenas aos temas preferenciais de nossa investigação. Como dissemos, procedemos uma classificação de tudo o que foi publicado, exceto o material publicitário, durante os anos selecionados. Nosso banco de dados dispõe de mais outros 10 temas, não tratados nessa pesquisa, que reúnem mais 2.208 ocorrências, além das 1.275 relacionadas nas referidas tabelas.

[5] Faremos uma análise pormenorizada de cada tema nas próximas páginas.

páginas por exemplar das revistas. Nos anos 80, *Claudia* tinha 234,5 páginas, em média, por exemplar contra 248,9 nos anos 90. Em *Playboy* houve uma diminuição no número médio de páginas de 185,3, nos anos 80, passou a ter 176,8 nos anos 90.

Uma explicação para este aparente descompasso pode ser encontrada se levarmos em conta as transformações visuais pelas quais as revistas passaram durante os anos analisados[6]. As matérias mais extensas diminuíram, aumentaram as informações visuais e os "*boxes*" onde se encontram pequenos textos, tudo isso sem interferir, significativamente, num aumento do número de páginas da revista. Em suma, o avanço na área de editoração eletrônica e a percepção dos editores em relação às mudanças no comportamento dos leitores pode ser traduzida em termos de uma tendência em diminuir o número de matérias mais extensas e "*pulverizar*" informações através de pequenas notas (e fotos) dispostas visualmente.

A seguir, faremos uma análise detalhada dos temas e sub-temas relacionando-os com os propósitos de nossa investigação.

---

[6] Ver Cap. 3 desta dissertação.

A BATALHA CONTRA O TEMPO: RELAÇÕES COM O CORPO TENDO EM VISTA O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

O primeiro tema reúne os artigos[1] que tratam da relação entre o indivíduo e o seu corpo. Esta relação pode ser definida como procedimentos que envolvem cuidados com a aparência de um modo geral (cuidados com os cabelos, cuidados com o rosto, cuidados com partes do corpo ou com o corpo em geral), atividades físicas e espirituais, doenças, recursos médicos e hábitos alimentares. Quando os artigos têm por finalidade evitar, esconder, revelar ou informar sobre as marcas do envelhecimento, eles receberam a classificação no sub-tema de *envelhecimento*. Os demais receberam a classificação *outros tipos de cuidados*.

As tabelas abaixo mostram como o cuidado com o corpo, que em princípio seria um interesse comum tanto de homens como de mulheres, acaba sendo um assunto privilegiado na revista feminina.

Tabela 2a - Distribuição das revistas segundo classificação em Relações com o Corpo - Anos 80

	Claudia	***Playboy***	***Total***
Envelhecimento	**12** 100,0 12,0		**12** 100,0 11,5
Outros tipos de cuidados	**88** 95,7 88,0	**4** 4,3 100,0	**92** 100,0 88,5
	100 96,2 100,0	**4** 3,8 100,0	**104** 100,0 100,0

[1] O termo artigo, em outros casos matérias, é entendido em seu sentido mais geral, ou seja, como qualquer material escrito encontrado na revista. Pode exprimir desde pequenas notas, até reportagens, entrevistas, piadas, cartas de leitores, etc., exceto o material publicitário.

Tabela 2b - Distribuição das revistas segundo classificação em Relações com o Corpo - Anos 90

	Claudia	*Playboy*	*Total*
Envelhecimento	**28** 100,0 11,9		**28** 100,0 11,3
Outros tipos de cuidados	**208** 94,5 88,1	**12** 5,5 100,0	**220** 100,0 88,7
	236 95,2 100,0	**12** 4,8 100,0	**248** 100,0 100,0

A comparação entre as tabelas mostra um aumento nominal significativo entre os artigos classificados nesse tema, nas duas revistas, durante os anos observados[2]. No entanto, a proporção entre a distribuição de artigos desse tipo sofreu pouca alteração entre as revistas. Nos anos oitenta, 96,2% de todas as matérias classificadas em *Relações com o Corpo* encontravam-se em *Claudia* contra 3,8% de *Playboy*. Nos anos 90 essa proporção quase que manteve-se a mesma, 95,2% em *Claudia* e 4,8% em *Playboy*.

O mesmo raciocínio pode ser aplicado à análise comparativa numérica entre os sub-temas. Em primeiro lugar, é preciso notar que matérias que tenham feito referência ao processo de envelhecimento só foram encontradas na revista feminina. Embora tenha havido um aumento numérico entre as matérias, observamos que nos dois períodos manteve-se uma proporção de 12% de artigos com referência ao processo de envelhecimento contra 88% de artigos classificados

---

[2] Nos anos 80, relações com o corpo contava com 100 ocorrências em *Claudia*. Nos anos 90 este número passou para 236, ou seja, um aumento de 136%. Em *Playboy*, o aumento percentual é ainda mais significativo, pois de 3 ocorrências nos anos 80 passa-se a 12 nos 90 (aumento de 300%).

em *outros cuidados*. Se, em termos proporcionais não observamos tantas diferenças entre os anos analisados, vejamos, a seguir, em relação ao conteúdo dessas matérias.

Rugas: sinais de maus tratos com o corpo

Na revista *Claudia*, dos artigos relacionados ao envelhecimento, as matérias sobre a prevenção de rugas ocupam um lugar privilegiado. Nos anos 80, dos doze artigos classificados neste sub-tema, dois (sendo que um deles aparece numa chamada de capa) referem-se à prevenção de rugas. Nos anos 90, das 28 do mesmo conjunto, 9 tratam de rugas.

As rugas não carregam um sentido inequívoco nas revistas, ao contrário, elas podem ser interpretadas de diferentes maneiras. Em alguns casos, as rugas são tidas como os sinais indesejáveis do tempo e, portanto, passíveis de serem combatidas ou até eliminadas. Em outros momentos, elas podem representar sinais de charme e ser um atrativo para as mulheres.

Abaixo, foram selecionadas duas matérias que tratam de rugas na revista feminina. A primeira foi extraída de um exemplar dos anos 80 e a segunda dos anos 90.

A BATALHA ANTI-RUGAS COMEÇA AOS 20 ANOS

Claudia – Anos 80

ABRA OS OLHOS

Claudia – Anos 90

Em ambos contextos, o envelhecimento é tido como o inimigo nº 1 das mulheres e deve ser combatido. A justificativa de como aparecem as rugas das mulheres é bastante semelhante nas duas matérias selecionadas.

"É importante que você saiba que uma vida moderada - nada de excesso de trabalho, álcool ou fumo - é a melhor maneira de prevenir o envelhecimento. Os excessos contra o organismo são inimigos poderosos da pele. Uma pessoa que se cuida, é bem nutrida e não tem doenças ou fatores genéticos, tem chances de manter a pele jovem mais tempo." (*Claudia*, outubro de 1985:106)

"A pele reflete os anos de exposição ao sol, as noites maldormidas, os cigarros e principalmente as nossas alegrias e tristezas. Somados, hábitos inadequados, experiências de vida e lei da gravidade

resultam em rugas leves ou em sulcos mais profundos no rosto, especialmente ao redor dos olhos" (*Claudia*, julho de 1995:60)

A análise do conjunto das matérias sobre rugas mostra que é possível estabelecer algumas características comuns.

Em primeiro lugar, a mulher aparece como a principal responsável pelo aparecimento (ou não) das marcas indesejáveis do tempo. As rugas, passam a ser a *expressão visível de maus tratos com o corpo* e, portanto, reflete estilos de vida inadequados de quem as têm. No primeiro trecho, extraído dos anos 80, são mencionados apenas agressores externos ao corpo como, por exemplo, trabalho álcool e cigarros. No trecho da matéria dos anos 90, além dos agressores externos podemos também observar a menção à sentimentos e emoções (alegrias e tristezas) que passam a interferir na aparência das mulheres. Este já é um indicativo, que será desenvolvido posteriormente, de que o conceito de beleza da mulher modificou-se durante os anos: sentimentos e emoções passam a ser importantes na definição desse conceito.

A prevenção às marcas do tempo é outra característica marcante dos artigos sobre rugas. Com efeito, a prevenção deve começar o mais cedo possível, tornando a preocupação com o envelhecimento algo que deixa de ser mais próximo das pessoas com idade mais avançada e passa a fazer parte do rol de preocupação de mulheres a partir dos 20 anos.

"A batalha das anti-rugas começa aos 20 anos. Quem se cuida desde cedo adia por anos a chegada das rugas." (*Claudia*, outubro 1995:104)

Em outras matérias, como uma encontrada em julho de 1995 a prevenção aparece em termos de uma linha do tempo que periodiza a vida das mulheres em intervalos de 10 em 10 anos, e representa uma verdadeira escalada das rugas no rosto das mulheres.

"25 anos: rugas de expressão entre as sobrancelhas; rugas finas e superficiais nas pálpebras. 35 anos: início de flacidez nas pálpebras inferiores; aparecimento de pés-de-galinha. 45: as rugas no contorno dos olhos e as linhas de expressão entre as sobrancelhas ficam mais acentuadas. 55 anos: maior flacidez das pálpebras inferiores e superiores. 65 anos: sulcos mais profundos e flacidez de toda a pele ao redor dos olhos." (*Claudia*, julho de 1995:63)

Logo após a exposição dos horrores que o tempo impõe no rosto das mulheres, aparece um título: "Nem tudo está perdido". A matéria avança expondo os principais tratamentos para quem já tem rugas, e os cuidados que se deve ter para quem não as tem, ainda.

Em outros casos, pôde se observar que a periodização em etapas da vida, definidas pela idade cronológica, se relaciona não apenas com o corpo, mas estende-se para outras "dimensões da vida" tais como o trabalho e a vida emocional. A título de exemplo, uma matéria da revista *Cláudia,* de janeiro de 1992, divide a vida das mulheres entre os vinte e aos cinqüenta em três etapas de dez anos, cada uma estabelecendo relações com o corpo, com o trabalho e com a vida emocional.

Cada etapa apresenta, de antemão, conteúdos que são próprios e que devem estar presentes na vida das mulheres. A primeira etapa, dos vinte aos trinta anos, é considerada como o momento de definições do corpo, do início da carreira profissional e de uma certa instabilidade emocional. O interessante de se observar, é que os problemas e revezes encontrados na primeira etapa naquilo que é definido como trabalho e vida emocional podem ser melhorados ou eliminados em etapas futuras.

A partir dos trinta anos, por exemplo, passa-se a ter maior produtividade e reconhecimento na carreira profissional, a vida emocional tende a ficar mais estabilizada e a chegada da velhice pode ser uma experiência totalmente gratificante.

"Quem supera essa etapa (dos 40 a 50 anos) passa a ver as coisas de uma maneira diferente. Faz as pazes consigo mesma. Desfruta a tão sonhada tranqüilidade, o direito de pensar mais em si mesma e colhe, calmamente, os frutos de uma vida inteira voltada para o trabalho e a família" (*Claudia*, janeiro de 1992:88)

Em relação às mudanças no corpo a lógica parece ser outra. O tempo sempre caminha contra, ou seja, não há a idéia de que com o passar dos anos a mulher possa superar as dificuldades encontradas na primeira etapa. A mulher, mais uma vez, aparece como a responsável pelo seu corpo e as marcas do envelhecimento e os problemas relativos ao avanço da idade são, em muitos caso, conseqüências de alimentação errada e vícios adquiridos ao longo da vida.

"(20 a 30 anos) Esta é uma época de definições. Seu organismo se define. O corpo que você tem agora - os contornos, os problemas de saúde, os vícios - a acompanhará por toda a vida.
"(30 a 40 anos) O metabolismo já se encontra estável. Por essa razão, os vícios - alimentação errada, falta de exercícios físicos, excesso de fumo - tendem a se sedimentar. Tensão e stress normalmente atingem pontos máximos durante estes dez anos.
"(40 a 50 anos) Se durante a vida toda a alimentação foi pobre em cálcio, é hora de compensar. Os próximos anos são especialmente propícios ao desgaste ósseo. A ingestão de sal, alimentos gordurosos e colesterol deve ser controlada. O metabolismo mais lento faz com que o organismo retenha facilmente água e gordura. (...) Junto com tudo isso, pode vir a instabilidade emocional - aflorar o medo do envelhecimento, da perda da beleza física ou a frustração de não poder ser mais mãe. O humor tende a ficar oscilante, a paciência mais curta e as emoções, à flor da pele, abrindo possibilidade de infarto e hipertensão." (*Claudia*, janeiro de 1992:86-88)

Autocontrole do corpo e das emoções

A idéia de um progressivo controle do corpo relaciona-se, também, com o controle das emoções. Numa matéria dos anos 80, pode-se observar que as rugas podem ser evitadas através de um autocontrole ininterrupto.

"Não existe nenhum produto milagroso para apagar as famosas rugas de expressão da testa. Mas você pode evitá-las, com 2 cuidados básicos: mantenha a pele hidratada, e vigie suas expressões 24 horas por dia" (*Claudia*, outubro de 1985:104)

A idéia de autocontrole do corpo e das emoções, encontrada nas matérias de rugas, pressupõe a construção de um corpo que se faz tendo por base uma

orientação futura. Para uma menina de vinte anos, um rosto cheio de rugas é a expressão concreta de um futuro que deve ser evitado e para isso é preciso reavaliar o comportamento presente, ou até mesmo passado. Neste sentido, estamos diante de exemplos de como as etapas da vida se relacionam e como as imagens visuais do corpo podem interferir na percepção individual do eu e na construção da auto-identidade na vida mais velha.

Há casos, entretanto, em que as rugas já se instalaram no corpo. As matérias que versam sobre este fato envolvem um novo elemento que é a idéia de reversão do tempo e os tratamentos sugeridos para eliminar as rugas, são, via de regra, caros, complicados e, em certos momentos pressupõem muito sofrimento por parte dos usuários.

"Não é uma injeção: são várias. E nem um só produto: a mesoterapia é feita com um verdadeiro coquetel de extratos placentários, oligoelementos, DNA, silicium orgânico e tônicos vasculares. Tantos produtos juntos só fazem bem para a pele (...) As aplicações são feitas com várias agulhas de 4 mm, acopladas a um multinjetor elétrico. As agulhas atingem a zona vascularizada da derme, e o coquetel de produtos age. É bom saber, entretanto, que a mesoterapia não rejuvenesce: apenas retarda o envelhecimento." (*Claudia*, maio de 1986:94-95)

"Segundo Roncatti, o ultrapulse é o maior avanço tecnológico para o rejuvenescimento. O médico não está exagerando. O ultrapulse age na derme por meio de pulsações, que provocam uma espécie de esfoliação (por energia) na pele (...) Durante todo este processo, Roncatti garante que não há sangramento nem dor (o paciente é sedado ou toma uma anestesia local) Em pequenas intervenções, usa-se apenas um creme anestésico 1 hora antes da cirurgia. Depois da aplicação o paciente volta para a casa sem a necessidade de mantê-lo internado." (*Claudia*, novembro de 1995:114-115)

Nos dois exemplos aparece a idéia de combater os efeitos do tempo na pele, no entanto, esta idéia assume contornos diferentes nos dois períodos. Enquanto nos anos 80 o tratamento sugerido apenas promete retardar o envelhecimento, nos anos 90, o tratamento promete rejuvenescer. O primeiro apenas retarda, o segundo reverte. Conforme o avanço da ciência, mais ela age como uma redentora dos

efeitos maléficos que o tempo impõe no corpo, e, igualmente, os tratamentos que ela legitima mais prometem em relação ao combate do tempo.

A utilização do jargão médico especializado é uma característica marcante destas matérias. Sobre este ponto, a diretora de redação da revista *Claudia*, Célia Pardi, fez a seguinte observação, quando perguntada se as leitoras de *Claudia* sabiam o que é ácido-retinóico (o ácido-retinóico é um termo muito utilizado em cremes anti-rugas)

"A leitora já está careca de saber o que é ácido-retinóico, ácido-glicósico, nós sempre falamos assim, nós sempre estamos explicando. O ácido glicósico tem uma função que as leitoras estão sabendo. Nós procuramos explicar o que significa cada termo especializado. Ninguém tem a obrigação de saber. Mas, eu acho que nesta área de cremes já estamos falando tanto tempo nisso que, de repente, até é capaz de sair um ácido glicósico sem explicação. De qualquer maneira, eu não sei se a leitora vai saber que o ácido glicósico vem das frutas, mas ela não precisa nem saber, porque ela já sabe qual é a função do ácido."[3]

Nas matérias dos anos 90, pode-se observar que a preocupação com as marcas do tempo no corpo não se restringem somente às rugas do rosto, como ocorre na maioria dos artigos sobre rugas, mas outras partes do corpo passam a fazer parte das preocupações contra o envelhecimento como, por exemplo, as mãos.

"Mãos. Trate bem delas. Elas revelam a idade das mulheres, por isso merecem o mesmo carinho dedicado à pele do rosto. Veja como acabar com seus principais inimigos e ter mãos sempre jovens" (*Claudia*, setembro de 1995:99)

As mãos, a exemplo do rosto, passam a expressar a relação que a pessoa tem com o seu corpo e, mãos grossas e ásperas, também são sinais de maus tratos. Os cuidados com as mãos obedecem à mesma lógica dos cuidados com o rosto: prevenção, controle do corpo, etc.

---

[3] Entrevista com Célia Pardi, maio de 1996.

Rugas: sinais de charme

As rugas podem, também, carregar significados totalmente diversos em relação aos encontrados nas matérias que cuidam da beleza e da aparência. Em dois artigos encontrados na *Claudia* mais recente, feitos sobre a vida de atores famosos de Holywood, a idade e os sinais que ela carrega são vistos como demonstrações de beleza e de charme.

Claudia – Anos 90

"Assim, não é de espantar que ele tenha trazido para o primeiro plano um aspecto que ficava mais ou menos oculto, o charme maduro de um homem que não hesita em mostrar a pele enrugada como couro, um cabelo indomável e em franco processo de recuo, deixando sua testa cada vez mais alta. Apesar de tudo isso, Clint com 1,93m, tem uma presença física impressionante, que, aliada aos olhos muito azuis e à voz rascante e peculiar, levanta fãs em todo o mundo, mesmo quando não se ligam nas histórias de seus filmes" (*Claudia*, setembro de 1995:230-231)

"Robert Redford sempre combateu sem sucesso a imagem de homem bonito, mas, aos 58 anos, seu charme continua intacto (...) Considerado, nos anos 70, presença obrigatória no topo das listas dos homens mais bonitos do mundo, hoje aos 58 anos, não se pode dizer que esconda a idade. A pele muito clara e sardenta mostra a passagem do tempo: ele tem olheiras fundas, usa óculos, mas ainda se mantém em forma no seu 1,73 metro." (*Claudia*, julho de 1996:24-26)

A pele "enrugada como couro" de Clint Eastwood e a pele que "mostra a passagem do tempo" de Robert Redford carregam sentidos diversos do que os

encontrados em matérias que procuram combater as rugas. Os sinais da pele, neste caso, podem ser um sinal do "charme maduro de um homem", caso de Eastwood, ou de algo que não compromete a beleza de Redford. As rugas não indicam maus tratos com o corpo, como ocorre nas matérias sobre prevenção às marcas do envelhecimento para mulheres, ao contrário, ambos estão em boa forma e sorridentes. As rugas, quando se trata da aparência de homens famosos, podem ser vistas como um fator que pode até ajudar a compor a beleza dos dois atores.

Osteoporose: responsabilidade individual

Embora as matérias sobre rugas tenham destaque no conjunto que compõe o sub-tema envelhecimento, há outros artigos que identificam o avanço da idade com alguma doença, especialmente, a osteoporose. O interessante de se observar, é que estes tipos de artigos só aparecem na *Claudia* mais recente (5 textos sobre a osteoporose), enquanto que, nos anos 80, não foi identificada nenhuma matéria sobre doenças identificadas com o envelhecimento.

Por outro lado, na revista *Playboy*, é muito difícil encontrar uma matéria que trate de doenças ou problemas ligados ao corpo. Quando aparece, normalmente, o texto da matéria é bastante otimista.

"A ciência dispara na cura da impotência. Um fantasma que desde tempos imemoriais vem assombrando os homens está para desaparecer da face da terra: a impotência. Esta punição cruel, que mantém em seu estado natural - flácido - o maior amigo do homem (e da mulher), e que só no Brasil ronda de alguma forma a vida de 5 milhões de homens, começa a virar coisa do passado."[4]

---

[4] Com relação às doenças sexualmente transmissíveis, a *Playboy* dos anos 80 torna-se até irresponsável. Em um artigo de Norma Couri, intitulado "Atenção: vamos dar boas notícias sobre a AIDS", a então editora de *Playboy* escreveu assim: "Se você é homem, heterossexual e saudável, não é afeito nem a drogas intravenosas nem a sexo com prostitutas, então não tenho zeros suficientes na minha calculadora para indicar a percentagem de risco de você pegar AIDS." (*Playboy*, março de 1986:80).

Abaixo, tem-se um exemplo de uma matéria na *Claudia* que trata da osteoporose.

"Osteoporose: o pulso, a coluna e o fêmur são as partes do corpo feminino mais atingidas pela osteoporose. Com o passar dos anos, as chances de a doença aparecer vão aumentando." (*Claudia*, maio de 1996:97)

A pequena nota é seguida por uma linha do tempo dividida em etapas de dez anos, que começa nos 40 anos e vai até depois dos 80, mostrando a percentagem de risco da mulher em ter o osteoporose em cada uma das partes: fêmur, pulso e coluna.

Em uma outra matéria, que procura fazer um pequeno teste entre as leitoras para saber se eles têm tendência à osteoporose, pode-se observar alguns elementos que estão presentes nas matérias sobre rugas como, por exemplo, maus tratos com o corpo a partir de estilos de vida inadequados e a idéia de que a prevenção depende do autocontrole. Neste caso, porém, a questão da responsabilidade individual torna-se mais grave e acaba se diferenciando das matérias de rugas, pois uma vez a osteoporose instalada não há como revertê-la.

O teste consiste de 15 perguntas. Se a leitora responder afirmativamente a mais de oito perguntas ela, segundo a revista, corre o risco de osteoporose e deve procurar um médico. Das 15 perguntas, 7 relacionam-se às responsabilidades pessoais da leitora sobre a doença, são elas:

"Faz alguns anos que você não toma ao menos um copo de leite por dia?
"Você tem vida sedentária?
"Teve vida sedentária quando era jovem?
"Você passa anos sem tomar sol?
"Você fuma mais de um maço de cigarros por dia?
"Você toma mais de quatro xícaras de café por dia?
"Consome bebidas alcoólicas freqüentemente (mais de quatro drinques por dia)?" (*Claudia*, setembro de 1995:110)

Das outras questões, quatro têm a ver com herança genética e as outras quatro com históricos de doença. Neste sentido, a leitora para saber se tem tendência à osteoporose tem que responder pelo menos um sim às questões que colocam a responsabilidade individual sobre a doença (mesmo que ela responda sim a todas que se referem a doenças e histórico de saúde, totalizando 8, ela precisará de mais um sim para fazer parte daqueles que têm tendência a esta doença).

Em uma matéria especial sobre prevenção de doenças da mulher, publicada em dois exemplares nos anos 80, não há referência a doenças ligadas à idade, além disso, as doenças tratadas nesta matéria dos anos 80 não são associadas à estilos de vida inadequados que responsabilizam o indivíduo pelos destinos do seu corpo.[5]

Aparência das mulheres: envelhecimento ou obesidade

Na *Claudia* dos anos 90, a prevenção às marcas do envelhecimento torna-se um ponto, quase que obrigatório, das matérias que cuidam da boa aparência das mulheres. Nos anos 80, a boa aparência da mulher está mais ligada à manutenção do peso. Não é menos significativo que dos 88 artigos classificados inicialmente de cuidados com o corpo não ligados ao envelhecimento dos anos 80, 12 tratam de regimes, dietas e exercícios para manter um corpo sem obesidade, enquanto que nos anos 90, das 208 ocorrências deste tipo, apenas 4 tratam de dietas ou cuidados para emagrecer.[6]

---

[5] As doenças mencionadas são: câncer no colo do útero, mioma no útero e problemas durante a gravidez. Cf. *Claudia*, março de 1986:180. & *Claudia*, abril de 1986:145.

[6] Uma matéria publicada em *Claudia* de setembro de 1985 mostra as 10 mulheres consideradas mais bonitas pela revista. Cada uma revela o seu principal problema para manter a beleza. Das 10

A idéia de dieta, que aparece de forma mais intensa nos anos 80, não pode ser vista como um dado mais emancipador do que o rígido controle do corpo e das emoções que pressupõe o combate ao envelhecimento. Como observa Giddens, o significado da dieta também joga nas mãos dos indivíduos a responsabilidade pelo desenvolvimento e a aparência do seu corpo.

"A reflexividade do corpo se acelera de um modo fundamental com a invenção da dieta em seu significado moderno - diferente, é claro, do antigo - algo que, como um fenômeno de massa, data de várias décadas atrás. A dieta está ligada à introdução de uma 'ciência' da nutrição e, portanto, ao poder disciplinar no sentido de Foucault; mas também situa a responsabilidade pelo desenvolvimento e pela aparência do corpo diretamente nas mãos do seu proprietário. O que um indivíduo come, mesmo entre os mais materialmente carentes, torna-se uma questão reflexivamente impregnada de seleção dietética. Hoje em dia, *toda a gente* nos países desenvolvidos, com exceção dos muito pobres, faz 'uma dieta'." (Giddens, 1993:42)

Em duas matérias que aparecem na *Claudia*, cada uma de um período analisado, pode-se notar que os problemas que atingem a mulher da chamada meia-idade estão mudando.

Anos 80 *Anos 90*

Nos dois casos, trata-se de recomendações para mulheres com mais de 40 viverem felizes.

---

mulheres, 8 consideram que a sua beleza tem a ver com o seu peso ou a sua alimentação. Cf. *Claudia*. Nº 288, setembro de 1985, pp. 44-63.

Na matéria dos anos 80, uma empresária de sucesso é chamada a depor numa seção da revista dedicada a mostrar mulheres que tiveram sucesso em suas vidas. A frase título da matéria, "o que engorda é mordomia", revela que uma preocupação importante da mulher nesta faixa de idade é a obesidade.

A segunda matéria já faz parte de um especial sobre cuidados da saúde da mulher. A menopausa aparece como um elemento diferenciador das mulheres da meia-idade e o envelhecimento já é tratado. Neste sentido, a idéia de que a prevenção ao envelhecimento dever ser um ponto obrigatório no rol de preocupações sobre a aparência das mulheres é um dado mais recente.

"Cuidar do corpo com exercícios e boa alimentação, manter uma atividade ou trabalho ao longo da vida e não fazer da cabeça um arquivo ambulante de culpas, raivas e medos são condições necessárias para envelhecer com saúde." (*Claudia*. Agosto de 1995:118)[7]

Guias de beleza: boa aparência existe ou deve ser conquistada?

A análise dos guias de beleza que aparecem nas revistas, sobretudo, nas mais recentes mostra que a relação entre os cuidados com o corpo e o avanço da idade é construída de maneira diferente tendo em vista o público leitor.

São poucos os artigos que tratam dos cuidados com o corpo na *Playboy*. Mesmo que o número de artigos tenha aumentado nos últimos dez anos, de 4, nos anos 80, para 12, nos anos 90, este número é bem pequeno se comparado com a revista *Claudia*.[8]

---

[7] É interessante notar que entre os exemplares dos anos 80 pesquisados, em nenhum deles o tema da menopausa aparece. Nos anos 90, duas ocorrências foram encontradas sobre este tema.

[8] Além disso, vimos que a proporção de matérias classificadas em *Relações com o Corpo* manteve-se quase a mesma durante os anos analisados.

Claudia – Anos 90

"A receita é simples, barata e eficaz. Para prolongar a juventude, evitar os males que nos afetam durante o ciclo fértil e envelhecer com saúde, temos que comer direito, fazer exercícios todos os dias e ir ao médico ginecologista regularmente (...) O Ginecologista é o nosso maior aliado no projeto de viver com saúde. Mas depende de nós saber mantê-lo ao longo da vida.

Nas páginas que se seguem, você vai encontrar dicas e informações para tornar mais simples e mais eficiente a tarefa de ser saudável, da adolescência à maturidade." (*Claudia*, agosto de 1995:99)

Playboy – Anos 90

"Ao se olhar no espelho você pode até achar que está bem e pensar no velho chavão 'em time que está ganhando não se mexe'. Não é bem assim. Nas páginas seguintes reunimos truques, dicas e conselhos de especialistas para você tratar, ainda melhor, sua pele, sua barba e seus cabelos, e usar os perfumes que fazem a diferença. Vire a página e comece a revolucionar seu visual." (*Playboy*, dezembro 1995:122)

As duas matérias, retiradas dos exemplares dos anos 90, são voltadas para os cuidados com o corpo. Na revista *Claudia*, quando se trata da aparência das mulheres o envelhecimento é uma referência quase que obrigatória e torna-se o mal a ser evitado às custas de muito esforço: comer direito, exercícios e visitas ao médico. A beleza da mulher deixa de ser algo que diz respeito somente à beleza externa e interioriza-se, fazendo parte de um conceito mais amplo, a saúde da mulher, que é conquistada através de muito sacrifício pessoal, controle do corpo e em meio dificuldades como doenças e problemas estéticos ligados ao avanço da idade.

"O estresse físico e psicológico acelera e muito a produção de radicais livres (*um componente que é tido como acelerador do envelhecimento)* e, evidentemente, deve ser evitado por quem pretende levar uma vida saudável (...) Para evitar que ele nos vença, ela (*médica Ana Maria Rossi*) recomenda a prática de alguma atividade física, o consumo moderado de açúcares, sal, álcool, cafeína e gordura e o exercício do autocontrole" (*Claudia*, agosto 1995:104)

Enquanto a beleza das mulheres é algo conquistado às custas de sacrifícios pessoais (adoção de estilos de vida e formas de consumo sugeridos pela revista), na *Playboy*, a beleza não precisa ser conquistada, ela já está presente no homem e precisa ser apenas lapidada. "Em time que está ganhando não se mexe" mostra que, para o homem de *Playboy*, são necessários pequenos retoques para melhorar aquilo que, em princípio, já é bom. A título de exemplo, vejamos como um outro artigo da revista *Playboy*, intitulado "O Sucesso está na Cara", de junho de 1990, expõe o porquê de se preocupar com a aparência.

"A noite foi esplêndida. Digamos que você comemorou o reencontro da velha turma da faculdade com alguns drinques além dos recomendáveis pela prudência. Ou decidiu esticar um pouco mais o agradável papo com ela e vocês dois acabaram assistindo, juntos e surpresos, ao nascer do sol. A noite foi de sonho, mas a manhã pode ser um enorme pesadelo.

E mesmo que você não tenha feito uma noitada, mas apenas decidido ver aquele velho filme policial na TV até a madrugada, ou simplesmente perdido o sono, mergulhado numa boa leitura, as chances todas são de acordar mal-humorado, sonolento e desconfortável. (...) Você olha no espelho e se

surpreende com o que vê. Pior: sabe que não pode chegar à reunião, ao encontro com o cliente ou simplesmente dizer bom dia a secretária com essa cara. Bem, não se pode brincar, porque é a partir do rosto que um homem bem-sucedido projeta a sua imagem. Por isso, este guia de *PLAYBOY* irá ajudá-lo a saldar seu débito sem juros ou correções. Da barba ao cabelo, passando pelos cuidados com os olhos e a boca, tudo o que você precisa saber para manter seu bom humor, sua juventude e seu sucesso."

Os cuidados se justificam porque o homem de *Playboy* exagerou, ou seja, passou a noite com mulheres, lendo, se divertindo e agora precisa manter a sua aparência. A juventude, o sucesso e o bom humor são características já adquiridas pelo homem de *Playboy*, nesse sentido, a motivação para cuidar da aparência não é gerada pelo medo dos efeitos do envelhecimento no corpo mas pela restauração de um estado que pode ter sido provisoriamente abatido por uma noite mal dormida. A noção de beleza, que aparece nesta matéria, refere-se somente ao plano estético, de uma boa aparência externa: cuidados com barba, cabelos e perfumes. Não há, como em *Claudia*, um conceito de saúde que engloba vários aspectos do corpo da mulher e que exige a adoção de novos estilos de vida e o consumo permanente de bens e serviços com o intuito de evitar o avanço da idade. Ao contrário, o envelhecimento não é sequer tratado.

Relações com o Corpo (Bens de Consumo)

Além dos artigos que foram tratados nas páginas anteriores, encontramos uma quantidade considerável de artigos sobre bens de consumo relacionados ao corpo. Estes bens variam de vestimentas (roupas, acessórios, sapatos etc.) até cremes, xampus, remédios etc. Os bens do primeiro tipo foram classificados no sub-tema *moda* e os do segundo como *produtos de uso pessoal*. Além disso, dividimos a classificação de acordo com a idade do público ao qual o bem se dirige, ou seja, se o produto é uma roupa para criança ele recebeu a classificação *Moda criança*.

Quando não há uma referência etária específica ao produto consideramos ele como *sem referência etária.*

Tabela 2c - Distribuição revistas segundo classificação em Relações com o Corpo (Bens de Consumo) - Anos 80

	Claudia	Playboy	Total
Moda Criança/Adolescente	**3** 100,0 3,4		**3** 100,0 2,6
Moda sem referência etária	**62** 71,3 69,7	**25** 28,7 92,6	**87** 100,0 75,0
Produtos uso pessoal Criança/Adolescente	**1** 100,0 1,1		**1** 100,0 0,9
Produtos uso pessoal sem referência etária	**21** 91,3 23,6	**2** 8,7 7,4	**23** 100,0 19,8
Produtos uso pessoal velho	**2** 100,0 2,2		**2** 100,0 1,7
	89 76,7 100,0	**27** 23,3 100,0	**116** 100,0 100,0

Tabela 2d - Distribuição revistas segundo classificação em Relações com o Corpo (Bens de Consumo) - Anos 90

	Claudia	Playboy	Total
Moda Criança/Adolescente	**11** 100,0 4,6		**11** 100,0 3,9
Moda sem referência etária	**160** 79,6 66,9	**41** 20,4 91,1	**201** 100,0 70,8
Produtos uso pessoal Criança/Adolescente	**2** 100,0 0,8		**2** 100,0 0,7
Produtos uso pessoal sem referência etária	**64** 94,1 26,8	**4** 5,9 8,9	**68** 100,0 23,9
Produtos uso pessoal velho	**2** 100,0 0,8		**2** 100,0 0,7
	239 84,2 100,0	**45** 15,8 100,0	**284** 100,0 100,0

A comparação entre as tabelas sobre bens de consumo relacionados ao corpo nos mostra que a segmentação de produtos tendo em vista a idade do público consumidor é uma característica presente somente na revista feminina. Durante os dois períodos analisados, não registramos, em *Playboy*, nenhum produto relacionado ao corpo que tenha uma segmentação etária específica. Embora tenhamos observado esta diferença, a maior parte das matérias sobre bens de consumo relacionados ao corpo não é voltada para uma faixa etária específica.[9]

Na *Claudia*, e esse é um outro aspecto importante a ser tratado, a segmentação etária privilegiada para a oferta de bens relacionados ao corpo é aquela que engloba crianças e adolescentes[10], sobretudo, nas matérias classificadas em moda.[11] Nas matérias de produtos de uso pessoal, aquelas voltadas às crianças e adolescentes aparecem em menor número, nos anos 80, em relação às dirigidas para os mais velhos. Nos anos 90, há um equilíbrio entre as

---

[9] Esta característica, além disso, não se alterou significativamente durante os anos analisados se levarmos em conta os dados percentuais. Nos anos 80, do conjunto de matérias classificadas nesse tema em *Claudia* 69,7% era sobre moda sem referência etária e 23,6% sobre produtos de uso pessoal sem referência etária, totalizando 93,3%. Nos anos 90, temos 66,9% em moda s. r. etária (decréscimo de 2,8%) e 26,8% em bens de uso pessoal s. r. etária (acréscimo de 3,2%) totalizando 93,7%. Em *Playboy*, a variação foi menos significativa ainda, pois moda s. r. etária passou de 92,6% nos anos oitenta para 91,1% nos noventa. A classificação em produtos de uso pessoal s. r. etária aumentou 1,5% pois saiu de 7,4% nos anos oitenta para 8,9% nos noventa. Com a utilização da expressão "sem referência etária" não queremos dizer que os produtos classificados nesse sub-tema sejam voltados a qualquer faixa etária, mas frisar que não há uma marcação etária específica. Em princípio, poderíamos supor que quando não há uma marcação etária específica o produto se dirige aos leitores da revista que, em sua maioria, estão nas faixas de idade consideradas adultas. Entretanto esse raciocínio nos pareceu arriscado demais pois um determinado produto como, por exemplo, um creme hidratante pode ser utilizado por pessoas das mais diversas faixas etárias. Nesse sentido, optamos pelo termo sem referência etária.

[10] Veremos que essa é uma característica também dos bens de consumo e serviços classificados em *Relações entre Pais e Filhos*.

[11] Em primeiro lugar, produtos de moda dirigidos às crianças e adolescentes aparecem nos dois períodos analisados (com um ligeiro acréscimo percentual pois passou de 3,4% para 4,6%) ao passo que matéria de moda voltada às pessoas mais velhas só aparecem na *Claudia* mais recente. A respeito desta matéria, embora ela tenha sido classificada em *Relações com o Corpo (Bens de Consumo)*, iremos tratá-la com mais detalhes na parte em que discutiremos a relação entre pais e filhos.

matérias sobre produtos de uso pessoal para crianças/adolescentes e para os mais velhos.

O conjunto de matérias (quatro) sobre produtos de uso pessoal voltado para mais velhos corresponde à divulgação de produtos para combater o envelhecimento. Creme anti-rugas, massageador para o rosto, linha de cosmético para evitar o envelhecimento da pele são exemplos de produtos classificados neste sub-tema. O que nos permite pensá-los em conjunto é o fato de que esses produtos acabam sendo o caminho sugerido pela revista para quem quiser evitar o envelhecimento com todos os significados que foram até aqui tratados: marcas do tempo indicam maus tratos com o corpo, falta de auto-estima, responsabilidade individual etc. Comprar determinado produto indicado pela revista para combater as marcas do envelhecimento significa, também, a adoção de um novo estilo de vida que coloca nas mãos dos portadores de corpos (envelhecidos ou não) as responsabilidades pelos seus sucessos ou fracassos.

Pode-se dizer que o número de artigos classificados neste sub-tema é muito pequeno (e, de fato o é pois são apenas quatro). No entanto, não podemos esquecer que nas matérias sobre o envelhecimento classificadas nas tabelas 1a 1b aparecem, concomitantemente, produtos e serviços indicados pela revista com o intuito de evitar os problemas físicos ligados ao avanço da idade.

E o envelhecimento físico? Olha, até o dia de hoje eu não senti isso na carne.

Se é raro encontrar algo sobre envelhecimento nas matérias que tratam da aparência dos homens, nas entrevistas de *Playboy* é possível encontrar mais dados.

Os quadros, a seguir, apresentam dados das pessoas que participaram das entrevistas mais importantes na revista *Playboy* e suas idades. Embora as entrevistas não sejam classificadas no tema *Relações com o Corpo*, nos parece interessante tratar delas para ver como o avanço da idade é constituído em *Playboy*.

Entrevista Mensal de Playboy
Anos 80

	Sexo			
Nome	*F*	*M*	*Atividade*	*Idade*
Yoná Magalhães*	1		Atriz	
Bruna Lombardi	1		Atriz	33
Regina Duarte	1		Atriz	38
José Wilker		1	Ator	40
Eduardo Suplicy		1	Político	45
Fernando Lyra		1	Ministro da justiça	47
Humberto Saade		1	Dono de confecção	47
Reginaldo Faria		1	Ator	48
Martha Rocha	1		Ex-miss Brasil	50
M. Vargas Llosa		1	Escritor	50
Fidel Castro		1	Presidente de Cuba	58
Dias Gomes		1	Dramaturgo	62
Total/média	4	8		47,1

* idade não revelada

Entrevista Mensal de Playboy
Anos 90

	Sexo			
Nome	*F*	*M*	*Atividade*	*Idade*
Cindy Crawford	1		Modelo e atriz	29
Patrícia Pillar	1		Atriz	31
Tony Belloto		1	Músico	35
Ciro Gomes		1	Político	37
Oscar Schimidt		1	Jogador de basquete	38
Betty Lago	1		Modelo e atriz	40
Bruce Willis		1	Ator	40
George Foreman		1	Boxeador	45
E. Fittipaldi		1	Piloto de corrida	48
Wanderléa	1		Cantora	49
César Maia		1	Prefeito R. de Janeiro	50
Paulinho da Viola		1	Músico	53
Total/média	4	8		41,3

A idade dos entrevistados de *Playboy* reduziu, em média, 5,8 anos durante os anos analisados, no entanto, podemos notar alterações significativas na

composição média das idades quando consideramos o sexo do entrevistado.[12] Com relação à distribuição por sexo, não houve alteração pois, nos dois períodos, manteve-se a proporção de quatro mulheres para oito homens.

Em muitas entrevistas a questão do envelhecimento físico é tratada. Esse é o caso das entrevistas de Marta Rocha e de Yoná Magalhães.

"*PLAYBOY* - Você ainda mantém esse patrimônio nacional, essas duas polegadas a mais nos quadris?
MARTA ROCHA - Eu era mais violão, tipo cintura fina e quadris largos. É claro que com o passar dos anos, isso se alterou, os quadris estão mais estreitos e hoje eu não tenho mais aquelas duas polegadas de excesso. Estou sempre atenta aos detalhes do meu corpo, faço ginástica todo dia, e pode ter certeza: se alguém fizer alguma crítica a mim, sobre isso ou sobre qualquer coisa, pode saber que esta é a segunda crítica, porque a primeira eu mesmo já fiz, com todo rigor (...)
P - Como você encara a perspectiva da passagem do tempo?
M.R. - A questão é manter a saúde, cuidar-se sempre. A velhice não me assusta, apesar de que no Brasil os velhos são pouco considerados. Eu tenho paciência com os mais velhos, muito mais do que com criança. Espero que quando ficar mais velha, se é que eu chego lá, os mais jovens tenham paciência comigo" (*Playboy*, fevereiro de 1986:118-122)

Yoná Magalhães.

"*PLAYBOY* - Como é que você faz para se manter tão em forma?
YONÁ - Em primeiro lugar, é preciso fazer um trabalho de dentro para fora, não se deixar rotular como mais ou menos velha, começar a se conhecer, a procurar a sua verdade, a se conscientizar daquilo que você tem direito de ser. Ao se conscientizar, você vai limpando suas crostas internas, vai chegando mais próximo da sua essência. Acho que a sua própria luz já começa a te iluminar de uma maneira geral, inclusive o físico (...)
P - Tudo bem, mas você dá uma mãozinha para essa luz, não dá? Você já disse que gosta de fazer dança para 'dialogar com o corpo'.
Y - Jazz é o que eu mais gosto. Como no momento não há uma academia perto de minha casa, eu estou fazendo ginástica - não aquela malhativa, mas uma ginástica mais criativa - e musculação para complementá-la. Quando tenho tempo livre, faço todo dia: cinco aulas de ginástica e três de musculação toda semana.

---

[12] Entre homens e mulheres podemos notar uma inversão. Enquanto nos anos 80 a idade média das mulheres era de 30,3 anos e dos homens 49,6 anos, nos noventa, as mulheres têm em média 37,3 anos e dos homens 43,3 anos. Ou seja, nos últimos anos a idade média das mulheres aumentou em

(...) P- O que há por trás desta sua atitude de esconder a idade? Não há um preconceito seu aí, não?
Y- O preconceito não é meu, é dos outros. De repente você tem que jogar um pouco com isso também. De um lado é divertido, porque as pessoas fazem mil contas, publicam a mais - quando é para menos eu fico satisfeita, mas quando é para mais eu tenho que fechar a boca, né? (...) Muita gente não saca que o importante é a pessoa estar aí, inteira, viva. Ao estarem preocupados com a minha idade, muitos no fundo estão é preocupados com a idade *deles*.
P - E você, como encara a passagem do tempo? Tem medo?
Y - Não. Encaro a passagem do tempo mais como um aprendizado.
P - Só? E o envelhecimento físico?
Y - Olha, até o dia de hoje eu não senti isso na carne." (*Playboy*, março de 1986:145)

Nas entrevistas, feitas com mulheres com mais de 45 anos (a idade de Yoná Magalhães é estimada) a questão do envelhecimento físico não parece ser algo que, aparentemente, as preocupem. Marta Rocha com o passar dos anos tirou o excesso dos seus quadris que a fez perder o concurso de miss universo em 1954. Yoná Magalhães é mais taxativa: ela ainda não sentiu os efeitos do envelhecimento[13]. Ser velho, ou a etapa da vida identificada como velhice também parece ser algo distante da realidade destas duas mulheres. Para Marta Rocha, a questão da velhice passa a ser um problema mais geral, da sociedade. No caso de Yoná, ser velho ou se identificar com a velhice é uma questão de auto-convencimento. As duas, entretanto, mantêm um controle rígido do seu corpo com dietas e ginásticas. O caso de Yoná chega a ser até engraçado. Num primeiro momento, a atriz deu uma importância maior às atividades espirituais como forma de manter o seu corpo em forma. Dada a insistência do entrevistador, Yoná confessou que pratica ginásticas todos os dias e acaba dando "uma mãozinha" para a luz espiritual. A tendência é dizer que a passagem do tempo não as

---

7 anos e a dos homens diminuiu em 6,3 anos. Não deixa de ser interessante pensar que as mulheres entrevistadas pela *Playboy* mais recente estão beirando os quarenta anos.
[13] A título de curiosidade, a edição em que aparece a entrevista de Marta Rocha, fevereiro de 1986, tem como atração principal a nudez de Yoná Magalhães.

preocupem, no entanto, ambas estão envolvidas em trabalhos de manutenção corporal.

Wanderléa, 49 anos, numa entrevista sacada dos anos 90, respondeu assim a algumas perguntas de *Playboy*.

"*PLAYBOY* - Onde você guarda o segredo da eterna jovialidade?
VANDERLÉA - O que há de mais forte no ser humano é uma chama interna. Não adianta plástica, não adianta cirurgia nenhuma. É uma chama de vida. Existem pessoas que têm e pessoas que não têm.
(...) P - Pouquíssimas mulheres chegam aos 49 anos com um corpo como o seu. Você faz muito exercício para ficar assim?
W - Não. Acho que tive muita sorte porque não tenho tendência a celulite e a estrias (...) Não consigo ficar muito tempo parada, sem fazer nada. Caminho muito, tenho as pernas fortes - é difícil me acompanhar.
(...) P - Muitas atrizes, e outras mulheres que se mantiveram bem conservadas, se deprimiram quando o envelhecimento afinal chegou. Você está preparada para isso?
W - Ah, acho que não vou ter esse problema. Os cuidados que tenho são um carinho comigo mesma, mas sem aquela neura de tentar conter o tempo de qualquer jeito. A juventude não é eterna, mesmo." (*Playboy*, abril de 1996:28-30)

Wanderléa, a exemplo de Marta Rocha e Yoná Magalhães, não se considera próxima da velhice e revela que não se preocupa com o desgaste provocado pelo envelhecimento. Da mesma forma que a ex-miss e a atriz, Wanderléa cuida do seu corpo fazendo longas caminhadas.

Entre os homens mais velhos entrevistados por *Playboy*, a questão da velhice e do envelhecimento também parece ser algo que, aparentemente, não os preocupem. Em algumas entrevistas, este tema não é sequer tratado, quando o é, a velhice é vista como uma fase da vida distante destes homens na faixa dos 50 a 60 anos e o desgaste físico do envelhecimento não representa empecilhos para as suas atividades profissionais e amorosas.

A questão do envelhecimento físico é tratada, principalmente, numa entrevista com o piloto de corrida Emerson Fittipaldi.

"*PLAYBOY* - Em 1979, quando deu a sua primeira entrevista para a *PLAYBOY*, você tinha 32 anos. Disse que pretendia correr até os 39 ou 40 anos, achando que até essa idade 'não há perda de reflexo para um piloto que se cuida', segundo suas próprias palavras. Hoje, com 48 anos, colocaria um novo limite?

EMERSON - Eu disse isso mesmo? (...) Hoje eu acho o seguinte: se o piloto estiver bem fisicamente e motivado para ganhar, ele continua. A cabeça é muito importante, a vontade de vencer pesa muito (...) O reflexo pode até diminuir até um determinado ponto, mas a experiência compensa. Com a idade de 48 anos, me cuidando do jeito que me cuido, tenho certeza de que meus reflexos vão continuar bons para eu correr durante mais uns anos. Na hora que não sentir isso, eu mesmo vou perder o interesse de continuar (...)

P - Qual o seu projeto de vida para a velhice?

E - Quero passar uma parte do ano na fazenda, no interior de São Paulo. Adoro o interior de São Paulo, onde as pessoas vivem muito melhor do que nos grandes centros. Mesmo as pessoas mais humildes vivem melhor, põem uma roupa branquinha no domingo. Quero viver uma parte do ano na Flórida e o resto do tempo viajando. Quero conhecer o mundo." (*Playboy*, agosto de 1995:50 e 83)

No caso de Emerson, por ser um homem ligado ao esporte e ainda em atividade, a questão do desgaste físico provocado pelo avanço da idade acaba sendo mais tratado do que em outras entrevistas. Para o piloto de corrida, a perda de reflexos ou outro tipo de desgaste pode ser compensada por um programa de treinamento físico (Emerson faz exercícios todos os dias e tem uma dieta bastante rigorosa), e por um estado emocional que o motiva a vencer as corridas. Interessante é perceber como a sua opinião sobre este assunto mudou conforme sua idade foi avançando. Aos 32 anos, Emerson via mais 8 anos em sua carreira, aos 48, não há qualquer menção à possibilidade de parar de correr e este tema causa-lhe bastante irritação.[14] A velhice é algo distante da vida do piloto, ainda é um projeto de vida. No entanto, ela parece ser bem atraente, metade do ano em uma de suas fazendas, e outra metade, na Flórida ou em algum lugar do mundo.

Vejamos como este tema é tratado na entrevista de Paulinho da Viola.

---

[14] No início da entrevista, o repórter que foi entrevistar Emerson relatou que a assessoria do piloto advertiu-lhe que deixasse para mencionar a questão de quando ele iria parar de correr para o final da entrevista, pois é um assunto que causa muita irritação ao piloto.

"*PLAYBOY* - Você tem medo de envelhecer?
PAULINHO - Não. Só não gostaria de chegar numa certa idade e de repente ficar senil, sem capacidade de pensar com clareza. Disso tenho medo. No resto, não brigo com o tempo, não." (*Playboy*, fevereiro de 1996:47)

A preocupação central de Paulinho da Viola é não perder o domínio sobre suas emoções, "quando chegar numa certa idade e de repente ficar senil". No entanto, Paulinho não desenvolve nenhum programa de prevenção para evitar "a senilidade", tida neste caso como a perda da capacidade de pensar. Embora ele tenha medo desta possibilidade, o cantor encara o envelhecimento com grande naturalidade.

A comparação das entrevistas realizadas com as pessoas mais velhas em *Playboy*, que como vimos são pessoas na faixa entre 40 e 60 anos, mostra que, nestes contextos, a proximidade da velhice e as marcas do envelhecimento não são tidas como problemáticas, pelo menos em termos do discurso. A velhice, passa a ser uma etapa da vida ainda distante destas pessoas. O envelhecimento físico, recebe diferentes significados, contudo, não é tido como um problema central. Ele pode ser negado, caso de Yoná Magalhães, pode ser visto como algo natural, caso de Wanderléa e Paulinho da Viola, ou minimizado através de atividades físicas ou mentais, caso de Emerson e de Marta Rocha. No entanto, todos, exceto Paulinho da Viola, fazem exercícios físicos e tomam cuidados especiais para manter o corpo bonito.

***

"Em relação ao conceito de idade, observei que não é nada fácil insurgir-se contra a pressão do imperativo 'sempre jovem'. A idade é valorizada quando representa experiência, conhecimento, vivência, mas ao mesmo tempo, valoriza-se a idade quando ela consegue manter intactas as qualidades tidas como privilégios da juventude: beleza, vigor, agilidade, atividade, criatividade etc." (Mascaro, 1991:211)

Em sua conclusão, Mascaro considera que se valoriza o avanço da idade quando ele consegue manter intactas as qualidades tidas como privilégio da juventude: beleza, vigor e agilidade

A exposição dos artigos relacionados ao corpo nas duas revistas permite-nos avançar as conclusões de Mascaro. Não adotar estilos de vida e formas de consumo capazes de manter a beleza, a juventude e a saúde é um sinal de descuido, negligência e preguiça daquele que assim o faz. Rugas ou doenças associadas à idade são vistas como sinais de maus tratos com o corpo. Como observa Giddens, este tipo de comportamento baseado no autocontrole do corpo e das emoções situa a responsabilidade pelo desenvolvimento e aparência do corpo diretamente nas mãos de seus proprietários. Neste sentido, tratar do corpo é acusar, culpabilizar, responsabilizar os indivíduos pela sua velhice e doenças.

Além disso, vimos que existem diferenças significativas na maneira pela qual se distribuem e são apresentadas as matérias sobre o corpo. Em *Playboy*, por exemplo, não registramos nenhuma matéria específica durante os anos observados que trate do envelhecimento. A justificativa para se cuidar da aparência, também, é bastante diversa. Enquanto na *Claudia* a mulher aparece como a principal responsável pelo aparecimento ou não das marcas indesejáveis do tempo, na *Playboy* a motivação para cuidar da aparência não é gerada pelo medo dos efeitos do envelhecimento mas pela restauração de um estado que pode ter sido provisoriamente abatido por uma noite mal dormida.

Em relação às matérias sobre rugas e doenças associadas à idade vimos que elas são tidas como maus tratos com o corpo, resultado de estilos de vida inadequados, e podem englobar apenas agressores externos (caso dos anos 80, como cigarros, vida sedentária etc.) ou agressores internos e externos (caso dos

anos 90 em que sentimentos e emoções passam a fazer parte desse rol de preocupações). Por outro lado, quando atores famosos de mais idade são apresentados, as rugas passam a ser o sinal de charme do homem maduro.

CHEGOU A VEZ DAS AMIGAS DE MAMÃE: RELAÇÕES ENTRE CASAIS EM FAIXAS ETÁRIAS DIFERENTES

O segundo tema, a partir do qual foi classificado o material das revistas, trata do relacionamento amoroso e/ou sexual envolvendo duas (ou mais) pessoas. Fazem parte deste grupo matérias sobre casamento, namoro, paqueras, entrevistas cujo foco principal gira em torno de relacionamentos amorosos ou sexual, carta de leitores, fotos de casais ou de casamento com pequenos textos, em suma, tudo aquilo que se refere ao que agora qualificamos de *relações entre casais*.

O termo casal, da forma como é tratado aqui, pode se referir tanto a casais heterossexuais formalmente constituídos, como também a amantes, a namorados, a pessoas do mesmo sexo ou de sexos diferentes. Para efeitos da nossa investigação, separamos esses artigos em dois blocos. O primeiro, agrupou artigos entre *casais na mesma faixa etária* o que corresponde, em regra, a matérias que tratam de casais que apresentaram pequenas variações de idade entre si. O segundo bloco, denominado *casais em faixas etárias diferentes*, classificou artigos cuja diferença entre as idades do casal é significativa ou mencionada pela revista. O resultado desta classificação pode ser observado nas tabelas abaixo.

Tabela 3a - Distribuição das revistas segundo classificação em Relações entre Casais - Anos 80

	*Claudia**	*Playboy*	*Total*
Casais em faixas etárias diferentes	5 55,6 7,9	4 44,4 12,9	9 100,0 9,6
Casais na mesma faixa etária	58 68,2 92,1	27 31,8 87,1	85 100,0 90,4
	63 67,0 100,0	31 33,0 100,0	94 100,0 100,0

* Exceto *Claudia* dez. 85

Tabela 3b - Distribuição das revistas segundo classificação em Relações entre Casais - Anos 90

	Claudia	*Playboy*	*Total*
Casais em faixas etárias diferentes	5 83,3 5,4	1 16,7 3,0	6 100,0 4,8
Casais na mesma faixa etária	87 73,1 94,6	32 26,9 97,0	119 100,0 95,2
	92 73,6 100,0	33 26,4 100,0	125 100,0 100,0

A comparação entre as tabelas 3a e 3b nos mostra que aquilo que consideramos *Relações entre casais* está presente, em proporção significativa, nas duas revistas nos dois períodos analisados. Desse conjunto, a revista *Claudia* conta com a maior parte dos artigos nos dois momentos verificados (67% nos anos oitenta e 73,6% nos noventa) registrando, também, um aumento proporcional de 6,6% em relação à classificação de artigos deste tipo em *Playboy*. Na revista masculina, podemos observar um número inferior ao de *Claudia*, entretanto, não desprezível pois *Playboy* registrou 33% de matérias sobre *relações entre casais* nos anos oitenta e 26,4% nos anos noventa. Dito de outro modo, *Relações entre casais* é um

tema *forte* nas duas revistas e houve uma tendência de crescimento (proporcional e numérico) destas matérias na revista feminina contra uma redução proporcional na revista masculina e uma certa *estagnação* numérica: de 31 artigos passou para 33 nos anos noventa.

Além disso, as matérias sobre relações entre *casais na mesma faixa etária* constituem o padrão deste tipo de classificação. Podemos observar que há um número proporcionalmente menor de matérias sobre a *relação entre casais de faixas etárias diferentes* encontrado nas duas revistas. Nos anos oitenta, 9,6% das matérias classificadas em *Relações entre casais* tratavam do relacionamento entre *casais de faixas etárias diferentes* ao passo que, nos anos noventa, este número caiu para 4,8% (metade)[1]

[1] Entre as revistas as mudanças foram ainda mais significativas. Enquanto nos anos oitenta observamos quase um empate entre o número absoluto de matérias sobre *casais de faixas etárias diferentes* nas revistas (5 em *Claudia* e 4 em *Playboy*), nos anos noventa encontramos uma diferença maior em favor de *Claudia*: 5 contra 1 em *Playboy*. Se levarmos em conta apenas a revista *Claudia* a redução observada entre artigos sobre *casais de faixas etárias diferentes* durante os anos pesquisados é de apenas 2,5%.

O segredo da borboleta: segredinhos que só a experiência pode ensinar

MULHERES

"Toni Tucci, 66 anos, aparência de 40, ex-atriz, ex-modelo, três divórcios, vai em frente com sua tese: a chave da felicidade para a mulher madura é o sexo - mas sexo com um parceiro dez, vinte, de preferência até trinta anos mais novo." (*Playboy*, abril de 1986:32)

Como vimos nas tabelas 2a e 2b, a maior parte de matérias sobre *relação entre casais de faixas etárias diferentes* em *Playboy* aparece na revista masculina dos anos oitenta. Do conjunto de quatro artigos, três tratam diretamente da entrevista que Toni Tucci concedeu à revista masculina. Na entrevista, Tucci entende que a diferença de idade pode ser um fator de ascendência da mulher sobre o homem e o caminho para o prazer sexual da mulher madura[2], difícil, ou até impossível, com homens da mesma idade.

"Eu não sugiro homens jovens, sugiro homens mais jovens do que a mulher. Sempre. Além de suas carnes serem rijas, seu fogo ser inigualável e seu prazer nos remeter a sensações similares às que tínhamos aos 20 anos, eles se *importam* com o nosso orgasmo. E depois o homem mais velho, que teria uma experiência de vida parecida com a minha, está muitas vezes em busca de amantes jovens para assegurar a sua seiva de vida. E aí? Você acha que eu deveria me sentar na frente da televisão e chorar? Foi então que descobri o segredo da borboleta (...) Eles (homens jovens) estão cansados das cobranças das garotinhas. Elas exigem sempre uma conduta sexual fantástica, além

da vida social agitada e, sendo casadas, conforto em casa e dedicação exclusiva aos filhos. Com uma mulher madura - que aliás tem segredinhos que só a experiência pode ensinar -, eles podem ser eles mesmos. Em troca, eles fazem tudo aquilo que os homens de 50 não fazem. Por exemplo, quase toda mulher de 50 ou 60 anos simulou orgasmos centenas de vezes. Pois com esse amante jovem (...) a mulher não precisa fingir". (*Playboy*, abril de 1996:32)

A diferença de idade entre a mulher e o homem, neste caso, permite algumas vantagens para os dois lados. Para a mulher, de idade mais avançada, a possibilidade de sentir-se jovem sem, no entanto, perder a sabedoria da mulher madura, de atingir prazer na relação e de ir à forra em relação aos homens mais velhos, adotando o mesmo tipo de comportamento destes últimos em relação à traição por idade. Para homens mais jovens, a possibilidade de um relacionamento sem as responsabilidades ou exigências normais das garotas de sua idade. A idade mais avançada, entendida como um benefício das mulheres, só se realiza a partir do relacionamento com um homem mais jovem, em que há uma espécie de troca envolvendo o "fogo inigualável" dos jovens com os "segredinhos que só a experiência pode ensinar" e a construção de uma relação prazerosa para ambos os lados.

Localizado na mesma seção em que foi publicada a entrevista de Tucci, a jornalista Edith Machado, em outro exemplar, escreveu um artigo discutindo algumas repercussões da passagem de Tucci pelo Brasil. Seu artigo inicia com a pergunta "*Por que corpo e cucas jovens atraem mulheres maduras?*".

"Do ponto de vista puramente físico, a resposta é obvia. Está caindo por terra o velho tabu de que mulher só sente prazer quando ama ou, no mínimo, quando pensa que ama, independente das qualidades estéticas de seu Romeu. Pura Balela (...) Penso que, por trás dessa 'moda', há muito mais do que liberdade sexual. Em minhas pesquisas pessoais, tenho concluído que muitos homens mais jovens (esclarecendo: jovem, para mim, é até tipo 33 anos) estão com outra cabeça. Em geral, são mais abertos, espontâneos e honestos. Não entram em competição com a mulher (...) Como se prendem menos a padrões estereotipados de beleza e estão mais interessados no 'conjunto da obra',

---

[2] Para utilizar a expressão de Tucci.

conseguem usufruir o que a mulher madura tem de melhor para oferecer: carinho, companheirismo, senso de humor e, por que não? Know-how erótico." (*Playboy*, julho de 1986:28)

Apesar de expor as vantagens de um tipo de relacionamento envolvendo mulheres mais velhas com homens mais novos, a jornalista conclui mostrando o que as mulheres maduras realmente querem quando se trata de um relacionamento mais duradouro: se relacionar com homens da mesma idade.[3]

"Agora, se entre os leitores, você se enquadra na categoria dos 'jovens coroas em disponibilidade', por favor, não me leve a mal, amigo. Não estou tentando agredi-lo. Mesmo porque, no fundo, no fundo, o que elas realmente querem é a sua companhia." (*Playboy*, julho de 1986:28)

O envolvimento de mulheres maduras com homens jovens é visto, pela jornalista, como um direito conquistado pelas mulheres. Assim como os homens, as mulheres têm o direito de dissociar amor do sexo e, por isso, envolverem-se com pessoas mais jovens na busca do prazer sexual. No entanto, diferentemente de Tucci, Machado considera que quando o relacionamento implica em algo que envolva o companheirismo entre o casal e não apenas o ato sexual, a mulher madura se realiza plenamente quando encontra-se com um homem da sua faixa de idade. Machado, nesse sentido, separa o "*amor do ponto de vista puramente físico*" daquilo que poderíamos chamar de companheirismo numa relação entre casais e, essa dissociação, legitima as relações entre mulheres mais velhas e homens mais novos num contexto em que a idade passa a ser uma vantagem para a realização sexual das mulheres.[4]

---

[3] Machado não especifica, a exemplo do que fez com os jovens, a idade desta mulher madura.

[4] Duas outras matérias extraídas da *Claudia* mais recente, embora não recomendem o relacionamento entre mulheres mais velhas e homens mais novos, vão na direção de que a idade avançada pode se constituir numa vantagem para a realização sexual das mulheres. Ambas foram escritas pelo psicólogo Flávio Gikovate que tem uma coluna na revista onde trata de vários assuntos. Na primeira, publicada em agosto de 95, Gikovate fala das vantagens de ser uma mulher madura, sobretudo no plano sexual. Não fala a idade desta mulher madura. "A mulher madura é mais independente, emocionalmente auto suficiente. Tolera melhor as frustrações inevitáveis da vida, de sorte que não necessita usar de subterfúgios para se livrar delas. Sua sexualidade fica livre para se exercer como fonte de prazer; não é o instrumento ou arma que a ajudará a atingir outros objetivos. Poderá se exercer de modo lúdico, visando apenas à gratificação que a excitação sexual determina."

Rachel Welch e seu novo tônico da juventude: o direito à excentricidade

Além das matérias sobre como o avanço da idade pode representar uma vantagem para a realização sexual das mulheres, encontramos um número significativo de artigos na revista feminina que trata do casamento ou namoro entre pessoas famosas (mais velhas) com parceiros mais jovens.[5]

A despeito de verificarmos que a maioria destes artigos versa sobre mulheres famosas se relacionando com homens mais jovens, podemos notar que existe um ponto comum em todos eles: pessoas famosas têm o direito de se relacionar com parceiros mais jovens e, por se tratar de casos excepcionais, esse direito é visto como uma excentricidade.

Pequena nota sobre o namorado (11 anos mais novo) de Liz Taylor, o novo namorado de Rachel Welch (bem mais jovem do que ela), o casamento do baixista dos Rolling Stones com uma mulher 17 anos mais jovem são exemplos de como aparecem estes artigos na revista. Mesmo quando a diferença de idade não é frisada, como ocorre em uma nota sobre as férias de Frank Sinatra e sua esposa, o texto destaca as idades dos membros do casal: ele com 70 e sua mulher com 56.

Na Segunda matéria, de setembro do mesmo ano e intitulada Sensualidade não tem idade, o psicólogo trata da sensualidade depois dos 50 anos. "O curioso é que justamente com a maturidade que as mulheres atingem a plenitude sexual. Aquelas que forem capazes de construir sua auto-estima mais em função do que acontece nas relações íntimas tenderão a se conhecer como criaturas que estão vivendo seu apogeu sexual e não a decadência - como acontecerá se a avaliação se der em função da aparência."

[5] Durante os anos pesquisados, das 10 matérias classificadas em *Claudia* como relação entre *casais em faixas etárias diferentes*, 6 referem-se ao relacionamento entre pessoas famosas mais velhas e jovens. Deste conjunto, 5 foram encontradas nos anos oitenta e apenas 1 nos anos 90. Em relação à distribuição entre homens e mulheres famosos de mais idade temos 4 matérias sobre mulheres famosas se relacionando com homens jovens e 2 homens famosos se relacionando com mulheres jovens. Esta distribuição mostra, em primeiro lugar, que este tipo de assunto (pessoas famosas se relacionando com jovens) tinha mais visibilidade nos anos 80. Além disso, mulheres famosas se relacionando com homens mais jovens parece ser o foco da atenção.

Se, nas matérias sobre a relação entre avanço da idade e satisfação sexual das mulheres, havia uma separação entre o relacionamento físico-sexual (em que a diferença de idade era tida como um benefício para as mulheres) e o que chamamos de companheirismo (em que deveriam prevalecer a relação entre casais na mesma faixa etária), nas matérias sobre pessoas famosas mais velhas lhes foi dado o direito de poder juntar as duas coisas: o relacionamento sexual e o companheirismo que envolve, pelo menos em princípio, relações mais duradouras como namorar ou casar.

Por se tratar de casos excepcionais, como os mencionados nestas pequenas notas, este tipo de relacionamento é tido como uma excentricidade dessas pessoas famosas e, portanto, um tanto quanto distante do que *normalmente* ocorre entre os casais. Essa excentricidade, além disso, pressupõe a união de duas coisas que apareciam separadas nas matérias sobre o avanço da idade e a satisfação sexual das mulheres: o relacionamento sexual e o companheirismo das relações entre casais.

"Hef tem 68 anos, eu 32. Mas acho que juntos temos a mesma idade, por tudo o que fazemos juntos"

O direito à excentricidade torna-se ainda mais marcante na matéria em que a esposa do fundador de *Playboy*, Hugh Hefner, aparece nua.

"Hug Hefner enfim havia encontrado a mulher ideal. Já faz seis anos e meio que estão casados. Olhando essas fotos novíssimas, você acha que ele ainda vais viver a crise dos sete anos" (*Playboy*, março de 1996:130)

A mulher de Hefner tem um corpo escultural e, possivelmente, deve ser desejada por homens em diferentes faixas etárias. No entanto, foi Hefner quem a escolheu.

"Quando Hefner a pediu em casamento, numa noite de lua cheia, ela quis algum tempo para pensar. 'Lembro que o queixo dele caiu', ri nossa primeira-dama. 'Pensei dois segundos e respondi que sim'. Desde então, Kimberley só sai de casa com um celular na bolsa, para não perderem o contato nunca." (*Playboy*, março de 1996:132)

A diferença de idade entre Hefner e sua mulher não parece ser algo comprometedor da boa relação. Além disso, temos uma diferença essencial entre esta matéria e a da satisfação sexual das mulheres maduras. Enquanto Tucci descobriu o "segredo da borboleta" quando passou a sair com homens mais novos, Hefner é tido como um especialista em mulheres bonitas e sua vida passada é tida como cercada de glamour e prazeres. Hefner não descobriu o prazer se relacionando com uma pessoa mais jovem, mas pôde, através de uma vasta experiência no ramo, comparar este relacionamento com outros e decidir o melhor de todos. A mulher mais nova não é a chave do prazer mas o seu coroamento.

"Senhoras e senhores, a palavra de Hugh Hefner: 'Todos nós temos fantasias. Eu já fui até acusado de liberar as minhas publicamente. Mas o que eu nunca imaginei é que ainda viesse esse anjo fazer da minha última fantasia a melhor de todas" (*Playboy*, março de 1996:134)

O que alguém dessa idade pode querer com um homem de 75? Só pode ser dinheiro.

Na *Claudia* dos anos noventa, encontramos uma matéria sobre agências de casamentos que começa com a história de Seu Ivo, 75 anos, interessado em arrumar casamento.

"Sentindo uma afinidade súbita com a mulher que o encara com simpatia, a que chegou por um classificado de jornal, o futuro cliente abre-lhe a alma. Sim, desde que enviuvou, há cinco anos, a solidão o consome. Mora em casa própria, possui automóvel e uma pensão razoável, mas como um homem de 75 anos pode ser feliz sem a parceira com quem compartilha concertos, viagens e sobretudo o *hobby* da jardinagem que os uniu a vida toda? Há tempos tentava, sem sorte, substituí-la. Já havia anunciado em jornais, mas as candidatas que apareciam, muito mais jovens, não só não preenchiam os requisitos como supunham um homem rico, coisa que ele não era. Procurava uma esposa entre 65 e 75 anos, compatível com sua condição de vida e seus gostos." (*Claudia*, fevereiro de 1996:14)

A agência de casamento possuiu um cadastro dos pretendentes e do perfil das pessoas que procuram a agência. Segundo a matéria, há três faixas etárias bem definidas que formam uma curiosa relação de oferta e procura no mercado de casamento.

"Sobram homens na faixa dos 30 e poucos anos em busca de moça na dos 20 (que faltam). Mulheres entre 40 e 50 e poucos é a faixa feminina que mais procura a agência, mas os homens dos seus sonhos - entre 50 e 60 anos - são justamente o artigo de maior escassez no mercado. 'Simplesmente não existem. Onde estão eles?', pergunta-se Ingrid (dona da agência), despedindo-se de seu Ivo muito esperançosa, pois o caso lhe parece fácil de resolver. A terceira faixa etária é justamente a dos idosos, abundante em ambos os sexos." (*Claudia*, fevereiro de 1996:16)

Os artigos de maior escassez no mercado, de acordo com o texto, são homens entre 50 e 60 anos, e quando eles aparecem, normalmente, não querem as mulheres de 40 e 50 anos, mas mulheres bem mais jovens. Nas faixas de idade mais jovens mulheres procuram parceiros com idade levemente superior, dificultando o trabalho da agenciadora, enquanto que nas mais velhas (casos que proliferam na agência) a busca é por parceiros da mesma idade.

O anúncio de Seu Ivo parece ter feito bastante sucesso uma vez que muitas pessoas procuraram a agência querendo obter informações a seu respeito. A dona da agência, entretanto, mostra-se bastante céptica em relação a algumas das candidatas, sobretudo, as mais jovens.

"Nos últimos dias o aparelho parecia enlouquecido: foram tantas as chamadas respondendo ao anúncio de seu Ivo, que ela (dona da agência) nem dormia direito. 'Mulheres até de 48 anos ligando, acredita? Essas eu nem entrevisto para a seleção. O que alguém dessa idade pode querer com um homem de 75? Só pode ser dinheiro'". (*Claudia*, fevereiro de 1996:17)

As pessoas mais velhas que aparecem na matéria são insatisfeitas, que procuram um companheiro ou companheira para aliviar a solidão que marca a última etapa da vida. De acordo com Ingrid, dona da agência, esta faixa de idade não representa problemas para o agenciamento de encontros pois há um grande número de pessoas disponíveis e de ambos os sexos. Mesmo quando o assunto envolve o prazer sexual da mulher, já não há mais a necessidade de procurar parceiros mais jovens, como é o caso de uma das pretendentes de seu Ivo, Dona Enerstina de 67 anos.

"'Depois da menopausa é que descobri o prazer', revela. 'Minha melhor experiência foi com um italiano de 74 anos'" (*Claudia*, fevereiro de 1996:17)

O mercado de casamentos parece impor um certo padrão em relação ao significado do avanço da idade. Em todas as idades, sobretudo nas mais avançadas, é recomendável que se tenha um companheiro(a) na mesma faixa etária, eventualmente, com uma pequena diferença de idade em favor do parceiro masculino. Trata-se, portanto, do reforço da concepção exposta pela jornalista de *Playboy* de que nas relações que extrapolam o plano do relacionamento puramente físico, a diferença de idade entre os membros do casal pode ser um complicador. Mesmo no caso de Dona Enerstina, que faz menção ao relacionamento sexual, a

chave para o prazer sexual da mulher não parece residir na busca de parceiros mais jovens.

Quando agrupamos as matérias que foram até aqui tratadas, podemos notar que o avanço da idade pode se constituir de formas totalmente diferenciadas de acordo com o tipo de relacionamento que está em questão. Em primeiro lugar, e isso até certo ponto já era esperado, quando se trata do mercado de casamentos ou de relações que vão além do relacionamento sexual pressupondo aquilo que chamamos de companheirismo, a diferença de idade entre os membros do casal é tida como um complicador para a relação. A título de exemplo, podemos citar o caso da dona da agência que suspeitava de uma das pretendentes de Seu Ivo por ser mais jovem.

Por outro lado, em matérias sobre relacionamentos sexuais, encontramos nos dois períodos exemplos de como o avanço da idade pode se constituir em um benefício para a realização do prazer sexual das mulheres. Seja no caso de Toni Tucci, que recomenda a pratica de sexo com parceiros bem mais jovens, ou no caso das colunas de Gikovate (que não especifica a idade do parceiro). Em ambos a chave da plenitude sexual da mulher está associada ao avanço da idade.

Além disso, encontramos nas notas sobre o relacionamento de pessoas famosas casos excepcionais em que há possibilidade juntar as duas coisas em relacionamentos entre casais em faixas etárias diferentes: relacionamentos formais (casamento, namoro, companheirismo) com prazer sexual.

Por último, apesar de termos agrupados as matérias de *Claudia* e *Playboy* para fins de exposição da análise, podemos notar uma diferença entre as matérias das duas revistas. Em *Claudia*, a relação entre casais dá ênfase à boa relação sexual das mulheres mas, também, ao casamento ou a relações mais formais. Em

Playboy parece que é apenas a realização sexual que está em jogo quando se trata de casais, sobretudo, quando se refere a casais em faixas etárias diferentes. O próprio título da entrevista de Tucci é significativo: *chegou a vez dos amigos de mamãe?*

MÃE, A SENHORA SABE QUE DIA É HOJE?: RELAÇÕES ENTRE PAIS E FILHOS ADULTOS

A terceira classificação agrupou artigos que tratam do relacionamento entre pais e filhos, em especial, certos procedimentos ou cuidados que pais têm que ter com filhos ou vice-versa. Em linhas gerais, as matérias deste tema versam sobre a educação de filhos; sobre cuidados especiais que pais têm que ter com filhos pequenos ou adolescentes (evitar acidentes, doenças, alimentação correta etc.), matérias sobre comportamento de filhos, depoimento de filhos sobre seus pais, cartas de leitores sobre o comportamento dos pais, em suma, todo tipo de matéria que envolve, preferencialmente, a *relação entre pais e filhos*.

Com o intuito de analisar como a idade pode ser um fator que interfira nesta relação, separamos este material em três sub-temas, a saber, a relação envolvendo *crianças e pais*, *adolescentes e pais* e *adultos e pais*, O último caso, relação entre *adultos e pais,* envolve, em regra, o relacionamento entre filhos e pais mais velhos. Vejamos como se dá a distribuição entre as revistas analisadas.

Tabela 4a - Distribuição das revistas segundo classificação em Relações entre Pais e Filhos - Anos 80

	*Claudia**	*Playboy*	*Total*
Crianças e pais	**18** 94,7 60,0	**1** 5,3 100,0	**19** 100,0 61,3
Adolescentes e pais	**6** 100,0 20,0		**6** 100,0 19,4
Adultos e pais	**6** 100,0 20,0		**6** 100,0 19,4
	30 96,8 100,0	**1** 3,2 100,0	**31** 100,0 100,0

Exceto *Claudia* dez. 85

Tabela 4b - Distribuição das revistas segundo classificação em Relações entre Pais e Filhos - Anos 90

	Claudia	*Playboy*	*Total*
Crianças e pais	**55** 100,0 66,8		**55** 100,0 67,9
Adolescentes e pais	**8** 88,9 10,0	**1** 11,1 100,0	**9** 100,0 11,1
Adultos e pais	**17** 100,0 21,3		**17** 100,0 21,0
	80 98,8 100,0	**1** 1,2 100,0	**81** 100,0 100,0

Claudia: revista chorona?

Os dados da tabela indicam que a relação entre pais e filhos é algo quase que "exclusivo" da revista *Claudia*. Se levarmos em conta apenas o critério numérico a ocorrência de matérias deste tipo na *Playboy* é desprezível (1 em cada período analisado). Trata-se de um tema que parece despertar mais interesse das leitoras de *Claudia* do que do homem de *Playboy*.

"Realmente, este é um tema que não aparece em *Playboy*. Primeiro, porque o nosso leitor alvo é um leitor entre 25 a 28 anos, evidentemente, ele pode ser mais velho, mas nós visamos este tipo de leitor. Normalmente, nesta faixa de idade, ele é solteiro; se for casado não tem filhos, ou tem filhos pequenos. A revista é para o prazer do homem, razão pela qual nós, quando tratamos de um assunto difícil, por exemplo, impotência, a questão do tamanho do pênis, ejaculação precoce e AIDS, nós procuramos fazer uma abordagem sempre positiva, ou seja, como resolucionar, como ficar legal, como evitar ter problemas. Nós não somos uma revista chorona. Faz parte da ideologia de *Playboy* ser uma revista para cima."[1]

A relação entre pais e filhos seria um tema delicado, mais propício à *chorona Claudia*, que segundo a sua própria diretora de redação, tem uma leitora "*gregária*",

[1] *Entrevista com Ricardo Setti.* São Paulo, fevereiro de 1997.

mesmo que ela não seja casada e não tenha filhos[2]. Se o tema parece ser exclusivo da revista feminina, vejamos como ele se apresenta na revista durante o período analisado.

Em números absolutos houve um aumento expressivo de artigos classificados neste tema.[3] Olhando atentamente a distribuição por sub-temas, podemos verificar que essa distribuição privilegia a relação que envolve *crianças e pais*, respectivamente, 60% do total de matérias dos anos oitenta e 68,8% dos nos noventa. O aumento de 8,8% em matérias que tratam da relação entre *crianças e pais* foi acompanhado por uma redução quase que na mesma grandeza (10%) em matérias sobre a relação entre *adolescentes e pais*. Por outro lado, a relação que envolve *adultos e pais* permaneceu, percentualmente, estável em cerca de 20% das matérias nos dois períodos analisados.[4]

A importância que a relação entre *crianças e pais* tem na revista feminina evidencia-se, ainda mais, quando observamos a tabela que classificou bens de consumo vinculados a relação entre pais e filhos.

Tabela 4c - Distribuição das revistas segundo classificação em Relações entre Pais e Filhos (Bens de Consumo) - Anos 80

	*Claudia**	*Playboy*	*Total*
Produtos para crianças	9 100,0 100,0		9 100,0 100,0
	9 100,0 100,0		9 100,0 100,0

Exceto *Claudia* dez. 85

[2] Ver Capítulo 3.
[3] Aumento de mais de 2,5 vezes, pois passou de 30 ocorrências, nos anos oitenta, para 81 nos noventa.
[4] Para sermos mais exatos, houve um aumento de 1,3%.

Tabela 4d - Distribuição das revistas segundo classificação em Relações entre Pais e Filhos (Bens de Consumo) - Anos 90

	Claudia	*Playboy*	*Total*
Produtos para crianças	**45** 97,8 77,6	**1** 2,2 100,0	**46** 100,0 78,0
Produtos para crianças e adolescentes	**13** 100,0 22,4		**13** 100,0 22,0
	58 98,3 100,0	**1** 1,7 100,0	**59** 100,0 100,0

As tabelas 4c e 4d reúnem produtos dirigidos às crianças e aos adolescentes, mas os pais são quem devem comprá-los. Além de observarmos um aumento numérico em artigos desse tema[5], podemos notar que houve uma diferenciação em termos dos produtos que são sugeridos pela revista.[6] Enquanto nos anos oitenta só foram encontrados *produtos para crianças*, nos anos noventa, classificamos 22,4% de matérias sobre produtos para *criança e adolescente*. Em ambos períodos não encontramos nenhum produto dirigido aos pais de filhos adultos.

Em nosso entender, uma questão central presente na relação entre *pais e filhos* expressa nas páginas das revista é a dependência que os filhos têm em relação aos pais. A relação de dependência está presente tanto nas matérias sobre pais e filhos como também nas de consumo. A situação de dependência de filhos com pais, entretanto, é tratada de maneira diferente pelas revistas de acordo com a

---

[5] De 9 ocorrências, nos anos oitenta, para 58 nos anos noventa.

[6] Naquilo que foi agrupado em *produtos para crianças* tínhamos, nos anos 80, sugestões para festas e cardápios infantis e brinquedos para as crianças. Nos anos 90, além dos que foram classificados nos anos 80, encontramos produtos para criança e computador; produtos para casa/decoração para crianças; sugestão de disco/cd/ e programação de tv e vídeo infantis; teatros e exposições dirigidos às crianças; livros e viagens especiais para crianças.

idade dos filhos. Na relação entre pais e filhos mais novos a relação que se estabelece é a de dependência, por outro lado, quando se trata de pais e filhos mais velhos a relação deve ser igualitária. Como veremos a seguir, existe uma dificuldade por parte da revista em tratar da dependência de pais e filhos adultos, sobretudo, quando esta relação envolve declínios físicos associados ao envelhecimento.

Pais dependendo de filhos: o que fazer?

Em sua seção reservada aos leitores, a revista *Claudia* tem uma coluna em que um especialista responde a perguntas relativas à velhice.[7] Normalmente, este espaço é preenchido por perguntas de leitores a respeito de procedimentos em relação aos seus pais, especialmente, questões sobre problemas físicos (perda de habilidades físicas e cognitivas) ou emocionais ligados ao avanço da idade. O quadro, a seguir, reúne perguntas extraídas desta seção que foram classificadas neste sub-tema

Quadro 1: perguntas de leitores classificadas em Relação entre pais e filhos adultos

Perguntas
Leitora pergunta na seção velhice: "Meu pai tem 86 anos e anda muito irritado, dizendo que está perto do fim e se recusando a aceitar nossos conselhos. O que devo fazer quando ele começa a falar em morte?
Leitora pergunta na seção velhice: "Meus pais têm condições de viver a melhor vida do mundo, mas a cada dia estão mais sovinas. O que será que pensam fazer com tanto dinheiro?"
Leitora pergunta na seção velhice: "Aos 68 anos, minha mãe tem momentos de total lucidez e horas em que se esquece de tudo, confundindo os fatos. Às vezes acho que ela está fazendo chantagem. Será que é esclerose?"
Casal de Leitores pergunta na seção velhice: "Desde que se separou de sua esposa, nosso filho não nos permite visitá-la e nem ela a nós. Estamos velhos, com dificuldade de locomoção e com uma empregada que nos vigia cada vez que falamos com ela. Será que ele não entende que ela continua sendo nossa nora, uma Segunda filha?
Leitora pergunta na seção terceira idade: "Minha mãe, de 59 anos, está com osteopenia, um passo anterior à osteoporose. Seu ginecologista, excelente profissional, pediu um exame, mas eu gostaria de saber Qual a especialidade médica mais indicada para a doença"
Leitora pergunta na seção terceira idade: "Estou preocupada com a fragilidade da minha mãe, de 72 anos. Por causa da osteoporose, uma simples torção de pé acabou em fratura de tornozelo. Como conviver melhor com esta doença?"
Leitora pergunta na seção terceira idade: "Minha irmã e eu compramos dois apartamentos em um mesmo edifício, para facilitar os cuidados com nossa mãe, de 94 anos, que é lúcida e reside com ela. Muitas pessoas têm tentado demover-nos da idéia, alegando que idosos, quando mudam de ambiente, sofrem muito e podem até morrer"

[7] Esta seção, nos anos oitenta, chamava-se *Velhice*. Nos anos noventa a mesma seção passa a se chamar *Terceira Idade*.

Se, por um lado, a situação de dependência por parte dos filhos pequenos em relação aos pais é tida como algo normal, no momento em que a situação se inverte, ou seja, quando pais passam a depender de filhos adultos (em maior ou menor grau) encontramos vários tipos de problemas vinculados ao avanço da idade. Nesses casos, normalmente, são pais em idade avançada e filhos sem saber o que fazer para lidar com a situação que, como mostra o quadro acima, envolve vários tipos de dificuldades de relacionamento e perdas de capacidades físicas e cognitivas. [8]

Não podemos esquecer que há uma pergunta de um casal mais velho que tem problemas com seu filho (por não deixar ver a nora). A maior parte, entretanto, trata do relacionamento entre filhos e pais mais velhos. Esta relação é tida como cercada de problemas, de dificuldades e a idade avançada dos pais, normalmente, representa um agravante para o estabelecimento de uma boa relação.

---

[8] Todas as 7 perguntas classificadas neste sub-tema, de acordo com o Quadro 1, tratam da dificuldade estabelecida na relação de dependência entre pais e filhos adultos. Há, no entanto, mais duas cartas que foram classificadas neste tema. Todavia, elas tratam da repercussão de um artigo, que veremos a seguir, sobre uma filha que colocou sua mãe num asilo. Além disso, ambas não se localizam na seção *Terceira Idade* e sim numa parte em que leitores comentam matérias de edições passadas.

Tive que botar minha mãe num asilo

O DIA DE VER MINHA MÃE

Além das cartas dos leitores, selecionamos uma matéria, presente na chamada de capa da revista, sobre a história de uma mulher, Carmem, que teve que enfrentar os problemas físicos e emocionais de sua mãe mais velha.[9]

"Abatida pela diabetes e pela hipertensão, imobilizada na cadeira de rodas por um derrame e por um infarto, Tereza (72 anos) sente-se como uma criança que está prestes a se perder dos pais em uma cidade desconhecida. 'O instituto parece grande demais para ela', explica Carmem, 37 anos, que ao olhá-la não sabe mais o que vê - se sua mãe, se ela própria, se sua filha." (*Claudia*, abril de 1996:20)

A matéria conta como era a vida de Carmem antes de colocar a sua mãe no asilo. Carmem, juntamente com sua cunhada, sofria os problemas de quem tem que cuidar de pessoas com mais idade.

---

[9] Esta matéria, além disso, motivou o envio de duas cartas de leitores. A primeira, da protagonista da matéria, Carmem, que protestou contra a o fato de *Claudia* ter intitulado a matéria de um jeito e a chamada de capa de outro: "Apesar da matéria 'O dia de ver minha mãe' estar absolutamente correta, quero registrar a minha indignação com a chamada de capa de *Claudia*, da edição de abril: 'Tive que colocar minha mãe no asilo'. Asilo sugere dupla interpretação, pejorativa e preconceituosa, além de não corresponder ao que relatei para a reportagem. A questão era colocá-la em um lugar onde recebesse assistência médica e de enfermagem especializada ou deixá-la em minha casa recebendo cuidados em condições precárias" (*Claudia*, maio de 1996:6). A outra carta refere-se a uma leitora que parabeniza a reportagem e diz que está passando pelos mesmos problemas que Carmem.

"Ela (Carmem) pode contar com os irmãos, um mais velho e um mais novo, em situações extremas. Mas banhar a mãe, penteá-la, ouvi-la se queixar de que se sente sozinha, abraçá-la e confortá-la, para isso ele tem que contar com a ajuda da cunhada, Cecilinha." (*Claudia*, abril de 1996:21)

Sua mãe, viúva e pensionista do INSS, aos 65 anos sofreu um derrame que ocasionou a perda de parte da movimentação do seu corpo e a necessidade de se locomover por cadeira de rodas. Naquela época, Carmem que se preparava para ter o seu primeiro filho, decidiu que a sua mãe não deveria mudar de casa.

"Carmem passou a visitá-la diariamente, para checar se tudo estava certo e para aplicar-lhe a injeção de insulina. Tereza estava em pânico diante de suas limitações. Os medos eram medos básicos, infantis. Ela tinha medo de passar fome, de ficar com sede e de não ter como fazer xixi. Quando a empregada ia embora no começo da noite, Carmem colocava uma mesinha ao lado da cama, com comida, água e uma comadre. Sozinha, Tereza esperava o dia." (*Claudia*, abril de 1996:21)

Depois de passar quatro anos morando sozinha, Carmem, em função dos problemas de saúde de sua mãe, que iam se agravando, decide levá-la para sua casa. Neste momento, Carmem tinha acabado de dar à luz seu segundo filho.

"A casa de Carmem é modesta (...) Carmem acordava cedo, embora as suas noites fossem exaustivas. O seu sono era interrompido ora pelo bebê ora pela mãe, que precisava ser levada às pressas para o hospital, nos diversos comas que sofreu em função da diabetes. A cada internação, Tereza voltava para casa mais debilitada, mais dependente. Carmem passou a levantar às 5 horas, para ter tempo de banhá-la e de servir-lhe o café da manhã antes de sair, porque sabia que ninguém mais teria tempo de fazer isso durante o dia." (*Claudia*, abril de 1996:22)

Em uma das acordadas noturnas, Carmem encontrou a sua mãe tendo um infarto.

"Dessa vez, quando Tereza voltou para a casa da filha, dois terços do seu coração estavam comprometidos. Ela exigia mais cuidados e Carmem estava esgotada. Seu filho mais novo passou a sofrer de uma rara síndrome alérgica que o impedia de comer uma variedade imensa de alimentos. Ela já consumira toda sua cota de licenças do emprego. Carmem tomou a decisão mais penosa de sua vida, internar a mãe (...) Se a decisão era difícil, comunicá-la foi dilacerante. Ela chorava. - Mãe, está muito difícil cuidar de você. Eu não estou conseguindo mais. Se eu conseguir uma vaga, que é muito difícil, você vai para um lugar ligado à Santa Casa." (*Claudia*, abril de 1996:22-23)

Carmem conseguiu uma vaga no Instituto de Geriatria Dom Pedro II, mantido pela Santa Casa, e Tereza passou a viver lá. Carmem a visita com certa freqüência.

"Tereza vive em função dessas visitas, que nunca serão suficientes. Quando vê a filha chegando, suas primeiras perguntas são: 'Como você vai voltar? Está de carro? Tem carona?' Carmem responde rapidamente que sim, que ela não precisa se preocupar com isso. Muda de assunto para chegar logo ao teste de lucidez que aplica a cada visita: Mãe, a senhora sabe que dia é hoje? Tereza vem acertando sempre. Para alívio de Carmem, sua mãe ainda está lá." (*Claudia*, abril de 1996:23)

A relação mãe e filha, entre Carmem e Tereza, estabelece-se em meio a muitos problemas que cercam a vida das pessoas de mais idade e de quem se responsabiliza por ela. Declínios físicos do processo de envelhecimento (derrame, infarto, cadeira de rodas), situação que normalmente identifica as pessoas na velhice (solidão, aposentadoria, pobreza) e cuidados como dar banho, pentear, levar para o hospital e arrumar vaga em institutos geriátricos. Carmem não é tratada como culpada pela atual situação da mãe, ao contrário, é posta quase como uma heroína que teve que enfrentar várias dificuldades e que não teve saída senão internar sua mãe em uma clínica especializada.

Não deixa de ser curioso, além disso, a dificuldade com que a própria revista lidou com esta situação. Embora tenha feito uma matéria cujo intuito não era responsabilizar Carmem e mostrar uma situação pela qual muitas leitoras passam, a chamada de capa da revista, "*Tive que botar minha mãe no asilo*", mereceu uma repreensão por parte de Carmem que pode ser vista em sua carta enviada à redação. Em suma, o que parece ocorrer nestas cartas de leitores e na matéria de Carmem é uma dificuldade muito grande que marca a relação entre pais e filhos adultos, sobretudo, quando a idade dos pais vem associada aos declínios físicos e mentais característicos do processo de envelhecimento. Esta dificuldade, ademais, encontra-se tanto na relação dos filhos com os pais, dos pais com os filhos e até da própria revista em tratar desta questão.

A relação entre pais e filhos adultos pode ser prazerosa se for igualitária.

Quando a dependência não é algo fundamental na definição do relacionamento entre pais e filhos adultos, a relação estabelecida torna-se, em linhas gerais, bastante prazerosa.

Podemos destacar, por exemplo, duas matérias sobre mãe e filha que escolheram a mesma profissão. A primeira, publicada nos anos 80, trata da vida das atrizes Fernanda Montenegro e Fernanda Torres, mãe e filha, respectivamente, 55 e 21 anos na época da matéria (Cf. *Claudia*, maio de 1986:148). As duas atrizes contam de seus trabalhos e de seus sucessos profissionais. Embora tenham escolhido a mesma profissão, as duas Fernandas são vistas como pessoas independentes, cada uma com brilho próprio, e não há uma tendência em se reproduzir certos estereótipo, como por exemplo, de que o mais velho deve ensinar ao mais novo.

Na outra matéria, de setembro de 1996, mãe e filha fotógrafas são apresentadas pela revista. O texto sobre Wilma e Marília, pode-se dizer, segue na mesma linha da matéria sobre as Fernandas, exceto pelo fato de tratar da transmissão de experiência por parte de Wilma. Neste caso, a idade avançada de Wilma pode ser algo valioso para o relacionamento profissional e cotidiano entre mãe e filha.[10]

"Wilma funcionava como a âncora, que levava a tranqüilidade aos jovens da equipe de Marília, inseguros e com medo de errar. Hoje, sua placidez e experiência continuam sendo o contraponto à juventude de Marília" (*Claudia*, setembro de 1995:217)

---

[10] Duas outras pequenas notas apontam nessa direção de que quando não há perdas associadas à idade a relação entre pais e filhos pode ser prazerosa. A primeira, encontrada nos anos 80, mostra que a atriz Heloísa Mafalda é uma *supermãe* confessa. Na segunda, dos anos noventa, a pergunta *"O que sua mãe lhe ensinou que você nunca esquece?"* é feita a três pessoas famosas.

Duas outras matérias tratam da relação entre *adultos e pais* expressa em livros. Na primeira, a escritora Isabel Allende conta sobre o livro que escreveu para homenagear a sua filha Paula, vítima de uma doença rara que a afeta desde criança, e, a segunda, sobre duas escritoras chinesas que escreveram romances de sucesso em que tratam da relação entre mãe e filha. Em ambos os casos, o relacionamento entre mãe e filha é cercado de afeto, em que outros fatores, não ligados à idade cronológica da mãe (como doença da filha, situação política da China) reforçam este afeto ou são o pano de fundo dos romances.

LAÇOS DE TERNURA

A matéria *Laços de Ternura*, extraída da *Claudia* mais recente, identifica uma outra situação em que a idade mais avançada dos pais é minimizada frente a outras marcações. A matéria mostra três gerações, avó, mãe e filha fotografadas. A pessoa mais velha, nesta matéria, não recebe um tratamento diferenciado das outras duas mulheres mais jovens. Antes, a idéia é mostrar que a elegância está acima das diferenças de idade e que não existem roupas específicas para os mais velhos.

"Avó, mãe e filha mostram que estilo e elegância estão ao alcance de todas as gerações" (*Claudia*, maio de 1996:59)

O padrão da matéria segue o de outras matérias de moda: não há idade das modelos, fotos bem cuidadas (ocupando 6 páginas) e texto informando onde adquirir as roupas e os acessórios. Podemos até identificar um elemento comum que reúne as três gerações: o sorriso estampado nas faces da avó, da mãe e da filha.

Por último, temos matérias que não envolvem diretamente a questão da idade mais avançada dos pais. Duas delas, referem-se ao fato do jogador Pelé não reconhecer sua filha. Neste caso, o que está em jogo é o reconhecimento de uma paternidade, independentemente do fato de Pelé ter 50 anos e sua filha 30. Em outra matéria observamos o depoimento da mãe do assaltante Leonardo Pareja. A exemplo da matéria de Pelé, o foco da matéria está no fato do filho ser um assaltante, independentemente da idade dos pais ou dele próprio.

***

A análise do conjunto das matérias sobre a relação entre *adultos e pais* indica que esta relação pode se constituir de maneira diferente.

Quando a idade avançada dos pais se liga às perdas próprias da última etapa da vida (declínios físicos e mentais), e portanto, envolve dependência, podemos notar um complicador que faz a relação entre pais e filhos tornar-se problemática a ponto de filhos não saberem como lidar com pais, pais não saberem como lidar com filhos e a própria revista ter dificuldades em expor esta situação. Além disso, é dentro dessa temática que a velhice aparece como uma situação marcada por perdas, em que as pessoas que vivem esta fase padecem da dependência dos filhos, doenças, abandono, morte, sofrimento, dificuldades de locomoção etc.

Nos casos em que a idade avançada dos pais não se liga aos declínios físicos do envelhecimento, e é estabelecida em termos igualitários, normalmente, a relação constitui-se de maneira afetuosa em que a idade avançada não representa nenhum obstáculo para estabelecer vínculos de amor ou amizade, e, em alguns casos, pode ser até um fator benéfico para a qualidade da relação.

A VELHICE E O TRABALHO

Artigos que têm por objeto problemas, situações ou dicas relacionadas ao universo do trabalho foram classificados neste tema. Fazem parte desta classificação, por exemplo, matérias que orientam a abertura de um negócio próprio, ou que ensinam como enfrentar situações do dia-a-dia de uma empresa, além de dicas de postura e de comportamento, depoimentos de pessoas sobre suas ocupações e outros textos que se referem ao universo do trabalho. Para efeitos de nossa investigação, separamos o conjunto do material classificado neste tema em dois sub-temas, a saber, matérias sobre o universo do trabalho que *não se referem à aposentadoria* e aquelas que *se referem à aposentadoria*. As tabelas, a seguir, nos mostram como estes sub-temas se distribuem nas revistas.

Tabela 5a - Distribuição das revistas segundo classificação em Relações de Trabalho - Anos 80

	*Claudia**	*Playboy*	*Total*
Sem referência à aposentadoria	**25** 67,6 100,0	**12** 32,4 100,0	**37** 100,0 100,0
	25 67,6 100,0	**12** 32,4 100,0	**37** 100,0 100

* exceto *Claudia* dez. 85

Tabela 5b - Distribuição das revistas segundo classificação em Relações de Trabalho - Anos 90

	Claudia	*Playboy*	*Total*
Com referência à aposentadoria	**2** 100,0 2,4		**2** 100,0 2,3
Sem referência à aposentadoria	**83** 98,8 97,6	**1** 1,2 100,0	**84** 100,0 97,7
	85 98,8 100,0	**1** 1,2 100,0	**86** 100,0 100,0

Matérias ligadas ao universo do trabalho quase não fazem parte da pauta da revista *Playboy* mais recente. De doze ocorrências registradas nos anos oitenta, encontramos apenas uma nos anos noventa. O número elevado de matérias sobre o universo do trabalho encontrado na década de oitenta em *Playboy* deve-se a uma coluna que a revista possuía, naquele momento, em que pessoas narravam seus sucessos profissionais. Uma vez extinta a coluna, matérias deste tipo quase que desaparecem da pauta da revista masculina[1].

Em *Claudia*, por outro lado, podemos afirmar que este tema ganhou mais visibilidade nos últimos anos, pois houve um aumento vultoso das ocorrências dos anos oitenta para aos anos noventa[2]. Do conjunto de matérias que tratam do universo do trabalho, apenas duas referem-se à questões ligadas à aposentadoria, ambas da revista feminina dos anos noventa.[3]

Aposentadoria com dinheiro para gastar

A primeira matéria, que faz referência à aposentadoria, aparece na coluna mensal do economista Sérgio Sister. O texto, intitulado "Aposentadoria será um bom negócio", dá dicas para quem quer entrar em um plano de aposentadoria privada.

"Se você está pensando em fazer algum plano de aposentadoria complementar, para poder um dia encerrar suas atividades com uma boa e segura mesada, espere mais um pouco. É que as condições oferecidas pelos fundos de previdência privada devem melhorar bastante nos próximos meses, com algumas providências que o governo está tomando." (*Claudia*, dezembro de 1996:253)

---

[1] A coluna, que existia nos anos oitenta, era composta por relatos, de pessoas bem sucedidas em suas atividades profissionais, sobre como conseguiram emprego ou formaram seu próprio negócio. Encontramos, por exemplo, depoimento do executivo norte-americano Lee Iacocca sobre como ele conseguiu tirar a General Motors do vermelho, assim como de empresários brasileiros (Roberto Irineu Marinho da Rede Globo) sobre suas atividades profissionais. Nos anos noventa, a matéria encontrada refere-se ao perfil do empresário Gregory Ryan, executivo responsável pelo estabelecimento da cadeia de fast-food Macdonald's no Brasil.

[2] De 25, nos anos oitenta, para 85 nos noventa, ou seja, aumento de quase 3,5 vezes.

[3] Embora este número seja pequeno uma das matérias encontra-se na chamada de capa da revista.

A matéria mostra quais serão as possíveis alterações na regra de administração destes fundos e como eles, num futuro não tão distante, podem se tornar investimentos mais atrativos. O texto não se refere à situação da aposentadoria pública, ou à situação dos aposentados que dependem deste tipo de benefício, tampouco, identifica a idade a partir da qual se deva começar a investir em um destes fundos. Trata-se de uma matéria meramente informativa para quem deseja participar neste tipo de investimento.

A outra matéria, que mereceu uma chamada de capa da revista, tem o sugestivo título: "Aposentadoria com dinheiro para gastar"

APOSENTADORIA
COM DINHEIRO
PARA GASTAR

"Casados há pouco mais de um ano, Otávio Luiz, de 30 anos, e *Claudia* Ferraz, de 27, sabem que já é tempo de se preocupar com o futuro. Otávio é dentista, trabalha num consultório particular na Grande São Paulo e ganha entre 5.000 e 7.000 reais (...) O dentista é um dos milhares de brasileiros que se apavoram diante da possibilidade de se aposentar com os magros proventos pagos pelo INSS (...) Esse batalhão de desiludidos começa a se familiarizar com a solução mais realista para esse tipo de problema: a aposentadoria complementar na velhice." (*Claudia*, junho de 1996:222)

O texto da matéria deixa claro que, em se tratando de aposentadoria, existem dois tipos de situação. A primeira, daqueles que optaram pela aposentadoria

pública, e que, no momento atual, vivem em situação de miséria e desconforto em relação aos seus filhos.

"Estatísticas demostram que, no Brasil, apenas 1% dos aposentados consegue se manter com o que recebem do INSS. Deixar a cargo dos filhos o ônus de sustentá-los na velhice, como fizeram muitos dos pais de gerações passadas, ou depender de trabalhos extras para sobreviver depois da aposentadoria não seduz mais os trabalhadores" (*Claudia*, junho de 1996:222)

Situação melhor, vivem aqueles que optaram pelos fundos de aposentadoria privados.

"Maria de Lourdes Videira Magri, 56 anos, e o marido, Alberto Mathias Magri, 65 anos, se aposentaram pela Philips. Juntos, recebem atualmente 4.800 reais. 'A complementação nos dá tranqüilidade, cada um tem seu carro e de dois em dois anos nós viajamos para o exterior. O cotidiano do casal é feito de caminhadas matinais e idas ao cinema e ao teatro. 'As despesas diminuíram e nossos quatro filhos já são independentes." (*Claudia*, junho de 1996:225)

A velhice, neste contexto, passa a ser identificada como a fase da vida logo após a aposentadoria, que pode ser ruim, como no caso de aposentados do INSS, ou pode ser boa, como a situação de Maria de Lourdes e de seu marido Alberto. O casal vive em boa situação financeira, desfruta de prazeres da vida, como viajar para o exterior e caminhar todas as manhãs, e não depende dos seus filhos.

O trabalho após a aposentadoria é visto de maneira diferente de acordo com o plano de aposentadoria. Para os aposentados do INSS, é necessário trabalhar em função da precariedade dos proventos pagos pelo governo. Para os aposentados dos fundos privados de pensão, o trabalho passa ser a possibilidade de montar um negócio próprio ou de realizar velhos sonhos, sem a preocupação de garantir o sustento do dia-a-dia.

"A aposentadoria complementar também pode ser importante na realização de sonhos. Esse é o caso da ex-funcionária Edvanir Ferreira, de 50 anos, que se aposentou como especialista de marketing pela IBM após 25 anos de casa (...) Hoje, Edvanir tem seu próprio negócio, uma franquia de escritórios virtuais. 'A idéia de continuar trabalhando tem relação com meus dois filhos, de 6 e 7 anos, que tive em idade avançada. Achei que a rotina de um emprego convencional não me permitiria acompanhar de perto o crescimento deles." (*Claudia*, junho de 1996:225)

Embora haja uma divisão clara entre aposentadorias de primeira classe, fundos privados de pensão, e aposentadorias de segunda classe, do INSS, a matéria não recomenda a escolha de uma em detrimento da outra. O ideal, segundo o texto, é conciliar as duas, fazendo com que a primeira seja um complemento da segunda. Assim é possível ter uma velhice mais digna.

"Os brasileiros se interessam cada vez mais por planos de previdência, que complementam a aposentadoria e garantem uma velhice mais digna." (*Claudia*, junho de 1996:222)

Pelo número de casos observados nas revistas sobre matérias que tratam da aposentadoria, este não parece ser um assunto forte ou que mereça muita atenção por parte dos editores de *Claudia* e, sobretudo, de *Playboy*. Todavia, quando a aposentadoria aparece emergem diferenças econômicas entre os mais velhos representadas por duas situações. A primeira, daqueles que se aposentaram pelo INSS e que vivem uma situação indigna, tendo que trabalhar para poder viver ou ser sustentados pelos filhos. A segunda, dos que optaram por planos de aposentadoria privado e que, na aposentadoria, vivem em situação confortável, podendo viajar sempre, trocar de carro, trabalhar por prazer e não depender dos filhos. Em ambos os casos, a idéia de dependência está associada apenas à dependência econômica dos filhos.

As diferenças na qualidade de vida entre os pensionistas do INSS e dos de fundos privados depende da opção dos indivíduos em escolher um destes planos. O pensionista exclusivo do INSS está fadado a viver uma velhice indigna, tendo que trabalhar para viver ou depender dos filhos. Já o pensionista de fundos privados, em função de um comportamento prévio para evitar a dependência dos planos públicos de aposentadoria, pode gozar de prazeres novos (abrir seu próprio negócio, realizar sonhos) ou manter o mesmo padrão de vida.

A Velhice não é o fim do trabalho

A aposentadoria, como vimos, é um assunto que não merece muita atenção por parte das revistas. Matérias desse tipo, ademais, não esgotam a relação entre pessoas mais velhas e o trabalho presente nas revistas. Encontramos, como veremos a seguir, várias pessoas mais velhas que são apresentadas pelas revistas e que continuam mantendo suas atividades profissionais.

Juntamente com a classificação por temas e sub-temas, processamos uma quantificação, durante os anos analisados, de todas as pessoas que aparecem e que têm a idade revelada pelas revistas. Ao apresentar as tabelas que reúnem estas informações, temos um duplo objetivo. Por um lado, constatar algumas transformações na composição percentual entre a distribuição das pessoas nas classes de idade analisadas, em especial, do crescimento da participação dos mais velhos no conjunto das pessoas com idade revelada pelas revistas. Além disso, interessa-nos analisar os contextos em as pessoas mais velhas são apresentadas, sobretudo, quando os mais velhos são o personagem principal de matérias sobre suas vidas. Veremos, através de alguns exemplos, que quando os mais velhos são protagonistas de matérias sobre suas vidas há uma forte tendência em dissociar a velhice da idéia do fim do trabalho.

Tabela 5c - Distribuição das pessoas que têm idade revelada segundo classes de idade - Anos 80

	Claudia	*Playboy*	*Total*
0 a 9 anos	**24** 80,0 9,7	**6** 20,0 2,1	**30** 100,0 5,6
10 a 19 anos	**50** 61,7 20,2	**31** 38,3 10,8	**81** 100,0 15,2
20 a 29 anos	**39** 26,7 15,8	**107** 73,3 37,4	**146** 100,0 27,4
30 a 39 anos	**61** 41,8 24,7	**85** 58,2 29,7	**146** 100,0 27,4
40 a 49 anos	**36** 50,7 14,6	**35** 49,3 12,2	**71** 100,0 13,3
50 a 59 anos	**23** 57,5 9,3	**17** 42,5 5,9	**40** 100,0 7,5
60 a 69 anos	**8** 72,7 3,2	**3** 27,3 1,0	**11** 100,0 2,1
70 anos ou mais	**6** 75,0 2,4	**2** 25,0 0,7	**8** 100,0 1,5
	247 46,3 100,0	**286** 53,7 100,0	**533** 100,0 100,0

Tabela 5d - Distribuição das pessoas que têm idade revelada segundo classes de idade - Anos 90

	Claudia	*Playboy*	*Total*
0 a 9 anos	**11** 57,9 2,7	**8** 42,1 3,9	**19** 100,0 3,1
10 a 19 anos	**43** 58,9 10,7	**30** 41,1 14,6	**73** 100,0 12,0
20 a 29 anos	**99** 53,2 24,6	**87** 46,8 42,4	**186** 100,0 30,6
30 a 39 anos	**115** 70,1 28,5	**49** 29,9 23,9	**164** 100,0 27,0
40 a 49 anos	**62** 80,5 15,4	**15** 19,5 7,3	**77** 100,0 12,7
50 a 59 anos	**43** 81,1 10,7	**10** 18,9 4,9	**53** 100,0 8,7
60 a 69 anos	**14** 82,4 3,5	**3** 17,6 1,5	**17** 100,0 2,8
70 anos ou mais	**16** 84,2 4,0	**3** 15,8 1,5	**19** 100,0 3,1
	403 66,3 100,0	**205** 33,7 100,0	**608** 100,0 100,0

Para evidenciar as diferenças entre os anos analisados, apresentamos, a seguir, um gráfico que mostra a distribuição percentual de cada faixa etária nas revistas.

Gráfico 5a - Distribuição percentual das pessoas que têm idade revelada segundo classes de idade - Anos 80

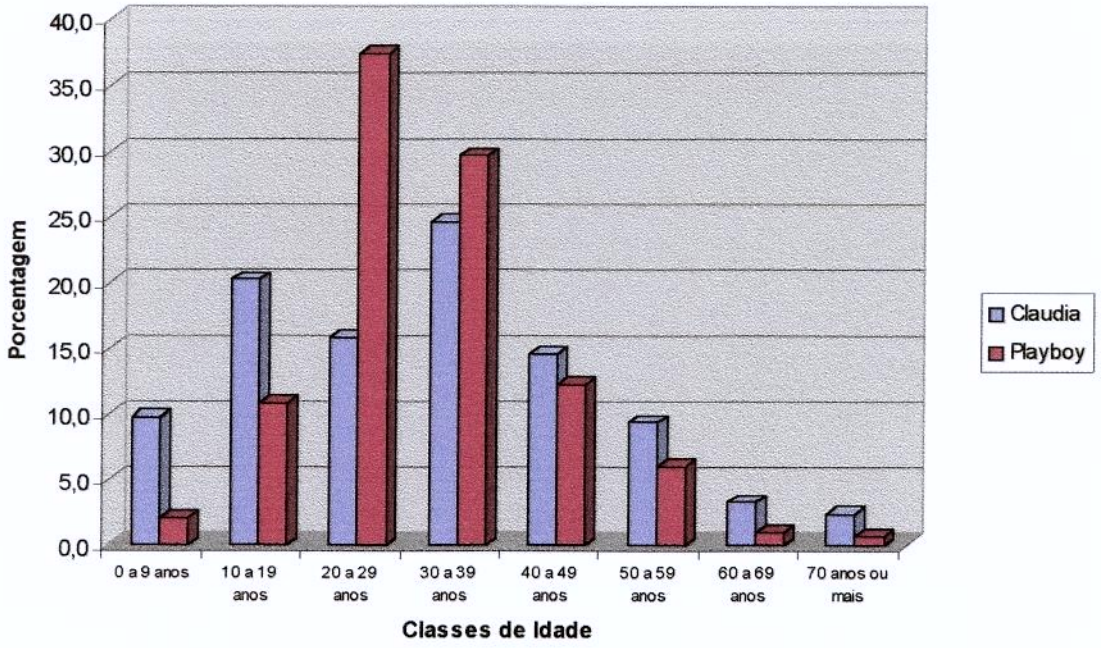
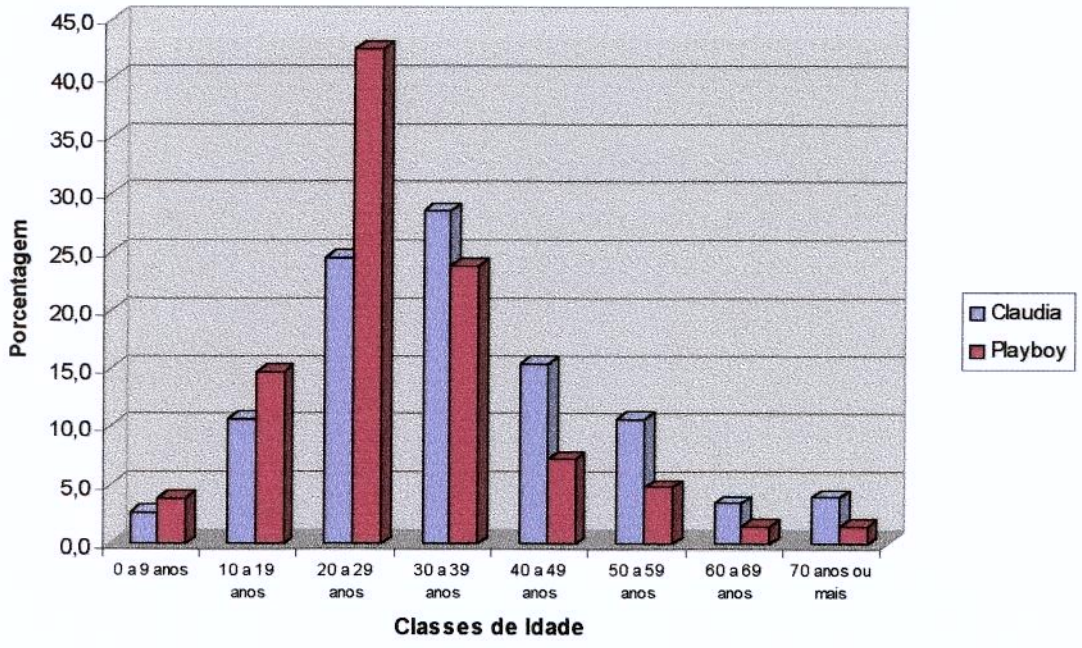


Gráfico 5b - Distribuição percentual das pessoas que têm idade revelada segundo classes de idade - Anos 90



A comparação entre os gráficos nos permite traçar algumas tendências em relação à distribuição percentual das pessoas que aparecem nas revistas e têm sua idade revelada. Enquanto na revista *Claudia* houve uma queda na composição percentual das pessoas que compõem as classes de idade mais jovens (de 0 a 19 anos), em *Playboy* ocorreu o inverso.[4] As pessoas entre 20 a 29 tiveram um aumento na participação percentual nas duas revistas[5], todavia, na faixa que compreende dos 30 até os 59 anos observamos uma redução percentual em *Playboy* contra um aumento em *Claudia*.[6] Por último, mas não menos importante, registramos um aumento na participação percentual das pessoas que compõem as classes de idade mais velhas (a partir dos 60 anos) nas duas revistas.[7]

Embora tenhamos notado um aumento na participação percentual das pessoas que têm a idade revelada pelas revistas e que compõem as classes de idade mais velhas, não podemos deixar de mencionar que a participação dessas pessoas no conjunto analisado é pequena e difere entre as revistas. Nos anos noventa, do total de pessoas com idade revelada, 7,5% em *Claudia* e 3% em *Playboy* estão nas faixas que compreendem os de 60 anos ou mais.[8]

Nas duas revistas, podemos notar uma característica de dissociar a velhice da idéia do fim do trabalho já que observamos uma série de ocorrências sobre

---

[4] Em *Claudia*, a participação percentual das pessoas situadas na faixa dos 0 a 9 anos caiu, nos anos observados, 7% e entre os de 10 a 19 anos a queda foi de 9,5%. Em *Playboy*, a participação daqueles entre 0 a 9 anos aumentou 6% e entre os 10 a 19 anos o aumento foi de 3,8%.

[5] 8,8% em *Claudia* e 5% em *Playboy*.

[6] Na classe entre 30 a 39 anos *Claudia* aumentou 3,8% e *Playboy* reduziu 5,8%. Entre 40 a 49 anos *Claudia* registrou um aumento de 0,8% e *Playboy* um decréscimo de 4,9%. Na classe de idade subsecutiva, 50 a 59 anos, *Claudia* apontou um crescimento percentual de 1,4% e *Playboy* uma queda de 1%.

[7] Entre 60 a 69 anos, aumento de 0,3% em *Claudia* e 0,5% em *Playboy*. Para a última classe de idade, 70 anos ou mais, observamos crescimento de 1,6% em *Claudia* e 0,8% em *Playboy*.

[8] Com efeito, algumas classes de idade reúnem um contigente de pessoas muito maior. Em *Claudia*, por exemplo, entre 20 a 39 anos encontramos 53,1% das pessoas com idade revelada pela revista.

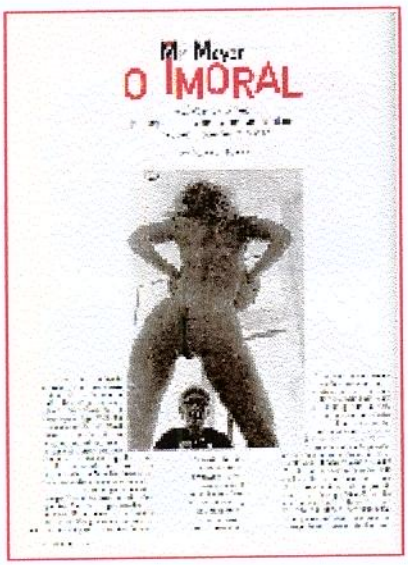
pessoas mais velhas e seus sucessos em atividades profissionais. Nas matérias classificadas em Relações de Trabalho *sem referência à aposentadoria*, encontramos, por exemplo, o relato de duas pessoas com mais de 60 anos, uma em *Claudia* e outra em *Playboy*.

O depoimento de Eva Sofher, 73 anos, a "*Guardiã do Teatro São Pedro*" de Porto Alegre, dado a revista *Claudia* não parece estar muito ligado à idade avançada de Eva (Cf. *Claudia*, agosto de 1995:191). Com efeito, a matéria trata do sucesso profissional da diretora, sobretudo, no momento em que o teatro precisou ser restaurado e do prazer com que ela exerce sua função. Não são tratados os problemas típicos que envolvem as relações de trabalho entre os mais velhos como, por exemplo, a aposentadoria, tampouco a idade de Eva é tida como um empecilho para o desenvolvimento de sua atividade profissional.

Em *Playboy*, encontramos uma matéria sobre a vida profissional do executivo Lee Iacocca, 61 anos (Cf. *Playboy*, outubro de 1985:84). A exemplo da matéria de Eva Sofher, a idade de Iacocca não é tido como algo problemático para o desenvolvimento de sua atividade profissional, pelo contrário, o texto faz questão de frisar os dotes do executivo, sobretudo, pelo fato dele ter tirado uma empresa de automóveis do buraco. Nos dois casos, são relatos de pessoas bem sucedidas em suas atividades profissionais e não há qualquer referência à idade avançada dessas pessoas como um empecilho para o trabalho.

Em *Playboy*, as mesmas classes de idade reúnem 66,3%. Não nos parece uma mera coincidência que estas classes de idade reúnem, também, a maioria dos leitores nas duas revistas. Ver capítulo 3.

O vovô mais safado do mundo



"Aos 73 anos, o maior pornógrafo profissional americano continua na ativa - com muito prazer." (*Playboy*, julho de 1996:126)

Russ Meyer é apresentado pela revista *Playboy* como um homem à frente de seu tempo.

"Russ Meyer, como outros de sua raça, sofreu tudo isso *(censura e preconceito)*. Mas não fazia filmes 'de arte'. Ia direto ao ponto e, no caso dele, eram seios. Melocotônicos, abobadais, disformes, doentes, ameaçadores, sobrenaturais, espetaculares, fora do comum, irreais, tão fantasiosos quanto os melhores mostrados pelo italiano Federico Fellini, este sim, autor de filmes de arte. Só que Meyer é americano e antigo. Fotografou cenas de guerra em 16 milímetros e apresentou aos leitores de *PLAYBOY*, ainda em 1955, a robusta Eve Meyer, a playmate do mês de junho. Naquele tempo, não havia uma loja de vídeos pornôs ao lado do MacDonalds, para o estômago, bem em frente a uma outra do Dr. Scholl, para os pés, como há hoje. Seus filmes inovaram apresentando as atrações desses pontos-de-venda de hoje, mais as de um supermercado de violência sexual: pêlos pubianos, nádegas, coxas e pernas, gritos e machadadas e sangue" (*Playboy*, julho de 1996:129)

Meyer é tido como um grande inovador do gênero dos filmes pornôs e que, recentemente, foi descoberto pela crítica especializada e até por militantes feministas.

"No entanto, em alguns festivais de cinema e retrospectivas universitárias, a visita de Meyer, através dos 23 filmes que fez, é bem-vinda, aplaudida e até estudada (...) Já começaram a dizer que seus filmes são, no fundo, a favor da mulher. Uma feminista militante, B. Ruby Richj, no jornal *Village Voice*, da velha vanguarda nova-iorquina, fez uma reavaliação de *Pussycat*. A favor, porque na opinião dela, naquele filme e em outros de Meyer, os homens são usados, abusados e torturados por mulheres poderosas. Quer dizer, tudo que certos homens querem e as feministas adoram." (*Playboy*, julho de 1996:126 e 130)

A idade avançada de Meyer é mencionada apenas no começo da matéria. No resto, é exposta toda a obra cinematográfica do autor com muitas fotos das mulheres com as quais Meyer trabalhou. O fato dele não fazer filmes há muito tempo não é visto como um sinal de inatividade, ao contrário, é tido como uma opção do autor em função de outros projetos.

"Nos últimos dez anos não fez mais do que cuidar dele mesmo, escrevendo uma autobiografia de título sugestivo, *Um peito Limpo*, na sua casa em Hollywood, decorada com dezenas de pôsteres de seus filmes em várias línguas. Rica e fartamente ilustrada, essa biografia será impressa em Hong-Kong, custará 350 dólares o exemplar e não será vendida em livrarias. Como encontrá-la, então? 'Telefonando para mim', informa Meyer Mas o telefone dele não consta na lista. 'Problema de quem quiser comprar', ele diz." (*Playboy*, julho de 1996:131)

Meyer, nos últimos anos, tem se dedicado a escrever a sua autobiografia menos por razões financeiras e mais por prazer. Meyer, acaba sendo o retrato do homem velho de *Playboy*, aquele que envelhece de bem com a vida, perto de mulheres bonitas, com dinheiro, trabalha no que gosta, e, de certa maneira, é invejado pelas pessoas mais jovens que vêem nele um "vovô safado" - tal qual é apresentado na legenda de uma fotografia.

"Convencido de que trabalho também é diversão, Russ Meyer procura o melhor ângulo da atriz Pandora Peaks. Na página ao lado, Edy Willians, terceira mulher do vovô mais safado do mundo." (*Playboy*, julho de 1996:126)

A doutora em masturbação

Em *Claudia*, encontramos a vida da sexóloga, especialista em técnicas de masturbação feminina, Betty Dodson.

DOUTORA EM MASTURBAÇÃO

"Levemente gordinha, mas sem aparentar os 66 anos que tem, Betty Dodson veste legging e blusão pretos." (*Claudia*, junho de 1996:244)[9]

A matéria faz questão de frisar que Dodson é uma especialista no que faz, com reconhecimento acadêmico em uma respeitável instituição norte-americana.

"Solteira e sem filhos, bissexual, como se define, Betty Dodson lida com sexo o tempo todo. É uma profissional conceituada na área - presença obrigatória nas revistas femininas dos Estados Unidos. O acúmulo de experiência e a pesquisa de vinte anos na área já lhe renderam até o título acadêmico de PhD, concedido pelo Instituto para Estudos Avançados da Sexualidade Humana, respeitada instituição da Califórnia." (*Claudia*, junho de 1996:244)

Ao contrário do "vovô safado" de *Playboy*, Russ Meyer, que só, recentemente, vem sendo descoberto por especialistas, Betty Dodson tem o seu trabalho legitimado há muito por instituições acadêmicas. O título de doutora, em Dodson, tem um duplo sentido, serve tanto para designar a titulação acadêmica

---

[9] Na entrevista que realizamos com Pardi, a diretora de redação nos disse que pretendia colocar esta matéria na chamada de capa da revista, o que acabou não acontecendo em virtude de opiniões contrárias do pessoal da redação.

obtida pela sexóloga como pela sua atuação profissional, como especialista que dá consultas sobre como se masturbar.

Tanto Meyer quanto Dodson são pessoas de mais idade bem sucedidas e que têm atividades profissionais ligadas à atividade sexual. A vida profissional de Meyer, entretanto, é cercada de glamour e de fantasias em relação às mulheres com quem o cineasta conviveu, e de suas relações fora do set de filmagens. A vida passada de Dodson não é tão isenta de problemas como parece ser a de Meyer.

"Nascida no Kansas, Betty Dodson casou-se cedo com um homem de negócios, com quem tinha vida sexual medíocre. Sentia-se envergonhada por ter de se masturbar, às escondidas, para obter prazer. Só liberou-se depois do divórcio. Betty tinha então 35 anos. Com a ajuda de um grande amigo e amante, redescobriu a graça do sexo a dois e a sós." (*Claudia*, junho de 1996:246)

Dodson é descrita como uma mulher batalhadora, que conseguiu a sua legitimidade profissional depois de vários anos de atividade e depois do rompimento de uma vida conjugal convencional, em busca do seu prazer sexual. Meyer, por sua vez, pode ser considerado o típico homem *Playboy:* ele era um adulto 'safado', com o passar do tempo, transformou-se num "vovô safado".

A imagem do homem *Playboy* que envelhece é, também, interessante para mostrar a relação que a revista opera entre avanço da idade e trabalho. Como vimos, Meyer há mais de dez anos não trabalha na atividade profissional predominante da sua vida, cineasta. Por outro lado, a revista afirma que ele está escrevendo sua autobiografia, porém, ainda está no prelo e não terá uma forma de comercialização convencional. O tempo em que Meyer passa sem realizar filmes não é tido como um sinal de inatividade, tampouco, de sua aposentadoria. Meyer, na verdade, não precisa dar satisfação a ninguém do que está fazendo, tudo o que fizer (não importa o tempo que essa atividade requeira) será por prazer.

Betty Dodson, também faz aquilo que gosta, entretanto, o seu tempo parece ser bem mais ocupado do que o de Meyer. Em primeiro lugar, pelo número de clientes que a procura para marcar sessões de terapia[10], além disso, Dodson já é autora de dois livros de sucesso e está em fase final do seu terceiro. Neste sentido, Dodson para ser um sucesso está trabalhando incansavelmente.

"Em fim de produção, mais um livro, que, segundo ela, contará a trajetória da liberação sexual feminina a partir de sua experiência autobiográfica." (*Claudia*, junho de 1996:246)

A relação entre velhice e o fim do trabalho não parece se sustentar nas duas revistas. Ao contrário, encontramos vários exemplos de pessoas mais velhas que continuam com suas atividades profissionais, em regra, bastante prazerosas. A idade avançada, nesses casos, não vem associada ao fim do trabalho ou à aposentadoria.

A aposentadoria, por sua vez, é um tema pouco tratado e quando o é emergem problemas em relação à dependência dos filhos. No entanto, esses problemas podem ser facilmente superáveis para quem sabe se prevenir (através dos planos de aposentadoria privados).

Se, por um lado, o exemplo de pessoas mais velhas desenvolvendo suas atividades é uma característica comum nas duas revistas, a maneira como homens e mulheres de mais idade são tratados é diferente. Meyer, que consideramos o exemplo do homem *Playboy* que envelheceu, sofreu por causa dos preconceitos e pela censura mas teve uma vida fantástica, rodeado por mulheres bonitas, e exercendo uma atividade que lhe dava muito prazer: diretor de filmes pornôs. Nos últimos tempos, Meyer tem o seu tempo ocupado apenas em escrever sua autobiografia, sem prazo para terminar.

---

[10] As consultas de Dodson custam US$ 150,00. (Cf. *Claudia*, junho de 1996:245)

A vida passada de Dodson, por outro lado, é cercada de problemas em relação aos seus parentes. Passou a fazer o que gosta a partir de seu divórcio e tem sua agenda profissional bastante carregada (para continuar fazendo sucesso, Dodson tem que trabalhar continuamente). A exemplo do conceito de beleza[11], as coisas parecem ser mais fáceis para o homem de *Playboy*.

[11] Ver Capítulo 4.

CONCLUSÃO.

Ao retomarmos o objetivo de nossa pesquisa "analisar o modo como a velhice, o envelhecimento e os velhos são construídos por duas revistas brasileiras contemporâneas de circulação nacional" podemos, a partir do que foi exposto nos capítulos anteriores, afirmar que existem diferenças significativas na maneira como o avanço da idade é construído pelas revistas.

Em primeiro lugar, matérias sobre o envelhecimento foram encontradas somente em *Claudia*. Nesses contextos, a mulher aparece como a principal responsável pelo surgimento das marcas do tempo uma vez que não foram adotados estilos de vida e formas de consumo sugeridos pelas revistas. Vimos, também, que a própria justificativa em cuidar do corpo apresenta-se de maneira diferente. Enquanto o homem de *Playboy* deve cuidar de sua aparência com o intuito apenas de *restaurar* uma beleza que foi provisoriamente afetada, a mulher de *Claudia* tem que *conquistar* a beleza às custas de muito sacrifício pessoal. Além disso, procuramos mostrar que o combate aos efeitos do envelhecimento no corpo torna-se uma referência obrigatória nos cuidados com a aparência feminina e que, durante os anos observados, o conceito de beleza da mulher passou a agregar (além de fatores estéticos) sentimentos e emoções.

A partir de agora iremos mapear as diferenças fundamentais nas maneiras como a velhice, o envelhecimento e as pessoas mais velhas foram apresentadas além de propormos uma síntese dos resultados de nossa investigação.

A intolerância em relação às perdas.

As imagens dos velhos, da velhice e do processo de envelhecimento apresentadas nesse trabalho sugerem que nas duas revistas existe uma dificuldade muito grande em tratar das perdas que envolvem a vida mais velha.

Em matérias sobre relações com o corpo que têm a ver com o processo de envelhecimento, por exemplo, vimos que a deterioração física não só pode como deve ser combatida. A visão existencial calvinista, descrita por Cole, que agrupava tanto os sucessos quanto os males do envelhecimento, de fato, foi substituída por outra em que as perdas de capacidades físicas e emocionais passam a ser vistas como resultado da falta de disciplina individual. Não podemos deixar de concordar com o autor no sentido de que o progressivo controle do corpo e das emoções, expressos na idéia de que as marcas do envelhecimento representam maus tratos com o corpo, inscrevem-se num conjunto mais amplo de transformações sociais, descrito por autores como Nobert Elias, do processo crescente de internalização de normas e comportamentos sociais.

Na visão dos chamados reformadores da saúde (embrião do que veria a ser o tratamento científico da velhice), vimos que cada um nasce com um determinado fundo de vitalidade que pode ser consumido de forma rápida ou vagarosa, mas nunca acrescido. As revistas contemporâneas, através da sugestão de novos estilos de vida e formas de consumo, prometem acrescer o nosso fundo de vitalidade e vislumbram a possibilidade da longevidade, desde que uma longevidade sem perdas.

As revistas, além disso, podem ser vistas como o porto seguro dentro do "mar de incertezas" que caracteriza a vida contemporânea, e oferecem inovadoras possibilidades de construção de biografias individuais desvinculadas de padrões e

comportamentos tradicionais. No entanto, como observa Giddens, este tipo de comportamento situa a responsabilidade pelo desenvolvimento e pela aparência do corpo diretamente nas mãos do seu proprietário.

Necessidade de uma boa velhice

A intolerância em relação às perdas pode também estar presente quando as revistas apresentam pessoas de mais idade na plenitude de suas atividades pessoais ou profissionais. Nessas matérias, observamos uma tentativa de separação da velhice da idéia de perdas: da agilidade, da beleza, da vida social e sexual, do trabalho gratificante e de recursos econômicos. Essa separação exige uma revisão dos estereótipos com que a velhice é normalmente tratada e supõe a heterogeneidade das experiências de envelhecimento. Todavia, essa visão não leva a uma maior compreensão em relação às perdas do envelhecimento, mas uma crescente intolerância em relação a elas.

A dependência em relação aos filhos não pode ser o destino dos mais velhos. A dependência, partir da perda de capacidades físicas e emocionais, ou a dependência econômica devem ser evitadas. Em ambos os casos, as revistas oferecem soluções para os problemas que cercam a dependência. Para a perda de capacidades físicas e cognitivas, a adoção de novos estilos de vida que implicam numa nova maneira de tratar o indivíduo e seu corpo. Para a dependência econômica, a escolha certa do plano de previdência que afastará os riscos da dependência dos filhos. Aqueles que souberam viver, ou seja, os que adotaram as receitas de vida e de consumo propagadas pelas revistas são os mesmos que desfrutam uma vida gratificante em idade avançada: vivem bem (sem doenças ou

marcas associadas à idade) exercendo trabalhos menos estressantes e mais realizadores.

Os produtores e os leitores das revistas

Durante o decorrer de nossa análise, procuramos nos afastar de uma abordagem instrumental que considerasse os meios de comunicação apenas como o reflexo de valores e comportamentos da sociedade (ou de parte dela). As imagens da velhice e do envelhecimento que descrevemos são frutos, em primeiro lugar, de um diálogo entre homens e mulheres da redação, com um perfil determinado e que se empenham em identificar os problemas da velhice e suas vantagens para um público consumidor que também pode ser socialmente determinado. Nesse processo, que nos parece interessante qualificá-lo como reflexivo, a relação entre os produtores e os consumidores das revistas se complexifica em que saberes técnicos especializados das mais diversas áreas estão envolvidos.

Claudia e *Playboy* são revistas dirigidas, respectivamente, a homens e a mulheres. No entanto, não se trata apenas de uma divisão entre um público preferencialmente masculino ou feminino mas, como procuramos mostrar, este público de leitores tem idades e níveis de renda específicos e que se modificaram durante os anos analisados. Da mesma forma, a redação das revistas também tem marcas sociais muito evidentes tal qual apontamos a partir de nossa investigação.

Em busca de uma síntese

Os estudos antropológicos mais recentes mostram que a identidade não é vista como a reprodução de padrões culturais tradicionais, tampouco, um atributo essencial de uma pessoa ou de um grupo. Antes, podemos falar de identidades

múltiplas que são acionadas situacionalmente, de maneira contrastiva e que se relacionam com outras identidades através de disputas permeadas por interesses os mais diversos. Nos estudos sobre etnicidade, por exemplo, encontramos exemplos interessantes sobre como determinadas marcações étnicas podem adquirir conteúdos diferenciados conforme o contexto.

Lívio Sansone (1995), em seu estudo sobre as relações raciais de Salvador, desenvolve algumas idéias no terreno das relações raciais que gostaríamos de trazer para nossas reflexões sobre o modo com que a velhice e o envelhecimento são tratados pelas revistas. Fundamentalmente, Sansone nos mostra que análises bipolares, do tipo ser "negro" ou ser "branco", não dão conta da complexidade com que as relações raciais operam na capital baiana.

Com base nos resultados da sua pesquisa, Sansone nos mostra que a terminologia racial é altamente situacional. A utilização de termos como "negro", "mulato", "pardo", depende de uma complexa rede de situações em que são levados em conta diversas esferas da vida social.

"Assim, um homem que, num país de fala inglesa das Américas, seria simplesmente '*black*', em Salvador poderá ser *negro* durante o camaval ou quando está dançando samba; *escuro*, para seus colegas de trabalho; *moreno* ou *negão*, para os companheiros de bebida; *neguinho*, para sua namorada; *preto*, para as estatísticas oficiais; e *pardo*, em sua certidão de nascimento." (Sansone, 1995:73)

Através desta complexidade no sistema de classificação de cor/raça, o autor sugere uma hierarquia de domínios em que as relações raciais, o racismo e a etnicidade se apresentam de maneira diversa de acordo com a situação.

As situações em que a cor da pele é considerada fundamental na orientação das relações raciais e das relações de poder fazem parte do que ele qualifica como um domínio "*duro*". Este domínio corresponde a situações como: trabalho (especialmente a procura de trabalho); o namoro e o mercado de casamentos e os

encontros com a polícia. O domínio de um segundo tipo, caracterizado como "*suave*", são aquelas situações em que as marcações dadas pela cor da pele se amenizam e as distinções ficam mais associadas à classe, gênero, idade e local de moradia. Como exemplo, Sansone identifica situações de lazer, bar, jogo, futebol, bate-papo e em algumas situações na vida religiosa. O terceiro tipo de domínio representa situações em que o fato de ser negro representa uma vantagem. É o que o autor chama de "*espaço negro*", que corresponde aos blocos afros, a batucada, o terreiro e a capoeira, por exemplo.

"Essa hierarquia de domínios, que é uma elaboração de todos os entrevistados, até certo ponto independente da cor, sugere um continuum: o racismo é fortíssimo quando se está procurando trabalho, mais fraco nos domínios 'suaves' e fraquíssimo no *espaço negro*" (Sansone, 1995:74)

Temos consciência do abismo que separa as categorias raciais e as categorias etárias, igualmente, de uma pesquisa voltada para as práticas sociais e outra que analisa imagens em revistas. Entretanto, essas idéias podem nos ser úteis para a exposição dos resultados de nossa investigação, assim como identificar algumas situações em que as marcações etárias tornam-se mais relevantes na proposição de formas de consumo e estilos de vida.

Um dilema presente em pesquisas mais recentes que têm por objeto questões ligadas à velhice e ao envelhecimento, tal como nos mostra Debert (1992) em seu balaço da bibliografia sobre a experiência de envelhecimento, é o de saber se a velhice pode ser uma categoria capaz de se sobrepor à outras diferenças sociais, tais como, por exemplo, gênero e etnicidade, ou, por outro lado, se as diferenças de gênero e etnicidade dão recortes tão singulares a experiência do envelhecimento que dissolvem a possibilidade de uma categoria mais homogeneizadora. A utilização do modelo proposto por Sansone, adaptado às idades, nos parece interessante pois relaciona o significado do avanço da idade de

diferentes formas. Permite-nos pensar determinadas situações em que o avanço da idade pode se constituir como o critério fundamental na definição de formas de consumo e estilos de vida e, portanto, pensá-lo como uma marcador capaz de se sobrepor à outras diferenças sociais. Ou, em outras situações concretas, o avanço da idade pode tornar-se irrelevante ou se combinar-se com outros marcadores sociais.

Inspirado nas reflexões de Sansone, propomos, em primeiro lugar, agrupar algumas matérias em que o avanço da idade tende a ser visto como algo problemático. Neste conjunto, que eqüivaleria ao domínio de tipo duro, reunimos matérias que tratam dos sinais físicos do envelhecimento ou de produtos de consumo específicos para combater estes sinais; matérias sobre a *Relação entre pais e filhos adultos* quando há dependência; matérias sobre a *Relação entre casais em faixas etárias diferentes* quando se trata do mercado de casamento formal (companheirismo) e matérias sobre *Relações de trabalho que se referem à aposentadoria*, especialmente sobre os aposentados do INSS ou dos aposentados que dependem dos filhos.

Retomando nossa análise, nas matérias sobre rugas, a mulher aparece como a principal responsável pelo aparecimento ou não das marcas indesejáveis do tempo. As rugas, passam a ser a *expressão visível de maus tratos com o corpo* e, portanto, refletem estilos de vida inadequados de quem as têm.

Bens de consumo relacionados ao avanço da idade também podem ser considerados como parte de um conjunto em que o avanço da idade é tido como algo problemático. Usar determinado produto, indicado pela revista para combater as marcas do envelhecimento, significa colocar nas mãos dos portadores de corpos (envelhecidos ou não) as responsabilidades pelos seus sucessos ou fracassos.

Nas cartas de leitores e na matéria de Carmem sobre sua mãe que teve que ir para o asilo, observamos uma dificuldade muito grande que marca a relação entre pais e filhos adultos, sobretudo, quando a idade dos pais vem associada aos declínios físicos e mentais característicos do processo de envelhecimento. Quando a idade avançada dos pais se liga às perdas próprias da última etapa da vida (declínios físicos e mentais) e, portanto, envolve dependência e não uma relação igualitária, podemos notar um complicador que faz a relação entre pais e filhos tornar-se problemática a ponto de filhos não saberem como lidar com pais, pais não saberem como lidar com filhos e a própria revista ter dificuldades em expor esta situação. Vimos, também, que dentro dessa temática a velhice aparece como uma situação marcada por perdas, dependência dos filhos, doenças, abandono, morte, sofrimento, dificuldades de locomoção etc.

A idade avançada pode ser, também, um agravante no mercado de casamentos de pessoas comuns. Em todas as idades, sobretudo nas mais avançadas, é recomendável que se tenha um companheiro(a) na mesma faixa etária, eventualmente, com uma pequena diferença de idade em favor do parceiro masculino. Todavia, quando a diferença de idades se estabelece numa relação, ela é cercada de desconfianças como, por exemplo, da dona da agência de casamentos que via numa pretendente mais jovem de Seu Ivo apenas interesses financeiros.

A situação daqueles que "optaram" apenas pela aposentadoria do INSS também é um exemplo de como a idade pode ser a porta de entrada da velhice, entendida em sua caracterização envolta de estereótipos. Para os que não desfrutam dos proventos pagos pelos fundos de pensão está selado o destino: dependência econômica dos filhos ou ter que trabalhar para se sustentar.

Em um outro conjunto, juntamos matérias em que a idade torna-se irrelevante ou se "*dissolve*" frente a outros marcadores sociais. Pensando nas colocações de Sansone, este seria um conjunto equivalente ao domínio de tipo suave reunindo matérias sobre a *Relação entre pais e filhos adultos* que se estabelece em termos igualitários e em algumas matérias que apresentam pessoas mais velhas que tratam das *Relações de trabalho que não se referem à aposentadoria.* Encontramos, por exemplo, matérias sobre a relação entre mães e filhas (como a de Fernanda Torres e Montenegro sobre suas profissões ou aquela que trata de mãe e filha escritoras). Além dessas, temos uma sobre a elegância entre avó, mãe e filha em que a diferença de idade entre elas parece ser minimizada frente ao sorriso estampado em suas faces.

Em algumas matérias que procuram dissociar a velhice do fim do trabalho podemos, também, observar que a idade mais avançada não é tida como um empecilho frente ao bom desenvolvimento da atividade profissional. O depoimento de Eva Sofher, por exemplo, segue nessa direção pois é mencionado apenas o sucesso profissional da diretora, sobretudo, no momento em que o teatro que ela dirigia precisou ser restaurado. Não foram tratados problemas típicos que envolvem as relações de trabalho entre os mais velhos como, por exemplo, a aposentadoria, tampouco a idade de Eva é tida como um empecilho para o bom desenvolvimento de sua atividade profissional. Em *Playboy*, encontramos na matéria sobre a vida profissional do executivo Lee Iacocca, 61 anos um outro exemplo desse tipo de situação.

Por fim, podemos identificar um grupo de matérias em que o avanço da idade pode se constituir numa vantagem para aqueles que o possuem. São matérias que tratam da *Relação entre casais em diferentes faixas etárias* que envolvem o prazer

sexual, naquelas em que pessoas famosas se relacionam com mais jovens, em algumas matérias selecionadas em *Relações de trabalho sem referência à aposentadoria* e nas matérias que tratam das rugas com os atores famosos de Hollywood.

Toni Tucci oferece um exemplo interessante de como a idade mais avançada das mulheres pode ser um fator de ascendência em relação aos homens quando se trata do prazer sexual. A matéria sobre Hugh Hefner e sua mulher mais jovem apresenta um contraponto. Hefner não descobriu o prazer se relacionando com uma mulher mais jovem, ele teve a possibilidade de decidir qual o tipo de relacionamento mais prazeroso.

Nas matérias em que pessoas famosas (mais velhas) se relacionam com mais jovens, podemos notar (além da relação satisfação sexual e avanço da idade) a presença de relacionamentos mais duradouros como namorar ou casar. Por serem casos excepcionais, este tipo de relacionamento que envolve a satisfação sexual e vínculos mais duradouros é tido como algo excêntrico.

Russ Meyer e Betty Dodson também são exemplos, citados pelas revistas, de pessoas que se deram bem quando mais velhas. Embora observemos esta característica comum, a maneira como as revistas tratam esses dois personagens é diferente. Enquanto Meyer teve uma vida rodeada por mulheres bonitas, e exercendo uma atividade que lhe dava muito prazer, Dodson teve e tem que continuar batalhando para poder desfrutar os prazeres de quem rompeu com éticas e relacionamentos emocionais do passado.

Por útlimo, quando se trata da aparência de homens famosos de Hollywood, como Robert Redford e Clint Eastwood, as rugas são vistas como sinais de charme e beleza do homem maduro. Diferentemente do que ocorre com as mulheres, as

rugas, nesse caso, não indicam maus tratos com o corpo fruto de estilos de vida e formas de consumo inadequados.

Claudia, Playboy e os domínios

A partir do que foi exposto em relação a classificação das matérias da velhice, dos velhos e do envelhecimento em domínios do tipo duro, suave e vantajoso, gostaríamos de finalizar nosso trabalho apresentando um quadro que reúne a distribuição desses domínios nas duas revistas analisadas. Por se tratar de uma síntese, o quadro muitas vezes simplifica a diversidade do material apresentado, todavia, nos pareceu interessante relacionar os temas e sub-temas com as revistas selecionadas.

Domínio	***Tema/sub-tema***	***Revista***
Duro	Relações com o corpo relativos ao envelhecimento; Relações com o corpo (Bens de Consumo) para mais velhos; Relação entre pais e filhos adultos (dependência); Relações entre casais em faixas etárias diferentes (pessoas comuns) e Relações de Trabalho com referência à aposentadoria	*Claudia*
Suave	Relação entre pais e filhos adultos (igualitária) e Relações de Trabalho sem referência à aposentadoria	*Claudia* (+) e *Playboy* (-)
Vantajoso	Relações entre casais em faixas etárias diferentes (prazer sexual e relacionamento envolvendo pessoas famosas), Relações de trabalho sem referência à aposentadoria e Relações com o corpo (rugas para atores de Hollywood)	*Claudia e Playboy*

Artigos associados ao domínio de tipo duro aparecem somente na revista feminina. No domínio identificado como suave, encontramos tanto matérias de *Claudia* como de *Playboy*, entretanto, o número de ocorrências em *Claudia* é significativamente maior. No espaço em que o avanço da idade pode se constituir numa vantagem para quem o tem, identificamos matérias de *Claudia* e de *Playboy*.

Em *Claudia*, podemos notar uma ocorrência maior de matérias em que o avanço da idade constitui-se numa marcação fundamental, seja em termos das matérias reunidas no domínio duro ou em termos mais favoráveis como no domínio

vantajoso. Por outro lado, em *Playboy* o avanço da idade é sempre apresentado como algo que pode trazer vantagens ou um dado incapaz de se sobrepor à outras diferenças sociais.

Ao propormos este tipo de síntese, não pretendemos "*engessar*" nossas reflexões desenvolvidas durante a pesquisa. Nosso trabalho não se resume em apenas identificar estes domínios mas, como procuramos fazer, apontar algumas implicações que nos pareceram fundamentais tais como o progressivo controle do corpo e das emoções e da crescente intolerância às perdas associadas ao avanço da idade.

Vimos, também, que o público preferencial das revistas tem um efeito decisivo nas imagens do envelhecimento e nas concepções de velhice que são produzidas. Além disso, observamos mudanças importantes nestas concepções durante os anos analisados. O desenvolvimento deste modelo, portanto, deve ser visto como a tentativa de exposição dos resultados dessa pesquisa e como um estímulo para debates e desenvolvimentos futuros.

BIBLIOGRAFIA

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1981.

BASSANEZI, C. *Virando as páginas, revendo as mulheres*. São Paulo, Dissertação de Mestrado apresentada à FFLCH-USP, 1991.

BAXANDALL, Michael. *O Olhar Renascente*; pintura e experiência social na Itália da renascença. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.

COLE, Thomas R. *The Journey of Life*; a cultural history of aging in America. Cambridge, Cambridge University Press, 1992.

CURRIE, Dawn H. Reading and Writting the Female Body; beauty advertisements in adolescent fashion magazines. Paper apresentado no "Youth 2000", Cleveland, Inglaterra, 18 a 23 de julho de 1997.

DEBERT, Guita Grin. Família, Classe Social e Etnicidade: um balanço da bibliografia sobre a experiência de envelhecimento. *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais - BIB*. Rio de Janeiro, nº 33, 1º Semestre de 1992.

DEBERT, Guita Grin. *Reinventando o Envelhecimento*; socialização e processos de reprivatização da velhice. Tese de livre-docência apresentada ao Departamento de Antropologia do IFCH, Unicamp. Campinas, 1997.

DUMONT, Louis. *O Individualismo*; uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro, Rocco, 1985.

DURKHEIM, E. Formas Elementares da Vida Religiosa. *Coleção os Pensadores*. São Paulo, Abril Cultural, 1973.

DURKHEIM, E. e MAUSS, M. Algumas Formas Primitivas de Classificação. *Durkheim*; *Coleção Grandes Cientistas Sociais nº1*. São Paulo, Ática, 1988.

ECO, Umberto. *Interpretação e Supertintepretação*. São Paulo, Martins Fontes, 1993.

FEATHERSTONE, Mike & HEPWORTH, Mike. Images of Aging. *Encyclopedia of Gerontology*. Vol. 1. Academic Press, 1996

FERNANDES, Florestan. As Categorias de Idade. *Organização Social dos Tupinamba*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1963.

FORTES, Meyer. Age, Generation and social structure; KERTZER, D. & KEITH, J. (org.) *Age and Anthropological Theory*. Ithaca, Cornell University Press, 1984.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

GIDDENS, Anthony. *A Transformação da Intimidade*; sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo, Editora da UNESP, 1993.

GIDDENS, Anthony. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo, Editora da Unesp, 1991.

GIDDENS, Anthony. *Modernity and Self-Identity*; self and society in the late modern age. Cambridge, Polity Press, 1991.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais*; morfologia e história. São Paulo, Cia. das Letras, 1989.

HALL, Stuart. *A Questão da Identidade Cultural*. Textos Didáticos nº 18. Campinas, IFCH-UNICAMP, dezembro de 1995.

HARAVEN, Tamara. Historical Changes in the Social Construction of the Life Course. *Human Developmen*, nº 29, 1986.

KIMMEL, Douglas C. *Adulthood and Aging*; an interdisciplinary, development view. New York, John Wiley & Sons, 1990.

MASCARO, Sônia de Amorim. *Imagens de Velhos e da Velhice nas Páginas do Jornal O Estado de São Paulo 1988-1991*. São Paulo. Tese de doutoramento apresentada à ECA, USP, 1993.

MEAD, Margaret. *Coming of Age in Samoa*. American Museum of Natural History, New York, 1973.

NEHRING, M. L. Q. de Moraes. *Família e feminismo*; reflexões sobre papéis femininos na imprensa para mulheres. São Paulo, FFLCH - Usp, 1981.

NERI, Anita Liberalesso. *Envelhecer num País de Jovens*: significado de velho e velhice segundo brasileiros não idosos. Campinas, Editora da Unicamp, 1991.

NEUGARTEN, Bernice L. *The Meaning of Age*; selected papers of Bernice Neugarten. Chicago, The University of Chicago Press, 1996.

REES, Antonia Muniz. *Valores Preferenciais*; o contexto discursivo das principais revistas femininas. Dissertação de Mestrado apresentada à ECA-USP, 1989.

SAHLINS, Marshall. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1979.

SAMPAIO, Ines Sílvia Vitorino. *A tematização da realidade nas "esferas públicas mediáticas"*; uma reflexão a partir do foco na propaganda televisiva. Texto de Qualificação apresentado ao Doutorado em Ciências Sociais da UNICAMP, área Cultura e Política, Campinas, 1997.

SAN ROMAN, Teresa. Vejez y Cultura; hacia los limites del sistema. Barcelona, Fundación Caja de Pensiones, 1990.

SANSONE, Lívio. O Local e o Global na Afro-Bahia Contemporânea. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Número 29, ano 10, outubro de 1995.

SEVERO, M. Imagens de mulher em revistas femininas; *Psicologia, Ciência e Profissão*. Brasília, Conselho Federal de Psicologia, nºs 1, 2 e 3, 1995.

SILLS, David L. (ed.) *International Encyclopedia of the Social Sciences*; volume 4. USA, The Macmillan Company & The Free Press, 1968.

ANEXOS

Tabela 1 - Distribuição da redação das revistas por sexo

	Claudia	*Playboy*	*Total*
Feminino	**20**	**2**	**22**
	90,9	9,1	100,0
	87,0	28,6	73,3
Masculino	**3**	**5**	**8**
	37,5	62,5	100,0
	13,0	71,4	26,7
	23	**7**	**30**
	76,7	23,3	100,0
	100,0	100,0	100,0

nº de ocorrências inválidas: 0

Analisando os dados da tabela 1, podemos notar uma proporção significativamente maior de mulheres (73,3%) do que de homens (26,7%). Esta diferença ocorreu porque um número maior de pessoas da redação de *Claudia* respondeu ao nosso questionário[1]. Os dados desta tabela mostram, de maneira clara, que a distribuição por sexo da redação acompanha o público preferencial da revista, ou seja, na *Claudia* há mais mulheres trabalhando (87,0%) e na *Playboy* mais homens (71,4%). Mesmo que a porcentagem de homens trabalhando em *Playboy* e a de mulheres em *Claudia* seja muito maior podemos encontrar, nas duas redações, pessoas de "outro sexo", ou melhor, homens em *Claudia* e mulheres em *Playboy*[2]. À medida que apresentarmos mais dados, veremos a importância que essas pessoas de

[1] Aqui valeria a pena tratar da maneira como o questionário foi aplicado. Em cada redação há, em média, 20 pessoas trabalhando. Enviamos para os diretores de redação de cada revista cópia dos questionários indicando todas as pessoas que deveriam responder e um prazo final para a conclusão. Na devolução do questionário, entretanto, recebemos 23 de *Claudia* e apenas 7 de *Playboy*. Por esta razão, durante o transcorrer da análise preferimos trabalhar, sempre que possível, com porcentagem ao invés de números absolutos para poder proceder à comparação entre as revistas.

"outro sexo" têm nas revistas.

Tabela 1a: Distribuição da redação segundo sexo por classes de idade do nascimento

	Anos 30	Anos 40	Anos 50	Anos 60	Anos 70	Total
Claudia			1	2		3
			33,33	66,67		100,00
Masculino			16,67	14,29		10,00
Claudia	1		3	11	5	20
	5,00		15,00	55,00	25,00	100,00
Feminino	100,00		50,00	78,57	71,43	66,67
Playboy		2	1		2	5
		40,00	20,00		40,00	100,00
Masculino		100,00	16,67		28,57	16,67
Playboy			1	1		2
			50,00	50,00		100,00
Feminino			16,67	7,14		6,67
Total	1	2	6	14	7	30
	3,33	6,67	20,00	46,67	23,33	100,00
	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

nº de ocorrências inválidas: 0

Observando os dados da tabela 1a, que mostra a composição etária dos membros da redação agrupados por classes de idade do nascimento, podemos verificar que há algumas diferenças entre a redação das revistas. Em *Claudia*, a maioria dos membros da redação nasceu a partir dos anos 50, com destaque para as décadas de 60 e 70 que juntas têm 80% das mulheres e 66,67% dos homens. A maior parte da redação da *Claudia* é formada por pessoas mais jovens (nascidos nos anos 60 e 70), entretanto, nesta revista encontramos a pessoa mais velha de toda pesquisa, nascida nos anos 30.

Na *Playboy*, podemos observar uma distribuição mais equilibrada das pessoas segundo as décadas do nascimento. A partir dos anos 40, encontramos duas pessoas por década, exceto nos anos 60. Mesmo considerando que nem todas as pessoas da

[2] Neste caso com uma pequena vantagem para *Claudia*, que conta com 13% de homens contra 9,1% de

redação de *Playboy* responderam ao nosso questionário e, portanto, dos limites de nossas generalizações, os dados apresentados sugerem que, em termos proporcionais, a redação de *Playboy* é composta por gente de mais idade em relação à de *Claudia*. Há, entretanto, uma pequena diferença entre as idades dos homens e das mulheres na revista pois 60% dos homens de *Playboy* nasceram entre os anos 40 e 50 e as mulheres entre os anos 60 e 70.

A diferença observada em termos da composição etária da redação torna-se interessante se compararmos com a idade do público leitor das revistas. Como vimos, o público leitor da revista *Claudia* (que tem a redação composta por pessoas mais jovens que *Playboy*) possui uma média de idade mais elevada do que o da revista *Playboy*, cujos membros da redação são, em termos relativos, mais velhos do que *Claudia*.

Tabela 2 - Distribuição da redação das revistas por escolaridade

	Claudia	***Playboy***	***Total***
Segundo Grau *Feminino*	1 100,0 4,3		1 100,0 3,3
Terceiro Grau *Masculino*	3 50,0 13,0	3 50,0 42,9	6 100,0 20,0
Terceiro Grau *Feminino*	16 88,9 69,6	2 11,1 28,6	18 100,0 60,0
Pós-Gradução *Masculino*		2 100,0 28,6	2 100,0 6,7
Pós-Gradução *Feminino*	3 100,0 13,0		3 100,0 10,0
	23 76,7 100,0	7 23,3 100,0	30 100,0 100,0

nº de ocorrências inválidas: 0

mulheres trabalhando em *Playboy*.

Em relação à escolaridade, podemos observar pela tabela 2 que dos 30 entrevistados, apenas 1 (3,3%) não cursou até o terceiro grau (a grande maioria 95,7% de *Claudia* e 100% de *Playboy* cursou, pelo menos, até o 3º grau).

Para os que cursam ou cursaram pós-graduação duas coisas podem ser ditas. Em primeiro lugar, há de se observar a porcentagem expressivamente maior daqueles que fizeram cursos de pós-graduação em *Playboy* (28,6%) em relação a *Claudia* (13%). Além disso, e esta é uma característica importante, em *Claudia* apenas mulheres cursaram pós-graduação e em *Playboy* apenas homens, Veremos, em seguida, que esta tendência se repete em relação a outros cursos de formação profissional.

Tabela 3 - Distribuição da redação por classes de cursos de formação universitária

	Claudia	*Playboy*	*Total*
Comunicação/Jornalismo			
	2	**4**	**6**
	33,3	66,7	100,0
Masculino	9,1	57,1	20,7
Outro tipo de formação			
	1	**1**	**2**
	50,0	50,0	100,0
Masculino	4,5	14,3	6,9
Comunicação/Jornalismo			
	15	**2**	**17**
	88,2	11,8	100,0
Feminino	68,2	28,6	58,6
Outro tipo de formação			
	4		**4**
	100,0		100,0
Feminino	18,2		13,8
	22	**7**	**29**
	75,9	24,1	100,0
	100,0	100,0	100,0

nº de ocorrências inválidas: 1

Como vimos, somente uma pessoa não cursou o terceiro grau, entretanto, qual a formação dos que fizeram universidade?

A tabela 3 nos mostra que as áreas de comunicação/jornalismo reúnem a maior parte das pessoas que tiveram algum tipo de formação universitária, 77,3% em *Claudia* e 85,7% em *Playboy*. Embora este seja o padrão, não é desprezível a porcentagem daqueles que tiveram um outro tipo de formação universitária[3], sobretudo, na revista *Claudia* (22,7%).

Tabela 4 - Distribuição da redação por classes de cursos de especialização em jornalismo/comunicação

	Claudia	*Playboy*	*Total*
Curso(s) de especialização em jornalismo/comunicação no Brasil Masculino	**2** 50,0 13,3	**2** 50,0 66,7	**4** 100,0 22,2
Curso(s) de especialização em jornalismo/comunicação no Brasil Feminino	**10** 90,9 66,7	**1** 9,1 33,3	**11** 100,0 61,1
Curso(s) de especialização em jornalismo/comunicação no Exterior Feminino	**3** 100,0 20,0		**3** 100,0 16,7
	15 83,3 100,0	**3** 16,7 100,0	**18** 100,0 100,0

nº de ocorrências inválidas 12

Além da formação universitária, perguntamos para as pessoas da redação de *Claudia* e *Playboy* se já tinham feito algum curso de especialização ligado às áreas de

[3] Por exemplo, Direito, Administração de Empresas, Artes Plásticas etc.

jornalismo e/ou comunicação. A comparação entre as duas revistas mostra que há uma porcentagem maior de pessoas da redação de *Claudia* (65,2%) com curso(s) de jornalismo e/ou comunicação do que em *Playboy* (52,8%). Uma hipótese, para explicar esta diferença em favor da revista feminina, pode ser formulada como uma espécie de "compensação" ao fato da redação de *Claudia* ter maior número de pessoas que não tiveram formação universitária em jornalismo e/ou comunicação, como vimos na tabela 3.

Se compararmos os dados da tabela 4 com o da tabela 2 podemos notar que na revista *Claudia* são as mulheres que têm uma formação profissional mais adensada[4]. Na *Playboy* ocorre o inverso, ou seja, são os homens aqueles que têm formação profissional mais sólida: somente pessoas do sexo masculino fizeram pós-graduação e dos que disseram ter feito cursos de especialização em jornalismo e/ou comunicação 66,7% são homens. Nossas constatações tornam-se mais evidentes se analisarmos a tabela 5, que trata de cursos de especialização não ligados às áreas de jornalismo/comunicação.

[4] Somente mulheres cursaram pós-graduação e dos que disseram ter feito cursos de especialização em jornalismo/comunicação 86,7% são do sexo feminino (incluídos cursos no Brasil e no exterior). Se levarmos em conta apenas as mulheres que trabalham em *Claudia* (ver tabela 1), das 20, 13 (65%) disseram ter feito curso(s) de especialização em jornalismo e comunicação.

Tabela 5 - Distribuição da redação por classes de cursos de especialização não ligados a jornalismo e/ou comunicação

	Claudia	*Playboy*	*Total*
Formações acadêmicas complementares		2	2
		100,0	100,0
Masculino		50,0	11,1
Outros cursos	2	1	3
	66,7	33,3	100,0
Masculino	14,3	25,0	16,7
História da Arte combinado com outros	4	1	5
	80,0	20,0	100,0
Feminino	28,6	25,0	27,8
Língua(s) combinados com outros	3		3
	100,0		100,0
Feminino	21,4		16,7
Formações acadêmicas complementares	1		1
	100,0		100,0
Feminino	7,1		5,6
Outros cursos	4		4
	100,0		100,0
Feminino	28,6		22,2
	14	4	18
	77,8	22,2	100,0
	100,0	100,0	100,0

nº de ocorrências inválidas: 12

Na revista *Claudia*, 85,7% dos que disseram ter feito cursos de especialização não ligados a jornalismo/comunicação são do sexo feminino. Na *Playboy*, 75% são homens. Destes cursos, história da arte e línguas reúne 50% das pessoas de *Claudia* (somente mulheres) e, na *Playboy*, a classificação "Formações acadêmicas complementares[5]", aparece de forma mais acentuada 50% (somente homens) do que em *Claudia* que tem 7,1%.

[5] Pessoas com formação acadêmica em jornalismo e/ou comunicação que declararam ter feito um outro curso universitário

*Tabela 6 - Distribuição da redação por classes de conhecimento de língua estrangeira**

	Claudia	*Playboy*	*Total*
Conhecimento bom ou ótimo de uma língua	**2**	**1**	**3**
	66,7	33,3	100,0
Masculino	10,5	14,3	11,5
Conhecimento bom ou ótimo de duas línguas		**3**	**3**
		100,0	100,0
Masculino		42,9	11,5
Conhecimento bom ou ótimo de três línguas		**1**	**1**
		100,0	100,0
Masculino		14,3	3,8
Conhecimento bom ou ótimo de uma língua	**8**	**2**	**10**
	80,0	20,0	100,0
Feminino	42,1	28,6	38,5
Conhecimento bom ou ótimo de duas línguas	**7**		**7**
	100,0		100,0
Feminino	36,8		26,9
Conhecimento bom ou ótimo de três línguas	**1**		**1**
	100,0		100,0
Feminino	5,3		3,8
Conhecimento bom ou ótimo de quatro línguas	**1**		**1**
	100,0		100,0
Feminino	5,3		3,8
	19	**7**	**26**
	73,1	26,9	100,0
	100,0	100,0	100,0

nº de ocorrências inválidas: 4

**** As línguas estrangeiras são: inglês, francês, espanhol e alemão***

Em relação ao conhecimento de línguas estrangeiras podemos notar, em primeiro lugar, que das 30 pessoas entrevistadas somente 4 (13,3%) disseram não ter conhecimento bom ou ótimo em pelo menos uma língua estrangeira[6].

Na *Claudia*, todos os que manifestaram conhecimento bom ou ótimo em pelo menos duas línguas estrangeiras são do sexo feminino, o que representa 47,4% do total ou, se levarmos em conta apenas as mulheres de *Claudia* (ver tabela 1), 45%. Na *Playboy*, há homens (57,2%) e mulheres (28,6%) que declararam conhecimento bom ou ótimo em pelo menos 2 línguas estrangeiras, entretanto, se consideramos apenas os homens que trabalham na revista, a porcentagem do sexo masculino com este tipo de conhecimento em línguas eleva-se para 80%.

[6] Essas pessoas trabalham na revista *Claudia*.

Tabela 7 - Distribuição da redação por classes classificadas como experiência de vida

	Claudia	*Playboy*	*Total*
Viagens			
	1	1	2
	50,0	50,0	100,0
Masculino	6,3	16,7	9,1
Esportes			
		1	1
		100,0	100,0
Masculino		16,7	4,5
Morar fora do país			
		1	1
		100,0	100,0
Masculino		16,7	4,5
Outros			
	1	1	2
	50,0	50,0	100,0
Masculino	6,3	16,7	9,1
Viagens			
	7	2	9
	77,8	22,2	100,0
Feminino	43,8	33,3	40,9
Esportes			
	2		2
	100,0		100,0
Feminino	12,5		9,1
Morar fora do país			
	2		2
	100,0		100,0
Feminino	12,5		9,1
Outros			
	3		3
	100,0		100,0
Feminino	18,8		13,6
	16	6	22
	72,7	27,3	100,0
	100,0	100,0	100,0

nº de ocorrências inválidas: 8

Além de perguntas sobre a formação profissional, pedimos para os entrevistados citarem alguma(s) experiência(s) de vida não ligada(s) à carreira profissional que considerassem importante(s) para a sua formação pessoal. O resultado pode ser visto na tabela 7.

Metade dos que responderam à questão em *Claudia*, incluindo homens e mulheres, disse que viagens (tanto para o Brasil como para o exterior) foram experiências fundamentais para as suas vidas. Se incluirmos, aqui, a classificação "morar fora do país" essa porcentagem passa para 62,5%. Desse total, a grande maioria é composta por mulheres (90%).

Em *Playboy* temos respostas muito parecidas às de *Claudia*. Metade apontou viagens como uma experiência de vida importante e, se acrescentarmos o campo "morar fora do país[7]", aumentamos a porcentagem para 66,7%. Desse conjunto, metade é de homens e metade de mulheres. Não deixa de ser significativo, entretanto, que a maioria das mulheres, em ambas as revistas , tenha apontado viagens como uma experiência de vida importante.

Afora "viagens", podemos citar "esportes[8]" como um campo que aparece em ambas revistas e a classificação "outros", que reúne desde cursos variados (línguas, política etc.), formações complementares; publicação de livros, desenvolvimento de CD-rom e filmes e espetáculos variados.

---

[7] O campo "morar fora do país", a exemplo de outros, foi a resposta somente de mulheres em *Claudia* e de homens em *Playboy*.

[8] Pessoas que disseram ter feito uma atividade esportiva regular (jogar vôlei, por exemplo) profissional ou recreativamente. Também observamos que somente mulheres responderam esporte em *Claudia* e somente homens em *Playboy*.

Tabela 8 - Distribuição da redação por classes de ocupação atual na revista em que trabalha

	Claudia	*Playboy*	*Total*
Diretor (a)		**1**	**1**
Masculino		100,0	100,0
		14,3	3,3
Redator (a)		**1**	**1**
Masculino		100,0	100,0
		14,3	3,3
Editor (a)	**1**	**1**	**2**
Masculino	50,0	50,0	100,0
	4,3	14,3	6,7
Repórter		**2**	**2**
Masculino		100,0	100,0
		28,6	6,7
Outros	**2**		**2**
Masculino	100,0		100,0
	8,7		6,7
Diretor (a)	**2**		**2**
Feminino	100,0		100,0
	8,7		6,7
Redator (a)	**1**		**1**
Feminino	100,0		100,0
	4,3		3,3
Editor (a)	**12**	**1**	**13**
Feminino	92,3	7,7	100,0
	52,2	14,3	43,3
Repórter	**3**		**3**
Feminino	100,0		100,0
	13,0		10,0
Outros	**2**	**1**	**3**
Feminino	66,7	33,3	100,0
	8,7	14,3	10,0
	23	**7**	**30**
	76,7	23,3	100,0
	100,0	100,0	100,0

nº de ocorrências inválidas 0

Até agora vimos que as mulheres, em *Claudia*, têm uma formação intelectual mais sólida e, na *Playboy*, o mesmo podemos dizer dos homens. No entanto, será que esta relação permanece quando cruzamos sexo com ocupações dentro das revistas?

A tabela 8 nos mostra que sim e que há quase uma simetria entre a distribuição por ocupação versus sexo. Na *Claudia*, são as mulheres que ocupam os cargos mais elevados, a saber, a de diretora e redatora-chefe, e na *Playboy* são os homens. A seguir podemos encontrar um editor "trocado" em cada revista, ou seja, um editor homem em *Claudia* e uma editora mulher em *Playboy* e, a partir daí, só encontraremos homens em *Claudia* e mulheres em *Playboy* na classificação das ocupações como "outros"[9].

[9] Exemplos de ocupações classificadas como outros: diagramador(a); atendimento ao leitor, secretário de produção, chefe de arte etc.

Tabela 8a: Distribuição da redação segundo ocupação por classes de idade do nascimento

	Anos 30	Anos 40	Anos 50	Anos 60	Anos 70	Total
Diretor (a)			2			2
			100,00			100,00
Claudia			33,33			6,67
Redator (a)				1		1
				100,00		100,00
Claudia				7,14		3,33
Editor (a)	1		1	10	1	13
	7,69		7,69	76,92	7,69	100,00
Claudia	100,00		16,67	71,43	14,29	43,33
Repórter				1	2	3
				33,33	66,67	100,00
Claudia				7,14	28,57	10,00
Outros			1	1	2	4
			25,00	25,00	50,00	100,00
Claudia			16,67	7,14	28,57	13,33
Diretor (a)		1				1
		100,00				100,00
Playboy		50,00				3,33
Redator (a)			1			1
			100,00			100,00
Playboy			16,67			3,33
Editor (a)		1	1			2
		50,00	50,00			100,00
Playboy		50,00	16,67			6,67
Repórter					2	2
					100,00	100,00
Playboy					28,57	6,67
Outros				1		1
				100,00		100,00
Playboy				7,14		3,33
Total	1	2	6	14	7	30
	3,33	6,67	20,00	46,67	23,33	100,00
	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

nº de ocorrências inválidas: 0

A tabela 8a nos mostra que a relação avanço da idade e melhores ocupações parece ser mais marcante na revista *Playboy* do que na *Claudia*. Na *Playboy*, o diretor

de redação, o redator-chefe e os editores da revista nasceram entre os anos 40 e 50 (classes de idade do nascimento mais elevada da revista). Tal fato nos parece interessante, sobretudo, se compararmos com a idade do público alvo desta revista, mais jovem do que *Claudia.*

Na *Claudia*, embora o principal cargo da revista, diretora de redação, seja ocupado por uma pessoa nascida nos anos 50, podemos notar que os nascidos nos anos 60 têm um peso importante dentro da revista (a redatora-chefe nasceu nesta década e 76,92% dos editores de *Claudia* são nascidos nos anos 60). Se desconsiderarmos o fato de que a sucessão dos cargos pode ser feita por pessoas que não trabalhem nas revistas, é razoável supor que existe pessoal qualificado mais jovem apto a assumir os cargos mais importantes na *Claudia*, enquanto que em *Playboy*, podemos notar uma carência de pessoal mais jovem (nascido entre 60 e 70) ocupando cargos que, em princípio, seriam predecessores dos mais importantes da revista.

Tabela 9: Distribuição da redação segundo classes ocupação atual por tempo que exerce esta ocupação

	Diretor(a)	Redator(a)	Editor(a)	Repórter	Outros	Total
Ocupação atual há menos de 1 ano		1	1			2
Claudia		50,00	50,00			100,00
		50,00	6,67			6,67
Ocupação atual entre 1 e 2 anos			2	1	4	7
Claudia			28,57	14,29	57,14	100,00
			13,33	20,00	80,00	23,33
Ocupação atual entre 3 e 4 anos			9			9
Claudia			100,00			100,00
			60,00			30,00
Ocupação atual entre 5 e 10 anos	2			1		3
Claudia	66,67			33,33		100,00
	66,67			20,00		10,00
Sem informação			1	1		2
			50,00	50,00		100,00
Claudia			6,67	20,00		6,67
Ocupação atual entre 1 e 2 anos		1	1	1		3
Playboy		33,33	33,33	33,33		100,00
		50,00	6,67	20,00		10,00
Ocupação atual entre 3 e 4 anos	1		1			2
Playboy	50,00		50,00			100,00
	33,33		6,67			6,67
Ocupação atual entre 5 e 10 anos				1	1	2
Playboy				50,00	50,00	100,00
				20,00	20,00	6,67
Total	3	2	15	5	5	30
	10,00	6,67	50,00	16,67	16,67	100,00
	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

nº de ocorrências inválidas: 0

A tabela 9 mostra, em primeiro lugar, que pouco mais da metade das pessoas de ambas as revistas exerce a atividade atual há pelo menos 3 anos. Na *Claudia* encontramos 12 pessoas que trabalham há pelo menos 3 anos na atividade atual, ou seja, 52,17% do total. Na *Playboy*, das 7 pessoas entrevistadas, 4 (57,14%) exercem a atividade atual há pelo menos 3 anos.

A direção das revistas parece ser o lugar onde se valoriza a permanência no cargo, sobretudo em *Claudia,* já que as pessoas que exercem esta atividade o fazem

há mais de 5 anos. Prosseguindo na revista feminina, dos 13 editores 9 (69,23%) exercem esta atividade há 3 e 4 anos[10].

Apesar de haver um corpo de funcionários experiente em suas atividades nas duas revistas, podemos notar alguns setores, especialmente o cargo de redator-chefe, que sofreu alterações recentes. Na *Claudia*, a redatora-chefe ocupa esta posição há menos de 1 ano e na *Playboy* o mesmo cargo é ocupado há pouco mais de um ano. Por se tratar de uma posição importante, esse dado talvez possa ser o indicador de mudanças ocupacionais em um futuro não muito distante nas duas revistas.

Tabela 10: Distribuição da redação segundo classes ocupação atual por classes de ocupação antes da atual

	Diretor(a)	Redator(a)	Editor(a)	Repórter	Outros	Total
Nunca trabalhou na revista antes *Claudia*	1 9,09 33,33		6 54,55 40,00	1 9,09 20,00	3 27,27 60,00	11 100,00 36,67
Exerceu 1 ocupação *Claudia*	1 11,11 33,33	1 11,11 50,00	4 44,44 26,67	2 22,22 40,00	1 11,11 20,00	9 100,00 30,00
Exerceu 2 ocupações *Claudia*			1 100,00 6,67			1 100,00 3,33
Exerceu 3 ocupações *Claudia*			2 100,00 13,33			2 100,00 6,67
Nunca trabalhou na revista antes *Playboy*				1 100,00 20,00		1 100,00 3,33
Exerceu 1 ocupação *Playboy*			2 66,67 13,33		1 33,33 20,00	3 100,00 10,00
Exerceu 2 ocupações *Playboy*	1 33,33 33,33	1 33,33 50,00		1 33,33 20,00		3 100,00 10,00
Total	3 10,00 100,00	2 6,67 100,00	15 50,00 100,00	5 16,67 100,00	5 16,67 100,00	30 100,00 100,00

nº de ocorrências inválidas: 0

[10] Em relação à separação por sexo, 55% das mulheres de *Claudia* trabalham há pelo menos 3 anos em suas ocupações atuais e, entre as mulheres de *Playboy*, este número chega a 100%. Entre os homens, 40% dos de *Playboy* exercem a ocupação atual há mais de 3 anos e 33,3% dos homens de *Claudia* estão na mesma situação. Estes dados indicam que as mulheres parecem ocupar por mais tempo suas atividades em ambas revistas.

A tabela 10 indica a carreira profissional das pessoas nas revistas onde trabalham. Para efeitos da apresentação dos resultados, agrupamos as respostas em algumas categorias que merecem ser explicadas. Se a pessoa, por exemplo, exerceu 1 ocupação na revista antes da atual duas possibilidades podem existir que, entretanto, foram agrupadas em uma só[11].

Feita essa ressalva, os dados da tabela 10 mostram que, em termos proporcionais, as pessoas da revista *Playboy* desenvolvem mais suas carreiras profissionais dentro da revista do que os profissionais de *Claudia*. Com efeito, das 7 pessoas entrevistadas apenas 1 (14,28%) nunca trabalhou na revista antes e, no momento, exerce a função de repórter, atividade que podemos considerar como de início de carreira dentro da revista. Na *Claudia*, além de encontrarmos uma porcentagem maior de pessoas que nunca trabalhou na revista antes, 42,82%, elas se dividem em praticamente todas as ocupações atuais, exceção ao cargo de redatora-chefe.

[11] A primeira, a pessoa tenha ocupado a posição anterior sem interrupções. A Segunda, a pessoa tenha exercido a ocupação anterior, saiu da revista para trabalhar em outro lugar e só depois tenha retornado para ocupar a posição atual. Em relação a este segundo caso, as tabelas 11 e 12 tratarão da trajetória profissional das pessoas da redação fora da revista em que trabalham atualmente.

Tabela 11: Distribuição da redação segundo classes ocupação na editora Abril por classes de ocupação atual

	Diretor(a)	Redator(a)	Editor(a)	Repórter	Outros	Total
Nunca trabalhou em revista Abril *Claudia*			6 66,67 40,00	2 22,22 40,00	1 11,11 20,00	9 100,00 30,00
Trabalhou em 1 revista Abril *Claudia*	2 25,00 66,67		5 62,50 33,33	1 12,50 20,00		8 100,00 26,67
Trabalhou em 2 ou 3 revistas Abril *Claudia*		1 16,67 50,00	2 33,33 13,33		3 50,00 60,00	6 100,00 20,00
Nunca trabalhou em revista Abril *Playboy*				1 100,00 20,00		1 100,00 3,33
Trabalhou em 1 revista Abril *Playboy*	1 50,00 33,33	1 50,00 50,00				2 100,00 6,67
Trabalhou em 2 ou 3 revistas Abril *Playboy*			2 66,67 13,33		1 33,33 20,00	3 100,00 10,00
Outros cargos Abril *Playboy*				1 100,00 20,00		1 100,00 3,33
Total	3 10,00 100,00	2 6,67 100,00	15 50,00 100,00	5 16,67 100,00	5 16,67 100,00	30 100,00 100,00

nº de ocorrências inválidas: 0

Se, por um lado, podemos dizer que a revista *Claudia* não valoriza tanto, a exemplo de *Playboy*, uma carreira profissional dentro da revista, por outro, o mesmo não podemos dizer em relação à carreira dentro da editora Abril. Em ambas revistas, todos os que ocupam os cargos mais elevados na revista (diretor(a) e redator(a)-chefe) tiveram passagem em pelo menos uma revista da Abril antes de exercerem a atividade atual.[12]

[12] Na revista *Claudia*, em relação aos editores temos 7 que tiveram pelo menos uma passagem em outra publicação da Abril contra 6 que nunca trabalharam em outra atividade dentro da Abril. Na *Playboy*, ambos os editores trabalharam em outras revistas da Abril. Há de se registrar, também, que a porcentagem de pessoas que iniciaram suas careiras na editora Abril pela revista onde trabalham atualmente é bem maior em *Claudia*, 39,13% contra apenas 14,28% de *Playboy*.

Tabela 12: Distribuição da redação segundo classes ocupação fora editora Abril por classes de ocupação atual

	Diretor(a)	*Redator(a)*	*Editor(a)*	*Repórter*	*Outros*	*Total*
Trabalhou em jornal(is) *Claudia*		1 11,11 50,00	5 55,56 33,33	1 11,11 20,00	2 22,22 40,00	9 100,00 30,00
Outras empresas de comunicação *Claudia*	1 12,50 33,33		5 62,50 33,33		2 25,00 40,00	8 100,00 26,67
Outras empresas *Claudia*	1 16,67 33,33		3 50,00 20,00	2 33,33 40,00		6 100,00 20,00
Trabalhou em jornal(is) *Playboy*	1 20,00 33,33	1 20,00 50,00	2 40,00 13,33	1 20,00 20,00		5 100,00 16,67
Outras empresas de comunicação *Playboy*					1 100,00 20,00	1 100,00 3,33
Nunca trabalhou fora Abril *Playboy*				1 100,00 20,00		1 100,00 3,33
Total	3 10,00 100,00	2 6,67 100,00	15 50,00 100,00	5 16,67 100,00	5 16,67 100,00	30 100,00 100,00

nº de ocorrências inválidas: 0

Para finalizar, a tabela 12 mostra a trajetória profissional das pessoas da redação fora da editora Abril. Em primeiro lugar, apenas 1 pessoa disse não ter trabalhado fora da editora, ou seja, a grande maioria tem uma trajetória profissional fora da editora Abril e, em alguns casos, bastante diversificada.

Além disso, há um número considerável de pessoas, em ambas as revistas, que tiveram passagens por jornais antes de exercerem a atividade atual. Na *Claudia*, 39,1% das pessoas encontram-se nessa situação e, em *Playboy*, este número chega a 71,42%. As pessoas com passagem anterior por jornais distribuem-se em quase todas as classes de ocupação atual (exceto para diretor em *Claudia* e outros para *Playboy*).

Outro dado que nos chamou atenção é que encontramos em *Claudia* um número expressivo (26,08%) composto por pessoas que nunca trabalharam em

empresas de comunicação, ou seja, que iniciaram suas carreiras em empresas de comunicação pela revista em que trabalham atualmente. Na *Playboy* este número é de apenas 14,28%.